

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES

Barbara Bechelloni

A identidade cultural como fator de integração

Comunicação, história, cultura e memória na hibridação
dos *itálicos* no Brasil

Dissertação apresentada à Escola de
Comunicação e Artes da Universidade
de São Paulo dentro do Programa de
Pós-Graduação em Ciências da Comunicação

Orientadora: **Profª Drª Maria Immacolata Vassallo de Lopes**

São Paulo, janeiro 2006

Folha da Banca

Presidente da Banca Prof.(a)Dr.(a)_____

Prof.(a) Dr.(a)_____

Prof.(a) Dr.(a)_____Instituição_____

Data ____/____/____

Agradecimentos

“Teus ombros suportam o mundo, e ele não
pesa mais do que a mão de uma criança”.

(Carlos Drummond de Andrade¹)

A Universidade de São Paulo pelo proveitoso
intercâmbio acadêmico.

A Univesidade “La Sapienza” de Roma que me
concedeu bolsa de estudos para o Brasil.

A minha orientadora, Professora Maria Immacolata
Vassallo de Lopes, pela paciência e pelo incentivo.

Ao meu pai com o qual eu compartilho esta linha de
pesquisa para um mundo melhor, sem conflitos!

A quem diretamente me ajudou na revisão e nas
sugestões da dissertação dedicando-me um tempo
precioso: Maria Augusta, Cris, Euclides, Leda.

A Manuela e toda a sua família pelo carinho e a
paciência.

A todos os amigos brasileiros que enriqueceram este
caminho para além da minha vida.

¹ Todas as citações e as epígrafes desta dissertação são traduzidas pela autora.

“Mas se ninguém tem coragem de arriscar, se ninguém formula hipóteses audazes e de amplo fôlego, que sentido há fazer pesquisa?”

(René Girard, (2003). *Origine della cultura e fine della storia*. Dialoghi con Pierpaolo Antonello e João Cezer de Castro Rocha, p. 109)

Talvez o nosso destino é aquele de estar eternamente em caminho, lamentando sem fim e desejando com nostalgia, sempre ausentes de repouso e sempre errantes.

Bendito é enfim só o caminho de que não se conhece a meta e que não menos nos obstinamos a seguir, tal a nossa marcha neste momento através da escuridão e os perigos sem saber o que nos espera.

(Stefan Swieg . *Il Candeliere sepolto*)

Sumário

Introdução.....	9
1. Percurso do trabalho.....	11
I. O problema de pesquisa, objetivos e hipóteses.....	15
1. “ <i>Italicidade</i> ” e diáspora.....	15
2. Objetivos e hipóteses.....	23
II. Globalização e cosmopolitismo.....	29
1. O que é a globalização através do olhar do Anthony Giddens.....	29
2. O olhar cosmopolita proposto por Ulrich Beck.....	38
3. Cidadões do mundo segundo Giovanni Bechelloni.....	48
4. Uma cultura da comunicação e a preparação do outro.....	53
III. As teorias e a terminologia das migrações.....	59
1. Alguns conceitos fundamentais das teorias das migrações.....	59
1.1. O estrangeiro.....	59
1.2 A migração.....	61
1.3 As teorias das migrações.....	62
2. Diasporas e migrações italianas.....	67
2.1 Pequena história do termo diáspora.....	67
2.2 A diáspora italiana.....	72
3. A <i>Italicidade</i>	77
3.1 As raízes históricas e as perspectivas do conceito de <i>italicidade</i>	78
IV. Configuração da imigração italiana no Brasil entre o século XIX e o século XX.....	86
1. As Itália e as fases da imigração.....	86
2. As políticas brasileiras de colonização.....	94
3. A colonização agrícola.....	97
4. As fazendas de café no Estado de São Paulo.....	99
5. São Paulo: a cidade e as profissões.....	102
V. Percurso metodológico e instrumentos de pesquisa.....	104
1. Introdução: um olhar para atrás e rumo para frente.....	104
2. O pesquisador objeto: uma perspectiva de auto-análise ou a experiência humana como experiência de pesquisa na pesquisa.....	104
3. Estratégia metodológica.....	112

3.1 O recurso fotográfico.....	115
VI. Conclusões.....	117
Refêrencia bibliográficas.....	122
1. Bibliografia citada no trabalho.....	122
2. Bibliografia complementar consultada	131
2.1. Sobre migrações.....	131
2.2. Teórico-metodológica	135
3. Webgrafia.....	137

Resumo

Os italianos no Brasil. A questão do outro no encontro com o estrangeiro, com o diverso de nós. Quais as características da diáspora itálica e quais as contribuições à identidade brasileira? Uma primeira hipótese de análise da presença italiana através dos diferentes níveis de integração que produziram a hibridação da cultura italiana com as muitas culturas presentes no Brasil e que contribuíram à formação do brasileiro, do Brasil e dos Brasis. Um país e um povo rico de diversidades, de misturas e de convivências de sucesso. Italianos portanto, também, brasileiros.

Trazer elementos de reflexão para o campo do conhecimento relativo à identidade, ao diálogo entre culturas, às hibridações culturais, à alteridade como abertura ao outro para desenvolver relações mais comunicativas e uma possível interculturalidade.

A construção de uma base teórica – a partir das teorias sobre globalização e cosmopolitismo, passando através da evolução das teorias das migrações – para a formulação de algumas hipóteses específicas através da elaboração de alguns novos conceitos como o da *italicidade* e dos *itálicos*. Planejamento de uma pesquisa empírica de campo a partir deste trabalho de conhecimento e reflexão teórico e histórico.

Palavras-chaves

Comunicação; identidade; migrações; hibridações culturais; diáspora itálica.

Abstract

Italian people in Brazil. The issue of the otherness in relation with the foreigner and the alien. The characteristics of italian diaspora and its contribution to brazilian identity.

A first analysis on the italian presence in Brazil considering the various integration levels producing the hibridization of the italian culture, and of the other foreigner cultures existing in Brazil, throw the various brazilian cultures. It is also an analysis of italian contribution to the formation of the Brazil itself, of the brazilian citizens and of the several Brazil existing in reality.

The target is a thought on identity, cultures, cultural hibridizations, otherness as a premise for the comprehension of the position of and for the developement of interculturality.

First of all we need a comprehension of the reality of globalization, cosmopolitism and people migrations, secondely the formulation of a theory about italian being and way of life. On this base some hypotesis can be formulated in order to develop an empirical research on the issue.

Key-words

Comunication, identity, migrations, cultural hibridizations, italian diaspora.

INTRODUÇÃO

Uma palavra ilumina a minha pesquisa: compreender
(Marc Bloch)

Desde a minha chegada no Brasil e do projeto inicial – quando a idéia era aquela de estudar as relações culturais e comerciais entre a Itália e os brasileiros de origem italiana – até hoje, muitas coisas aconteceram e algumas idéias mudaram e se (re)definiram.

Até o exame de qualificação, etapa preliminar necessária à defesa da dissertação, o percurso foi marcado pela conclusão de disciplinas, fundamentais para sugerir abordagens novas, as perspectivas dos estudos desta área no Brasil e para esclarecer os objetivos e o percurso do meu trabalho de pesquisa. Importantes foram as reflexões mais gerais que surgiram sobre mim mesmo e sobre o mundo. O aprofundamento de metodologias como a da história oral e das histórias de vida, através dos trabalhos do Professor Edvaldo Pereira Lima e da Professora Cremilda Medina, além de referências como Vilas Boas (2002, 2003) e Thompson (2002). De recursos como a fotografia como documento histórico e sócio-antropológico de memória, através dos textos do Professor Boris Kossoy e o trabalho desenvolvido por ele nas aulas. *Last but not the least*, o trabalho epistemológico e metodológico desenvolvido pela Professora Maria Immacolata Vassallo de Lopes, minha orientadora.

O trabalho feito para o exame foi muito importante, assim como o exame em si. Para a qualificação organizei o projeto de forma muito mais estruturada complementando-o com o trabalho feito até aquele momento. No exame, a banca apontou a complexidade e o porte (em termos de quantidade) do trabalho, evidenciando as dificuldades para ser desenvolvido dentro dos prazos do mestrado. Pouco tempo para o tipo de trabalho com o risco de fazê-lo sem o rigor científico necessário e sem dedicar o tempo certo à pesquisa empírica de campo. Acolhi esta, como outras sugestões, e decidi prosseguir em direção mais teórica. Aprofundar esta parte, desenvolvendo mais as questões sobre as quais o trabalho está fundado, mais em

direção epistemológica e de definição e estruturação do trabalho de campo empírico deixando uma proposta de pesquisa empírica a ser desenvolvida num eventual doutorado.

Apesar desta ser a dissertação final de um percurso de mestrado, não se pode dizer que seja um trabalho definitivo. Como a epistemologia e a metodologia nos ensinam, a pesquisa está sempre em movimento, nunca chega a um ponto final, definitivo, é sempre um processo em ato.

1. Percurso do trabalho

A idéia inicial veio de um conceito fundamental neste trabalho, que será mais à frente aprofundado, de “*italici*” e de “*italicidade*” (Bassetti, 2002)². Não considerando só as comunidades de italianos, ou de seus descendentes, mas todos aqueles que, sendo também de outras origens, compartilham valores, uma maneira de viver, comida, moda, etc. Algo como *comunidade de sentimentos* (Appadurai, 2001) ou *comunidades imaginadas* (Anderson, 1996), grupos de pessoas que dividem entre si um sentimento comum à volta de algumas coisas ou experiências, tendo a possibilidade de conhecer e escolher modelos e práticas de visões diferentes, de outras pessoas em outros lugares.

Na sua primeira versão, o trabalho queria explorar as relações econômicas e culturais entre a Itália e os brasileiros de origem italiana. Individualizando em particular uma tipologia destas relações, classificando-as segundo critérios de importância com relação à intensidade e à incidência dos laços com que estas relações contribuem, para a convivência no tempo e no espaço. Algumas possíveis tipologias poderiam ser a utilização da língua italiana para algumas atividades, como ler ou assistir televisão, as correspondências para manter laços entre os parentes, a família e os amigos; a compra e o uso de bens e serviços específicos; alimentos consumidos, utilização dos meios de comunicação: telefonia, *internet*; viagens, parentes, nível de instrução, tipologia de trabalho, currículos escolares, dentre outros.

Durante as primeiras fases da pesquisa bibliográfica e da exploração do campo, o meu projeto deparou-se com a possibilidade de ser diversamente articulado para se tornar parte inicial e pesquisa exploratória de um programa de pesquisa internacional³. Este programa está se tornando possível com a participação de outras instituições⁴ e

² Piero Bassetti, eminente personalidade do mundo empresarial, político e intelectual italiano; foi o primeiro Presidente da Região da Lombardia e, por muitos anos, presidente da Câmara de Comércio de Milão, da União Italiana das Câmaras de Comércio e, enfim, da União das Câmaras de Comércio italianas no mundo. É fundador do Centro di Studi *Globus et Locus*, uma associação com o objetivo de analisar as relações entre global e local.

³ Como no doutorado que ganhei este ano (outubro 2005) na Universidade “La Sapienza” de Roma.

⁴ Como a Universidade de Florença, a Universidade “La Sapienza” de Roma, o Ministero degli Italiani nel Mondo, o Instituto de Cultura Italiano de São Paulo, entre outros. Depois de uma primeira fase de exploração, o projeto foi avaliado positivamente pelo Ministério e está esperando os recursos necessários à sua continuação e atualização específica.

pesquisadores, e pretende promover atividades específicas de cooperação internacional e de pesquisa histórico-sócio-antropológica, com o objetivo (meta) de construir e difundir um conhecimento de tipo generalístico (generalista), necessário para enfrentar o aumento da complexidade humana do mundo globalizado. Investir em cooperação para construir imagens livres dos estereótipos, mais reais, laços mais fortes para desenvolver relações de maior equilíbrio e cooperação, para individualizar razões de intercâmbio econômico-cultural e político mais virtuosas do que as atualmente existentes.

Isto se torna importante, tendo em vista que a Itália vive um momento em que tem dado novo vigor às relações internacionais ligadas aos italianos no estrangeiro. É o que demonstra, por exemplo, a aprovação da Lei que viabiliza a possibilidade de voto para os cidadãos italianos⁵ residentes no estrangeiro, que traz à tona a complexidade das relações a necessidade de uma correta percepção das identidades, os fenômenos e as dinâmicas nas diferentes realidades migratórias no mundo.

Portanto, com base na minha participação no programa de pesquisa internacional, procedi à revisão do projeto de pesquisa inicial. Alguns dos indicadores e das sugestões colocadas na sua versão originária permanecem. A partir dos conceitos de “*italicidade*” e de “*diáspora itálica*” desenvolvi outros indicadores não-estatísticos, que serão colocados na proposta de continuação da pesquisa empírica à luz do trabalho de exploração teórica e do campo feita para este mestrado.

Na primeira fase de pesquisa bibliográfica e de exploração do campo, tive a oportunidade de conduzir cerca de vinte entrevistas abertas e/ou depoimentos informais, com alguns “testemunhos estratégicos”⁶ (Gianturco 2004, p. 42), das

⁵ Ou seja com passaporte que ateste a cidadania, independentemente do conhecimento da língua ou do território italiano. Condição, aquela de não conhecer a língua italiana e nunca ter ido à Itália, que sabemos ser muito frequente no Brasil.

⁶ Consideradas as pessoas que ocupam posições profissionais através das quais entram em contato com amplos segmentos da estrutura social, aquela que têm um conhecimento do problema (especialistas) ou que fazem parte da população objeto de estudo (líderes de opinião) que têm uma visão do conjunto direta e profunda do fenômeno. Neste caso a maioria são pessoas que ocupam cargos públicos, posições institucionais e funções de representação e cooperação ligadas à comunidade italiana no Brasil. Entre outros falei com: Edoardo Pollastri, Presidente da Câmara Ítalo-Brasileira de Comércio e Indústria; Celso Azzi, Vice-Presidente da Câmara Ítalo-Brasileira de Comércio e Indústria; Attilio Fania, Coordenador de

comunidades italianas⁷ no Brasil. Foram de grande ajuda para perscrutar as relações políticas e institucionais, as opiniões e as idéias em relação à comunidade italiana e às comunidades ítalo-brasileiras.

Apesar da pesquisa focar-se na cidade de São Paulo, o programa de pesquisa internacional refere-se ao Brasil, portanto conforme as minhas possibilidades financeiras e de tempo, tive a oportunidade também visitar e conhecer outras realidades de presença italiana e itálica. Estive em Vitória, no Espírito Santo, onde também é forte a presença italiana.⁸

Neste último ano de mestrado, tive a possibilidade de ir mais vezes à Itália, onde pude retomar um olhar externo, saindo da constante observação participante da realidade brasileira em que estava mergulhada já há muito tempo. Ajudou-me também retomar contato com a realidade sócio-política italiana em relação, sobretudo, a algumas das questões aqui trabalhadas. O debate sobre a identidade italiana e a européia, o voto para cidadãos italianos residentes no estrangeiro, as relações políticas e culturais com o Brasil e os brasileiros. Junto com as representações através da mídia, tanto na Itália como na França, onde ano de 2005 foi considerado o ano do Brasil⁹.

Formação e Projetos da Câmara Ítalo-Brasileira de Comércio e Indústria; Guido Clemente, Diretor do Instituto Italiano de Cultura; Mauro Marsili, Primeiro Conselheiro Comercial da Embaixada da Itália; Filippo La Rosa, Primeiro Secretário Comercial da Embaixada da Itália; Vanceslao Soligo, Jornalista da Agenzia Internazionale Stampa Estero; Claudio J. Pieroni, Presidente do COMITES – Comitê dos Italianos no Exterior (São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Acre e Rondônia); Riccardo Landi, Diretor Superintendente para o Brasil do Instituto Italiano para o Comércio Exterior; Agostino Torrano, Vice-diretor do Instituto Italiano para o Comércio Exterior; Prof. Leonardo Prota, Editor das Edições CEFIL e Humanidades de Londrina; Oliviero Pluviano, Diretor da Ansa do Brasil e Guianas; Bruno Giovannetti, Diretor do Centro de Estudos Presença Italiana no Brasil; Sergio Scocci, Vice Presidente Conselho Regional Toscani ao Estrangeiro.

⁷ Considero as *Comunidades italianas* como as várias comunidades que representam diferentes áreas geográficas ou regiões, ou diferentes segmentos da população itálica. Considero a *Comunidade itálica* como o conjunto dos italianos de origens, mais os que compartilham os mesmos valores.

⁸ Em Vitória consultei documentos e livros no Arquivo do Estado e tive a oportunidade de fazer longas entrevistas com o diretor Agostino Lazzaro, o vice-diretor Climar Franceschetto, a advogada Andressa de Prá – de origem italiana, que trabalha com pedidos de cidadania – e Patrizio Diego Errini, Presidente da Associazione degli Italiani Residenti nello Spirito Santo (AIRES). Tirei xerox de jornais, artigos e outros materiais impressos úteis para uma percepção geral da imigração e presença italiana no Estado do Espírito Santo. Mesmo se não utilizar este material de forma específica na dissertação, considero importante o material e relevante a experiência para ampliar mais os instrumentos de conhecimento, indispensáveis para uma boa análise do fenômeno.

⁹ Na Itália, o tema da Feira das Pequenas e Médias Editoras de 2005 foi o Brasil e em 2006, o Brasil também vai ser o tema, da maior, Feira do Livro de Turim.

O que este mestrado afinal vai representar é uma base teórica para construir e discutir os principais conceitos que aqui estarão colocados, seja através de um indispensável e mais aprofundado trabalho empírico de campo, sobretudo de coleta de histórias de vidas, no Brasil como em outros países, seja através de uma contínua reflexão intelectual.

E especificamente sobre os capítulos, no primeiro explicarei esquematicamente os dois conceitos principais, pressupostos indispensáveis: a *italicidade* e a *diáspora*. Explicarei também o problema da pesquisa, os objetivos, propondo algumas hipóteses.

No segundo capítulo tratarei de dois macrotemas, também fundamentais na contextualização e no processo de construção dos outros conceitos, tais como a globalização através principalmente do ponto de vista do estudioso Anthony Giddens; o cosmopolitismo por meio de algumas perspectivas abertas por Ulrich Beck num debate bem mais amplo e complexo; a idéia de cidadãos do mundo, segundo o olhar e as perspectivas do estudioso italiano Giovanni Bechelloni, chegando a delinear a idéia de cultura da comunicação em relação à percepção da alteridade.

O terceiro capítulo trata das teorias das migrações através de alguns conceitos como *estrangeiro*, *migrações*; voltando, também, a aprofundar, através do debate sobre a terminologia, o conceito de diáspora e a existência de uma ou mais diásporas italianas. Até chegar à *italicidade*, as raízes históricas e as perspectivas.

O quarto capítulo é de tipo histórico e tenta reconstruir, limitadamente, as configurações da migração italiana no Brasil entre o século XIX e o século XX.

No quinto capítulo levanto a hipótese de uma das muitas possibilidades de pesquisa empírica de campo que, a partir desta base teórica, pode ser desenvolvida.

No capítulo seis, estão algumas considerações finais.

Por fim, termino com as referências bibliográficas articuladas em obras citadas complementares que pesquisei e com as quais trabalhei, sobre migrações na América Latina e mais especificamente no Brasil e teóricas-metodológicas. Tais referências não são exaustivas, mas serão úteis para o processo completo de pesquisa, tanto a realizada como a que se seguirá.

I. O PROBLEMA DE PESQUISA, OBJETIVOS E HIPÓTESES

Todas as comunidades, também aquelas com maior enraizamento local, mantêm circuitos de viagem estruturados, que ligam os membros «em pátria» com aqueles «que estão longe dela».

(James Clifford, *Strade*, p. 315)

O passado é uma construção e uma reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história. ...

À relação essencial presente-passado devemos, pois, acrescentar o horizonte do futuro.

(Jacques Le Goff, *História e memória*, p. 25)

1. “*Italicidade*” e Diáspora

Dois são os principais conceitos, inovadores e controvertidos, a partir dos quais este trabalho baseia-se: *diáspora* e *italicidade*.

1) Por que falar de *itálicos* e não de *italianos*? Segundo Bassetti (2002) as razões são mais de tipo existencial e não de tipo “literário”, ou seja, não se originam nos livros. Segundo as suas palavras: “nascida após uma longa experiência – em diversos papéis internacionais – de viagens pelo mundo, de encontros e contatos com comunidades, instituições e pessoas que compartilham relações e planejamento compartilhadas com as grandes *bussiness communities* ‘itálicas’ espalhadas pelo mundo” (Bassetti, 2002). *Itálicos* e, portanto, *italicidade* no sentido cultural e não étnico-lingüístico ou jurídico-institucional.

Mas o conceito de *italicidade* ainda é controvertido. Há cerca de quatro anos este conceito está sendo trabalhado e estudado. Nasceu no contexto de uma pesquisa internacional promovida pelo Centro de Estudos *Globus et Locus*, fundado e

coordenado por Piero Bassetti. Muitos pesquisadores (filósofos e historiadores, sociólogos e antropólogos), italianos e estrangeiros colaboram com esta pesquisa¹⁰.

O conceito de *italicidade* surgiu num contexto de uma crítica radical do paradigma dominante do século XIX, do Estado nacional que, como lembra Giovanni Bechelloni¹¹, produz reações de significado oposto: os mitos nacionalísticos da “Grande Itália” e do Facismo ao poder¹² e os mitos miseráveis de uma “italietta”¹³ sem fôlego e sem grandezas que mandava à derrota os próprios filhos¹⁴, que denotam significados negativos.

Mas também de uma pesquisa de caráter positivo, e de substância realística, para construir relações interculturais que vão na direção de considerar as diversidades, mais para fazê-las interagir entre si, com o objetivo de tornar viável uma sociedade aberta, democrática e pacífica.

A *italicidade* constitui-se num conjunto de tradições e de competências construídas a partir da diáspora itálica no mundo, que consente a abertura ao outro. Tanto que seu conjunto de práticas culturais e valores não é característico só dos italianos ou dos italianos de origem; mas também de outros cidadãos, de outra cultura e nacionalidade que compartilham estes valores porque com ele entraram em contato e experimentaram-no a eficácia, à força.

Uma comunidade transnacional caracterizada pelos valores e os interesses compartilhados. Todas aquelas pessoas que além do *pertencer* (vínculo) étnico-

¹⁰ Até hoje foram organizados seminários de pesquisa em Washington (maio e outubro de 2003) e em Milão (junho de 2004), em colaboração com o Center for the Studies of Culture and Values da Catholic University of America, com a Universidade Católica do Sagrado Coração de Milão. Destaca-se também o seminário ocorrido em Vilnius, Lituânia (junho 2005), *Globalization, National Identities and the Quality of Life*. As atas dos primeiros dois encontros foram publicadas, uma coordenada por Paolo Janni e George F. McLean, *The essence of Italian culture and the challenge of a global age*, a outra por Piero Bassetti e Paolo Janni, *Italic Identity in Pluralistic Context*. As atas do terceiro encontro serão em breve publicadas.

¹¹ Numa recente palestra no Congresso da Sessão de Processos Culturais da Associação Italiana de Sociologia (2005).

¹² Documentada na Itália, e não só, através de uma vasta literatura.

¹³ Diminutivo de Itália em sentido depreciativo em forte oposição à “Grande Itália”.

¹⁴ Como está a demonstra o enorme sucesso dos livros e dos espetáculos levados pelo mundo do jornalista Gian Antonio Stella (2002, 2003).

lingüístico e da cidadania se sentem *itálicos* porque apreciaram e compartilharam – através do encontro com outras pessoas, com coisas (os produtos *made in Italy*) e com signos (como a informação, a arte, o cinema e todos os instrumentos tecnológicos que alimentam o nosso “imaginário coletivo”) do mundo itálico – valores e interesses desta natureza (Bassetti, 2002). A partir da idéia de uma multiplicidade de virtudes, dos italianos e dos *itálicos* ativos nos diversos lugares e na pluralidade dos papéis aos quais chegaram através do empreendedorismo e das outras qualidades, dos outros ingredientes culturais que provêm dos legados da milenar civilidade itálica. Qualidades e ingredientes culturais que, como diz Bassetti e retoma Giovanni Bechelloni são contagiosos e são somente adquiridos por outros em outras partes do mundo, etnicamente diferentes ou simplesmente não descendentes de italianos.

É a partir desta idéia que surge a palavra *itálicos*, de antigas origens “romanas”, que pode ser utilizada para indicar três diferentes tipologias de indivíduos¹⁵:

a) *os italianos “verdadeiros”*, aqueles residentes na Itália ou no estrangeiro que são cidadãos italianos para todos os efeitos (em tudo e por tudo), também nos aspectos jurídicos;

b) *os italianos de origem*, ou seja descendentes, por parte de mãe ou de pai, de italianos, emigrados, alguns há muito tempo e aí instalados permanentemente, adquirindo a cidadania e o idioma de outros países mas conservando, totalmente ou em parte, a marca dos traços culturais originários;

c) *outras pessoas*, variavelmente espalhadas pelo mundo, as quais, apesar de não ter laços parentais ou de sangue com nenhuma das duas tipologias anteriores, adotaram, totalmente ou em parte, traços culturais italianos. Do idioma ao estilo de vida, do amor enraizado por um ou outro dos aspectos do viver italiano (ópera, cozinha, moda, férias, residências de férias na Itália, paixão pela arte, pela literatura ou

¹⁵ Distinção explicitada por Giovanni Bechelloni (2005), surgida num contexto de reflexões para as quais este mesmo trabalho e o contínuo confronto, contribuiu à definição.

pela história italiana...), até a maneira totalmente italiana de se relacionar com a religião católica romana.

Na Itália, os *itálicos* podem ser também todos os imigrantes que vêm de outros países e que, ou já compartilhavam ou começaram a compartilhar valores, estilos de vida, sem com isso perder a própria identidade de origem, mas acrescentando-a com um outro *pertencer*, um outro vínculo, criando outras identidades.

Nesta acepção os *itálicos* formam um grupo numeroso de homens e mulheres de diversas formas conectados com traços visíveis, como memória histórica, memória individual e coletiva, práticas, rituais, como estilos de vida, tradições transmitidas através das gerações e da comunicação, como novas invenções, todas reconduzíveis de formas diferentes às matrizes originárias da civilidade itálica. Portanto, os *itálicos* são os construtores sociais da *italicidade* (Bechelloni G., 2005).

A italianidade leva consigo conotações nacionalísticas, que a identifica com o Estado nacional e com a Nação italiana no sentido estrito. Tudo aquilo que não queremos chamar à atenção. Inversamente, pretendemos atribuir ao conceito de *italicidade* um maior fôlego, um significado mais universal. Retomando as raízes antigas que são caracterizadas pela mistura entre as religiões, as culturas, os povos que juntando-se criaram a civilização helenístico-romana onde Roma, a Roma do *imperium* que leva à fundação de Constantinopla e ao nascimento da Igreja Católica, mistura-se com Atenas e Jerusalém (além das ascendências asiáticas e africanas).

A raiz histórica da *italicidade*, portanto, das específicas comunidades itálicas, está na emigração italiana pelo mundo, mas hoje é algo que vai além disso.

2) Falar de *diáspora* itálica significa redefinir o conceito de acordo com a tradição que quer edificá-lo sobre dois parâmetros. O primeiro considera a diáspora como a dispersão de um povo pelo mundo, e o segundo a traduz como a expulsão de um povo do território que habitou por séculos. Definição tradicional com foco na

análise da experiência judaica que se encontra também nos dicionários¹⁶. A dispersão não é necessariamente ou exclusivamente provocada ou imposta por uma força externa¹⁷.

Pode-se acrescentar que por povo entende-se também qualquer formação social distinta, caracterizada por uma identidade específica e por um difundido e comum sentimento de pertencer a um clã familiar, uma aldeia, um povo, uma etnia etc.

Mas a nova definição, que aqui coloco para ser aplicada ao caso italiano (mas não somente), mantém do significado tradicional a idéia de dispersão – difusão no mundo, mas elimina a idéia de expulsão. O exemplo paradigmático originário, ao qual esta nova definição aplica-se, é constituído pelo caso do povo grego e especificamente ateniense. Os gregos espalharam-se pelo Mediterrâneo constituindo colônias e assentamentos na Europa, na Ásia e na África¹⁸.

Donna Gabaccia trabalha muito com as diásporas dos migrantes italianos já a partir da Idade Média. Fala de diásporas entendendo as muitas diásporas contemporâneas e em movimento. As diásporas das pessoas com identidades diferentes às vezes não definíveis como “italianas” no sentido próprio do termo. Mais num sentido de *itálicos*. Tivemos diásporas de mercantes, *spazzacamini*, tocadores de *organetto*, dos anarquistas, dos fascistas mussolinianos e mais. As diásporas dos “localismos” (venezianos, florentinos, milaneses, genoveses, calabreses, sicilianos, etc.) típicas das muitas identidades regionais e urbanas, que se espalharam do local ao global.

Muito importante é evidenciar que, contrariamente à opinião de sentido comum, estas diásporas não foram como a dos africanos, ou a dos judeus, uma “diáspora das vítimas”. Foram relativamente poucas as vítimas entre os emigrantes

¹⁶ Definição do Dicionário da Língua Portuguesa Novo Aurélio: Do grego *diáspora*, “dispersão”. 1. A diáspora dos judeus, no decorrer dos séculos. 2. Dispersão de povos por motivos políticos ou religiosos, em virtude de perseguição de grupos dominantes intolerantes.

¹⁷ Cf. Dicionário da língua italiana Zanichelli.

¹⁸ A pesquisadora que mais tem trabalhado para formulação do conceito de diáspora é Donna R. Gabaccia da Universidade de Pittsburgh. Veja-se Gabaccia, 2003.

diáspora é Donna R.

que abandonaram a Itália. A maioria sim, saiu para melhorar as próprias condições e tentar a sorte e não para reações políticas, religiosas ou culturais. Tiveram a possibilidade de escolher por onde ir sem obrigações e restrições particulares. É por isso que as diásporas italianas são mais parecidas com aquelas dos gregos antigos, navegantes e empreendedores, as chamadas diásporas mercantis (Gabaccia 2003, p. XX).

Este tema foi discutido ainda no ano passado durante um congresso internacional em Turim (março de 2004), promovido pela Fundação Agnelli, que há anos hospeda o mais importante programa de pesquisa sobre a emigração italiana no mundo¹⁹.

O termo *diáspora* não descreve o simples fato de se pertencer à uma etnia, comunidade, nação ou a diferentes Estados-nações. Considerando que ela não se limita a destacar alguns pedaços do corpo da comunidade ou da nação, nem quer só redistribuir geograficamente no seu entorno estes fragmentos de povo. Não é só o deslocamento de grandes fragmentos de uma comunidade no espaço. Não é uma migração, apesar de exigir somente uma emigração. O espalhar-se da maior parte desta comunidade, o povo, entre muitos Estados ou espaços geográficos heterogêneos. A modalidade desta dispersão está relacionada à origem da diáspora, que não nasce só de procura por melhores condições de vida, mas também como consequência de uma mudança catastrófica. Somente em sua origem há um evento que repentinamente a gera. Por exemplo, a antiga ordem social e o sistema social cai, e esta queda e degeneração transforma-se numa parcial ou total erradicação daquele grupo ou do seu espaço geopolítico.

Para que uma diáspora transforme uma comunidade é necessário uma catástrofe social. As teorias racional-utilitaristas procuram relações lineares entre o piorar das condições de vida de um grupo social ou um povo, e o seu dispersar-se no espaço à procura de uma melhoria. Este tipo de explicação entra em choque com as mesmas dificuldades dos modelos lineares de previsão/agressividade aplicados às

¹⁹ Veja-se os muitos livros publicados (alguns citados nas referências bibliográficas) e a revista semestral *Altre Italie* que chegou ao número 30, e este último dedicado às migrações na Europa.

rebeliões sociais: quase nunca a capacidade e a possibilidade da rebelião são diretamente proporcionais ao nível de privação sofrida por um grupo.

Uma mudança catastrófica gera uma diáspora quando esta danifica símbolos constitutivos e representações coletivas que unem um sistema social. Ou seja, quando há ameaça de desagregação não são afetadas as condições materiais de existência do grupo, mas as representações de si mesmo como uma totalidade coesa: a sua identidade. Neste precário equilíbrio entre o máximo da dispersão e o máximo do sentimento do *nós*, a diáspora acaba sendo uma tentativa para manter a ligação ao grupo de origem. Cria-se portanto “identidade de diáspora” (Gabaccia 2003, p. XX). A força do *nós* através do paradoxo do exílio, ou seja, de uma distância que possa garantir a persistência da memória e a infelicidade acalmadora e encorajadora da saudade, da dor do retorno (regresso). A perda e o trauma, associados à uma dispersão involuntária no mundo, gera aquela necessidade de desejar o retorno à pátria, para criar um território seguro, protegido, somente o Estado-nação. A diáspora aparece, portanto, como estratégia última em defesa da própria identidade, que apresenta várias dimensões. Outro elemento importante na definição de diáspora.

A diáspora itálica é uma grande *diáspora transnacional* que, há muitos séculos, percorre o mundo e alimenta as interconexões e as redes. E das características da identidade de diáspora, os italianos só tinham o desejo do regresso à amada e, ao longo do tempo, mistificada pátria. Entendendo, muitas vezes a pátria como o *paese*, a cidadezinha, “o lugar, não o povo, uma nação ou um grupo com a mesma linguagem” (Gabaccia 2003, p. XXI).

A entidade desta diáspora, o caráter global e circular das migrações italianas revela-se muito importante nos processos de construção social, das identidades coletivas e individuais, da história e da memória da Itália e dos países hóspedes nestas relações transnacionais.

Não é a única *diáspora* que tem interessantes, peculiares e distintas identidades, e que pode, portanto, contribuir de forma original e significativa à construção de um mundo global mais humano e mais pacífico. Mas é esta que está na base deste trabalho.

É chamada, portanto, de *diáspora itálica* aquele fenômeno histórico em que a população de origem italiana espalhou-se no mundo durante o processo de migração entre 1860 e 1960. A partir do processo de unificação da Itália, da criação de um Estado-nação sem um verdadeiro consenso popular. O Estado italiano foi criado em 1861 para uma classe média patriótica. Só dois por cento da população italiana votou nos plebiscitos da criação. Não se pode falar de uma nação moderna que paradoxalmente pareceu formar-se com mais facilidade fora da Itália do que na Itália. Na época do Ressurgimento de cada três nacionalistas um emigrava ao estrangeiro. Foram anos de mudanças fundamentais dos esquemas migratórios já muito antigos. Através das migrações, a elite política entrou mais em contato com os mais humildes e pobres da península. Diferentes eram as motivações que levavam à emigração de diferentes categorias. Nesta época, em particular, os exilados políticos, mas também os emigrantes à procura de trabalho, e as elites portadoras de cultura. Estes três diferentes grupos se espalharam por diversos destinos. Aumentou a população indo para destinos mais distantes e aumentaram as emigrações dos italianos para o estrangeiro.

2. Objetivos e hipóteses

De acordo com a maneira como vim construindo os dois conceitos centrais deste trabalho, de *italicidade* e de *diáspora* tenho como objetivo central aprofundar os aspectos teóricos-conceituais que estão na base do trabalho empírico que poderá ser desenvolvido no doutorado ou na pesquisa internacional supra citada. Identificar os elementos diferenciais e as pessoas diferenciais, que viabilizaram a integração, a convivência e a hibridação.

O tema torna-se relevante em relação ao contexto da contemporaneidade – em que os problemas de integração e convivência pacífica entre diferentes povos e etnias, culturas e religiões requerem soluções sempre mais urgentes e viáveis. Tentar procurar os elementos que permitiram outras integrações e convivências entre outros povos e culturas. Experiências positivas²⁰.

Num momento tão complexo como este que estamos vivendo é importante tentar entender esta complexidade, aprendendo a se colocar perante si mesmo, como na frente dos outros, tendo os instrumentos para abrir-se, para encontrar-se com o outro na reciprocidade das próprias diferenças e semelhanças²¹. Muitos são os estudiosos contemporâneos que estão, de diferentes formas, tentando trabalhar à volta de conceitos como a alteridade, a identidade, a interculturalidade, o poder de convocação (Trupia 2002), de formas mais complexas.

Coloco aqui só alguns exemplos dos autores que foram e são fundamentais para o meu percurso de pesquisa e intelectual. Neste trabalho, tratarei, especificamente no próximo capítulo, principalmente U. Beck, A. Giddens e G. Bechelloni.

²⁰ Entendendo como experiências positivas, as experiências de integração, de presença e convivência não-conflitual. Verificável também, através dos exemplos, dos dados sobre criminalidade e por dados, não-estatísticos produzidos da observação, das histórias de vida e das biografias. Todas as informações que permitem justificar a expressão “Italiani brava gente”.

²¹ Considerações surgidas ao longo das muitas conversas e colóquios durante a fase de exploração do campo no início da pesquisa. Como o Cônsul Geral da Itália em São Paulo, o Primeiro Conselheiro da Embaixada, o Prof. Leonardo Prota etc.

Partindo de Anthony Giddens (1990, 1991, 1992, 1999 e 2000), na questão das mudanças em consequência da globalização, a identidade, a intimidade e as nossas vidas. Seguindo com o Tzvetan Todorov (1982, 1989, 1995a e b, 1996) que trabalha a questão do outro a partir da conquista da América e também através de uma reflexão muita profunda, do ponto de vista francês, sobre a diversidade humana. Os percursos do pertencimento a um lugar, a uma nação, os conceitos de identidade e de etnia, do reconhecimento das diferenças, numa abordagem crítica, partindo da própria história pessoal através da experiência dos totalitarismos e os novos riscos depois das próprias quedas. O problema da reconstrução do passado através da memória ameaçada para um comunicação voraz. Ulrich Beck (2000 e 2003) conhecido por trabalhar com as questões ligadas à globalização, evidenciou mais do que outros a questão do risco, mas também, nestes textos, a questão do cosmopolitismo como base para uma nova ordem mundial.

Michael Maffesoli (2000) trata da questão da viagem, do afastamento da própria casa como possibilidade de iniciação, de sair de si mesmo para se achar, encontrar o outro, se abrir ao outro, para encontrar a si mesmo. Edgar Morin (1998, 2002 e 2003), analisa o conceito de identidade, considerando-a polimorfa, ou seja, com muitas mais formas. Considera as identidades sociais, históricas, planetárias e até prevendo aquelas identidades futuras. Considerando portanto as identidades como algo de variável, mutável e plural. Giovanni Bechelloni (2002, 2003 a e b, 2004) que trabalha com os conceitos de identidade na perspectiva da construção histórica e sociológica da formação das identidades coletivas, em particular dos italianos. A idéia de um cosmopolitismo responsável através do entendimento do outro e da utilização da comunicação como recurso, uma vez que pode ser também um problema. Piero Trupia (2002) enfoca o poder de convocação como a capacidade de se abrir ao outro, como o *genius loci* da criatividade e do empreendedorismo (2003). Mauro Maldonato (2001 e 2004), através de uma abordagem fenomenológica husserliana, trata da identidade considerando-a, ele também, como algo que não é dado, como algo que muda através do tempo e do espaço. A condição do estrangeiro e da alteridade.

Este trabalho torna-se relevante no momento em que se registra que as relações entre Itália e Brasil não são proporcionais à importância que estas objetivamente poderiam e deveriam ter na cena internacional. A quantidade de italianos,

descendentes e, segundo as hipóteses colocadas, de *itálicos*, não é proporcional à consideração, à valorização e a abertura político-econômica e sócio-cultural entre os dois países. São relações pouco comunicativas, no sentido que não conseguiram pôr em comunicação as verdadeiras e profundas realidades dos dois países e das duas culturas. Prevaecem os estereótipos negativos: de uma imigração italiana feita de desesperados sem pátria, exilados ou expulsos; ou um Brasil carioca, só de sexo e carnaval. Estereótipos desfavoráveis às imagens recíprocas e que impedem o desenvolvimento das relações que ajudam a reconhecer o outro e a entrar em comunicação com o mundo dele, para que diferentes universos sociais possam se reconhecer nas próprias diversidades, mas também nas próprias complementaridades e semelhanças.

Num contexto mais amplo dos estudos dos italianos no mundo, países como Estados Unidos, Canadá e Austrália tornaram-se “nós de diásporas”, lugares de convergência, contaminação, hibridação entre diferentes culturas; “todos os lugares sociais e culturais, nações e Estados, caracterizados por uma grande mistura de religiões e culturas, por processos contínuos, originais e atuais, de hibridização e contaminação” (Bechelloni G. 2004, p. 228).

Quais são, portanto, as características desta diáspora? Por que o Brasil é “nó de diáspora” itálica? Como se adaptaram/integraram/misturaram estes milhões de italianos? Perguntas importantes que precisam de um estudo longo e aprofundado para serem respondidas.

Hoje muitos descendentes, apesar de pouco ou nada falar italiano, percebem sempre mais e sempre melhor o sentido de *pertencer* e o orgulho pela comum origem italiana e a percepção da história e da cultura que os liga à Itália²².

Uma hipótese é que o Brasil, e por alguns aspectos a Itália (hoje destino de imigração), antecipa o possível futuro do mundo. Um mundo habitado de seres

²² Consideração, resultada evidente nas entrevistas, nos depoimentos e nas histórias, recolhidos na primeira fase da pesquisa.

humanos – exilados e migrantes – que não são apátridas, mas filhos de várias pátrias, potencialmente “cidadãos do mundo”.

Enfim, o encontro entre a diáspora itálica e a pluricultural diversidade brasileira merece ser estudado. Almejando trazer elementos de reflexão para o campo do conhecimento relativo à identidade, ao diálogo entre culturas, às hibridações culturais, à alteridade como abertura ao outro para desenvolver relações mais comunicativas, a uma possível interculturalidade ou mais.

Dentro das reflexões que realizei sobre estes assuntos, a questão dos italianos no mundo e, sobretudo no Brasil, foi conduzida, com base numa bibliografia de caráter histórico, histórico-descritivo e sociológica, somente a partir de uma percepção negativa e “miserável” da imigração. Uma história de derrotados²³, anti-heróis do cotidiano. Como o exemplo de um jornalista italiano (Stella, 2003) que teve grande sucesso com livros e ensaios sobre histórias de migrações como derrotas, tragédias, sínteses de todos os piores estereótipos negativos²⁴.

Hoje os fluxos migratórios continuam, as rotas mudaram, às vezes se inverteram, mas continuam existindo. Da Europa às Américas, à África, à Ásia, e destas para a Europa. Fluxos e *contra-fluxos* de pessoas e de culturas, de signos e símbolos culturais até imaginários midiáticos. Procurar uma abordagem de análise diferente em relação às migrações, na perspectiva comunicativa, torna-se necessário e útil para uma civilização global pacífica.

Construir uma pequena cunha do maior e mais complexo programa de pesquisa internacional, cujo objetivo de fundo é fazer confluírem diferentes e opostas tradições de pesquisa na direção de uma contribuição à construção de relações mais comunicativas e menos conflitivas entre os povos.

²³ Trabalhos encontram-se citados nas referências bibliográficas.

²⁴ “Lindo país, gente feia; Alarme: estamos sendo invadidos pela horda (de cor) azeitona; Tribo de escravos estúpidos e murchos; Defecam no chão como os porcos; Católicos sujos e crédulos; Fome, analfabetismo e violência”. Pelo contrário, para entender a ausência de base empírica destes estereótipos negativos, é útil ler em contraposição a muito bem documentada história de Thomas Reppetto, *American Mafia – A History of its Rise to Power*. New York: Henry Holt and Company. 2004.

Orientadas estas relações na direção de uma solução pacífica e negociada dos conflitos entre os Estados e as culturas, podem libertá-las dos estereótipos e das incrustações ideológicas, dos conceitos e das imagens originadas pelo nacionalismo, pelo taylorismo, pelo fordismo e pela dominante pragmática niilista-positivista, afirmada no mundo depois das duas trágicas guerras mundiais, da guerra fria e pelo atual e dramático conflito de civilizações que contrapõe duas oposições fundamentalistas: neo-liberal e islâmica. Entende-se como relações comunicativas a capacidade de abertura e diálogo com o outro. A capacidade de entrar em contato com o outro, com o mundo dele. Para que diferentes mundos sociais possam reconhecer-se nas recíprocas semelhanças e diversidades.

Conhecer, observar e analisar a presença italiana através dos diferentes níveis de integração que produziram a hibridação da cultura italiana com as muitas culturas presentes no Brasil e que contribuíram à formação do brasileiro, do Brasil e dos Brasis. Um país e um povo rico de diversidades, de misturas e de convivências de sucesso. Italianos, portanto, também, brasileiros.

O objetivo é construir certos indicadores, para serem utilizados sucessivamente, num mais profundo e extenso trabalho de equipe e de pesquisa empírica.

Uma das hipóteses iniciais é que tenha havido integração, pacífica convivência e hibridação.

Outra hipótese seqüencial é que os italianos emigrados, já há muito tempo, são portadores de uma maior capacidade de relacionar-se com os outro. Portanto um exemplo de possível integração e interculturalidade a partir de alguns elementos e valores considerados itálicos. Uma mais ampla exploração nesta direção não será conduzida neste trabalho por questões de tempo.

Alguns objetivos específicos que tentarei alcançar são:

1) testar, através de uma primeira exploração empírica, no contexto da presença italiana no Brasil, do lado brasileiro da diáspora italiana, a plausibilidade da hipótese sobre a existência da *italicidade* como recurso comunicativo importante para a construção de uma sociedade aberta, livre dos preconceitos e das ideologias impregnadas, depositadas entre os cidadãos e os povos pelas guerras globais, que caracterizaram o terrível século XX e os totalitarismos.

2) conduzir a uma primeira, mas cuidadosa, investigação teórica, de natureza bibliográfica, que permita um primeiro mapeamento dos trabalhos feitos, da literatura publicada em relação ao tema dos italianos no Brasil e à formação da identidade brasileira.

Estes objetivos podem ser a base para um futuro trabalho empírico de pesquisa (através do doutorado ou do programa internacional), que deverá ampliar a investigação bibliográfica, mas sobretudo colher histórias de vida de pessoas comuns por meio da narrativa do cotidiano e depoimentos de testemunhos estratégicos²⁵, todos de origem italiana.

²⁵ Conforme a definição já colocada na Introdução.

II. GLOBALIZAÇÃO E COSMOPOLITISMO

1. O que é a globalização através do olhar do Antony Giddens

Alguns anos atrás uma minha amiga que estuda a vida de aldeia na África central fez a primeira visita em uma área remota, onde teria que desenvolver a sua pesquisa de campo. O dia em que chegou, foi convidada por pessoas de lá a passar a noite junto com eles: esperava encontrar as habituais diversões desta comunidade isolada, porém encontrou-se convidada à projeção de uma fita de vídeo de *Basic Instinct*, filme que naquela época não tinha ainda saído nas salas de Londres.

(Giddens 2001, p. 19)

Esta citação é muito significativa para introduzir o conceito de mundo que muda, de globalização e de cosmopolitismo.

Segundo Giddens, elementos importantes não são tanto as tecnologias em si, que sempre mais temos à disposição, mas as transformações que estas proporcionaram, das nossas vidas em um mundo que também está em contínua transformação, condicionando cada coisa que fazemos ou queremos fazer. Apesar de, talvez, não querer, estamos necessariamente mergulhados neste mundo global, e do qual, inevitavelmente, vivemos os efeitos.

Um certo tipo de globalização pode pressupor um mundo que nós não gostamos, ou que não nos atrai. Mas para entender para onde o mundo caminha e para onde nós estamos indo, não podemos ignorá-lo, mas temos que vê-lo, estudá-lo, tentar entendê-lo.

Já é interessante como o mesmo termo globalização tornou-se global²⁶ além de ser objeto de debate em muitos países no mundo. Na Espanha e na América Latina hispânica fala-se de *globalización*, em Portugal e nas áreas lusófonas de *globalização*, na França de *mondialisation* e na Alemanha de *globalisierung*, como em todo o mundo anglófono fala-se de *globalization*. Esta popularidade, difusão rápida do termo e do debate, criou dificuldade na clareza deste significado e produziu aquelas reações intelectuais sobre o sentido da palavra.

O que significa globalização?

Que vivemos todos na mesma maneira, da mesma forma? Que somos todos iguais? Nestes anos o debate, tanto acadêmico como não acadêmico, foi muito intenso. Muitos, intelectuais, políticos, pessoas comuns, confrontaram-se sobre o que entender com globalização.

Entre os estudiosos, Giddens define duas categorias²⁷: os *cépticos* e os *radicais*.

Os primeiros, os *cépticos* são aquele que põem em discussão a idéia de globalização no seu conjunto. Para estes o discurso sobre a globalização reduz-se em falácia porque apesar dos benefícios, das dificuldades, a economia global continua como sempre. A maioria dos países conseguem ganhar só uma pequena parte da própria receita através do comércio exterior. Os países europeus têm intercâmbios principalmente entre si, como igualmente fazem os outros blocos, como o Leste-asiático, da América do Norte ou da América Latina.

Os segundos, os *radicais*, dizem que a globalização é algo muito concreto e os seus efeitos são tangíveis em qualquer lado do mundo. O mercado global é muito mais desenvolvido do que era nos anos sessenta e setenta e não considera os limites nacionais. As nações perderam muito da própria soberania, como os políticos perderam a maior capacidade de influenciar os eventos.

²⁶ Ainda no começo dos anos oitenta praticamente não se usava este termo, nem na literatura acadêmica, nem na linguagem comum.

²⁷ Lembrando o que fez Umberto Eco com os *apocalítico* e os *integrados* em relação à televisão.

Como diz o japonês Kenichi Ohmae²⁸, os Estados-nações não existem mais, tornaram-se só “funções”.

Nesta distinção, Giddens diz que os *cépticos* tendem a colocar-se à esquerda, mais propriamente naquela chamada de antiga esquerda. A globalização, para estes, seria um mito, um disfarce pensado pelos defensores do livre mercado para destruir o *welfare* e cortar pela raiz as despesas do Estado. No máximo, para os *cépticos*, o que está acontecendo seria uma versão aprimorada do que já acontecia no fim do século XIX: ou seja, uma economia aberta com muitas trocas comerciais (Giddens 2001).

Agora a pergunta é: quem tem razão?

Ambas as posições são demasiado extremistas. Giddens, evidencia este aspecto e coloca-se mais na direção dos *radicais*. De fato o nível de trocas mundiais é hoje muito mais alto que em qualquer outra época e compreende um número sempre maior de bens e serviços. A verdadeira diferença está no nível de fluxos e dos capitais. Esta economia está estritamente ligada à moeda eletrônica. Um dado no computador!

Cada dia os mercados financeiros globais trocam mais de mil bilhões de dólares. Um fenômeno que cresceu sem possibilidade de comparação com o que acontecia antes. Seja qual for o valor do dinheiro que temos nos bolsos, ou nas contas do banco, este valor pode mudar de um momento para o outro, sem que façamos nada, só como consequência dos mercados financeiros.

²⁸ Kenichi Ohmae é ex-sócio sênior da McKinsey & Company e prestou consultoria durante vinte anos a grandes empresas e governos na área de operações e estratégia internacionais. Escreve para o *Wall Street Journal*, o *New York Times* e *Newsweek*. Amplamente reconhecido como um dos principais gurus em negócios da atualidade. No livro *Fim do Estado-nação*, argumenta que os Estados-nações já perderam seu papel como participantes da economia global, e que quatro grandes forças – o capital, as corporações, os consumidores e as comunicações – combinaram-se para usurpar o poder econômico. Dinossauros esperando a morte, os Estados-nações tornaram-se ineficientes na distribuição de riquezas e são substituídos pelos novos mecanismos da prosperidade, que Ohmae denomina de Estados-regiões. Um outro livro significativo para estes assuntos é *The Invisible Continent. Four Strategies Imperatives of the New Economy*. Fala de uma dimensão “sem confins”. Uma economia que não é ligada de forma alguma com os Estados nacionais. A migração além das fronteiras dos capitais. A dificuldade de achar um modelo válido para esta economia. Para o autor que vê o mundo do ponto vista japonês, temos que substituir a soberania nacional por aquela dos consumidores e dos cidadãos, num “mundo onde estes podem exercitar o direito da escolha”. Temos que treinar para conseguir viver no novo continente: novas formas de instrução, novas leis dos sistemas financeiros e das infra-estruturas. Para os indivíduos, significa estar *preparados a viver em qualquer lado do mundo*.

Para a maioria das pessoas, um milhão de dólares já é uma quantidade enorme de dinheiro: medido em uma pilha de notas de cem tem mais de vinte centímetros. Um bilhão de dólares seria mais alto do que a cúpula de São Pedro, enquanto mil bilhões seria vinte vezes o monte Everest.

(Giddens, 2001, p. 22)

Não podemos não reparar que a globalização é, assim como está sendo vivida, algo revolucionário e não só do ponto de vista financeiro.

Giddens acha que nem os *cépticos*, nem os *radicais* entenderam realmente as implicações que a globalização comporta em termos de mudanças para cada um de nós. O engano dos dois é ver o fenômeno só em termos econômicos. Mas a globalização é também algo político, cultural e tecnológico e desenvolveu-se, sobretudo, através do progresso dos meios de comunicação.

Na metade do século XIX, algo aconteceu que anunciou a mudança.

Samuel Morse, professor de desenho na Universidade de Nova Iorque transmitiu a primeira mensagem com o telégrafo eletrônico²⁹. Este foi o começo de uma nova era, que durou até o advento das comunicações via satélite, que quebraram todas as barreiras do passado. O primeiro satélite comercial foi lançado em 1965³⁰. Hoje estão em órbita, por cima das nossas cabeças, rodando em volta da Terra, mais de 200 satélites. Podemos comunicar instantaneamente de um lado para o outro do globo. Isto nos parece coisa normal porque já estamos acostumados, mas na realidade os satelitares são recursos muito recentes, que, porém, já mudaram muito as nossas vidas.

Em primeiro de fevereiro de 1999, depois de quase 150 anos de sua invenção, o Código Morse, com pontos e linhas, desapareceu no mundo inteiro como instrumento

²⁹ Em 1838 foi feita a primeira demonstração do telégrafo eletrônico em Washington, perante de representantes do governo federal. (Flichy 1994). A mensagem foi “O que fez o Senhor?”.

³⁰ Early Bird este é o nome do primeiro satélite comercial internacional para as telecomunicações, chamado também de *Intelsat 1*, criado por norte-americanos.

de comunicação, principalmente nos navios, para as quais representou durante muito tempo, o único meio de comunicação. Agora todos os equipamentos são via satélite³¹.

A comunicação eletrônica instantânea não é só algo que muda a velocidade de transmissão das informações, mas é algo que modifica as vidas de todos nós, de diversas formas, ricos e pobres.

... quando a imagem do Nelson Mandela torna-se mais familiar que a cara do nosso vizinho, então qualquer coisa mudou na natureza da nossa experiência cotidiana. Nelson Mandela é de fato uma celebridade global, mas a mesma celebridade é produto das novas tecnologias.
(Giddens, 2001 p. 24)

Portanto, é fundamental entender que a globalização não tem a ver só com os sistemas financeiros. A globalização toca o que está fora e longe do indivíduo, como também o que está dentro e perto dele. Influencia e muda a intimidade e a muda³².

As mulheres querem mais oportunidades e os valores familiares mudam, os sistemas tradicionais transformam-se.

Estamos assistindo a uma verdadeira revolução global na vida cotidiana, na política, como na cultura e no trabalho, em cada canto do mundo algumas coisas está mudando radicalmente.

A globalização é portanto um complexo conjunto de processos, um conjunto que trabalha de forma contraditória e conflitual. Podemos defini-la como a intensificação de relações sociais mundiais. Relações que permitem que, em localidades distantes, os eventos locais sejam modelados para os eventos que verificam-se a milhares de quilômetros de distância e vice-versa.

É um processo dialético porque estes eventos locais podem ir em direção contrária às relações distantes que os modelam. A *transformação local* é um aspecto

³¹ Já em 1997, os franceses, nas próprias águas nacionais, enviaram a última mensagem: “Atenção. Este é o último grito antes do eterno silêncio”.

³² A este propósito Giddens dedicou um livro às mudanças da intimidade nos seres humanos como consequências da globalização.

da globalização, porque representa a extensão das conexões sociais no tempo e no espaço.

Por exemplo o retorno a nacionalismos locais na Europa e em outras partes do mundo. O desenvolvimento das relações sociais globalizadas é necessário, provavelmente, para amortecer alguns aspectos do sentimento nacionalista ligado aos Estados-nações, mas pode coligar-se, sem querer, ao reforço dos sentimentos nacionalistas mais localizados. Em circunstâncias de crescente globalização, o Estado-nação tornou-se “demasiado pequeno para os grandes problemas da vida e demasiado grande para os pequenos problemas da vida” (Bell 1986)³³.

A globalização puxa não só para o alto mas também para o baixo, criando novas pressões em favor da autonomia local, através da qual renasceram as identidades culturais em muitos lugares do mundo³⁴. O nacionalismo local surge como resposta às tendências globalizantes na medida em que se enfraquecem os Estados-nações. Proporciona-se uma maior autonomia local e uma, mais evidente, identidade cultural regional.

Deforma os confins criando novas áreas econômicas e culturais dentro e através das nações. Áreas de confins geograficamente e/ou culturalmente³⁵.

Estas mudanças são favorecidas por diversos fatores de tipo estruturais, históricos, como mais específicos. Sem dúvida, as influências econômicas têm um papel importante, fundamental como motor destes processos, sobretudo o sistema

³³ Bell 1986 p. 1-31, citado por Giddens (1994 e 2000).

³⁴ Criando assim também um grande debate sobre as identidades. Com uma prevalência de conflitos entre a necessidade de mantê-la imutável, protegendo a própria identidade “originária”, evitando ou limitando as “misturas”. E quem pensa na necessidade atual de não estar apegado a nenhum tipo de tradição. Ser sem raízes, como a base do cosmopolitismo. Este debate tem como hipótese central a consideração de que só podemos ter uma, ou nenhuma, identidade única. Mas há muitos estudos, na linha dos quais me coloco – num sentido mais geral e sem agora abordar especificamente de cada um deles – que consideram a identidade como algo plural, polimorfa, móvel. Trabalham na idéia que cada pessoa tem uma pluralidade de identidades, assim como um povo ou uma nação. Não se pode falar mais de uma identidade como algo fixo e estável. Veja-se e pensa-se as muitas identidades que formam o povo brasileiro. Não podemos dizer que o brasileiro é somente brasileiro. Cada um é também um pouco uma outra coisa e isto não é válido num sentido de pertencer “étnico”.

Veja-se, mais à frente neste capítulo, mais considerações sobre este assunto, no parágrafo 2.

³⁵ Exemplos como Hong Kong, Itália do norte, Silicon Valley na Califórnia, México e Brasil. São também lugares de culturas híbridas.

financeiro mundial. Estas forças motrizes nascem como conseqüências das tecnologias e, portanto, da difusão cultural. De fato “a cultura”³⁶ torna-se mais acessível. Assim como as decisões dos governos de liberalizar e desregular as economias nacionais.

A queda do comunismo soviético pode ter explicações, também, através dos processos de globalização. O comunismo soviético centrado numa condução estatal das empresas como das indústrias, não podia concorrer com uma economia eletrônica sempre mais global. E em uma época de mediatização global não podia continuar a sobreviver o controle cultural e ideológico. Como impedir a chegada das informações? Não conseguiram impedir de ouvir e de ver os programas de rádio nem de televisão ocidentais. A televisão teve um papel direto nas revoluções de 1989 – aquelas envolveram todos os países da ex-União Soviética – que foram, portanto, chamadas “revoluções televisivas”. Logo que os protestos aconteciam nas praças, eram vistos nos outros países através da televisão, criando um efeito dominó com os espectadores que conseqüentemente desciam nas praças e nas ruas.

Sem dúvida, a globalização não tem conseqüências só positivas. Para muitas pessoas no mundo, sobretudo as que vivem fora da Europa e da América do Norte, esta pode ter um aspecto de ocidentalização, ou até de americanização. De fato, os Estados Unidos são ainda hoje uma potência econômica, cultural e militar dominante na ordem mundial. Alguns dos visíveis signos culturais da globalização são americanos, como a Coca-Cola, o McDonald's, a CNN.

Apesar de que hoje, algumas coisas estão mudando. Outros são os símbolos da globalização que nós encontramos em muitos lugares do mundo. São signos que têm a ver com diferentes culturas, diferentes pertencer. Podemos encontrar tudo, ou quase tudo, em qualquer lado do mundo. Portanto também comidas, ou objetos chineses, paquistaneses, como brasileiros, por exemplo em quaisquer países da Europa, e somente vice-versa. A bandeira do Brasil tornou-se, nestes últimos anos, um ícone a ser mostrado, como símbolo não só do país em si e dos brasileiros, mas de estilos de

³⁶ Com o termo “cultura”, não se entende o sentido de cultura da elite, mas de cultura num sentido geral, seja propriamente de classe alta ou baixa.

vida, da maneira de estar no mundo. Como para os italianos se tornaram-se globais há séculos.

Em Roma, pode-se encontrar um árabe fumando o *narguilé* em um café qualquer da cidade, no meio do centro histórico.

Há também visões pessimistas que podem entender a globalização como algo que tem a ver com o norte industrial do mundo. Segundo esta visão, a globalização destruiria as culturas locais, pioraria as condições dos pobres e aumentaria as desigualdades. Há quem diga que esta globalização está produzindo um mundo de ricos e pobres, de vencedores e vencidos.

Neste aspecto, me coloco na posição de quem acha que entre “não ter” um mundo globalizado e tê-lo, preferem tê-lo. Temos que aprender a gerir esta nova realidade, esta liberdade e maior possibilidade de encontro.

Aumentam-se os riscos³⁷ ecológicos, as mudanças climáticas, de crises financeiras³⁸ e a ameaça dos atentados terroristas, assim como os de outra natureza. Beck fala de uma “sociedade mundial do risco” onde globais não são só os consumos e as economias, mas também os perigos. Continuam aumentando as desigualdades. Nesse ponto concordo com Giddens (2001), quando diz que não podemos atribuir a culpa só aos ricos. “... A ‘globalização’ hoje equivale só parcialmente à ‘ocidentalização’”. Apesar dos países ricos continuarem a ter uma grande influência, a globalização, está cada vez mais se descentralizando, fora do controle dos grupos de nações, como das grandes *corporations*.

Os efeitos da globalização são vistos e sentidos no Ocidente e além. Aliás, está afirmando-se o que poderia chamar-se de “colonialismo ao contrário”, ou seja a influência dos países não-ocidentais no desenvolvimento do Ocidente. Por exemplo, podemos pensar na hispanização de Los Angeles, o setor *hi-tech* na Índia, como o sucesso dos filmes de *Bollywood* e as vendas das telenovelas brasileiras em Portugal e no mundo.

³⁷ Sobre a questão dos riscos de diferentes naturezas, que a nova era da globalização trouxe, veja-se Beck (1999, 2000b, 2000c, 2001, 2003a)

³⁸ Como as dos países asiáticos.

A globalização é, portanto, uma força que trabalha para o bem comum? É uma pergunta difícil dada a complexidade do fenômeno. Sem dúvida, quem pensa que a globalização aumenta as desigualdades mundiais, pensa nela só do ponto de vista econômico e do livre mercado. Este, de fato, não é sempre e só um benefício, pode comprometer uma economia auto-sustentável.

Mas a globalização é muito, muito mais do que isso.

Para concluir, o Estado-nação está mudando debaixo dos nossos olhos. As nações devem repensar as próprias identidades. Porque todos estes fenômenos criaram o que hoje pode-se chamar de *sociedade global cosmopolita*. Como Giddens (2001) nos lembra:

... nós somos a primeira geração a viver nesta sociedade, cujos contornos mal conseguimos distinguir. Esta subverte os nossos habituais modos de viver, seja onde quer que nós encontramos. (...) Crises com modalidade anárquicas e acidentais, empurrado por uma mistura de fatores. Não é definitivo, nem seguro, porém cheio de incógnitas, não só marcado por profundas separações.

(Giddens, 2001, p. 31)

A globalização é a mudança das condições da nossa existência, é o mundo em que nós vivemos hoje, não podemos ignorá-lo ou não vê-lo.

2. O olhar cosmopolita proposto por Ulrich Beck

O que significa cosmopolitismo? Este termo contém as histórias mais maravilhosas e, ao mesmo tempo, as mais terríveis.

(Beck 2005, p.11)

Heintich Laube, na metade do século XIX, reduz o cosmopolitismo a uma idéia:

Falando de humanidade somente se esquecem os homens, aquilo que é de qualquer forma um signo de piedade na época de incêndio, de canhões e discursos ardentes. A idéia é uma coisa lindíssima, até demasiado grande para quase todos, contudo permanece só uma idéia. Se não se mistura com o indivíduo, com a pessoa, é como se não existisse.

(Laube 1938, p. 88)³⁹

Nos mesmos anos Heinrich Heine profetizava:

“(...) isto no final vai se tornar uma maneira comum de sentir em toda a Europa e que (...) terá mais futuro dos nossos homens do povo alemão, estes seres mortais, que pertencem só ao passado...”. Para ele, o patriotismo alemão é “(...) que o seu coração aperta-se e retrata-se como a pele ao frio, que odeia aquilo que é estranho, que não quer mais ser cidadão do mundo, europeu, mas nada mais do que ser alemão”

(Heine 1997, p 710)⁴⁰

³⁹ Heinrich Laube, *Das junge Europa*, vol. 1, citado em Beck (2003b e 2005).

⁴⁰ Heinrich Heine, *Sämtliche Schriften*, vol. 3 citado em Beck (2003b e 2005).

Estes são alguns dos controvertidos debates do Iluminismo, dentre os quais não nos interessa adentrar, se não para lançar para o tema do cosmopolitismo hoje.

O que nos importa aqui é como a mesma realidade torna-se cosmopolita. Partindo do que está mais em pauta no nosso cotidiano e o que está na genealogia dos riscos globais: o perigo do terrorismo não tem confins. A guerra no Iraque. Pela primeira vez, uma guerra foi considerada um problema de política interna mundial, que através dos meios de comunicação envolveu, contemporaneamente, toda a humanidade.

É possível observar como a globalização da política, da economia, da cultura, das redes de comunicação acende os ânimos na frente dos possíveis riscos globais e torna as opiniões públicas políticas do mundo inteiro sempre mais inflamadas.

Desta forma, o cosmopolitismo parou de ser só uma idéia racional e tornou-se realidade.

Mais ainda, com as palavras de Beck:

(...) tornou-se a cifra de uma nova era, a era da modernidade reflexiva, na qual os confins e as distinções nacional-estatais dissolvem-se e se vêem rediscutidos à insígnia de uma nova política da política.

(Beck 2005)

É por isto que estamos diante da necessidade de uma nova perspectivas para entender a realidade social e a política nas quais vivemos e agimos. Esta nova perspectiva é para Beck o *olhar cosmopolita*.

Através deste olhar, põe-se em discussão um dos mais fortes pilares da representação da sociedade e da política. Isto se baseia na convicção que a sociedade e a política modernas só podem existir se organizadas na base do Estado nacional, onde a sociedade está identificada com a sociedade nacional, territorial colocada em confins definidos. Falamos, assim, de um *olhar nacional* quando, neste contexto, os atores sociais aderem a esta concepção.

Falamos de *nacionalismo metodológico* quando esta concepção determina a perspectiva científica do observador. Este ponto de vista, foi adotado pelas ciências sociais, pela história, as ciências e economia políticas, mas é importante evidenciar que não tem uma relação lógica, mas apenas histórica.

A sociologia afirmou-se contemporaneamente junto ao fortalecimento do Estado nacional, do sistema da política internacional e do nacionalismo. A partir disso, surge o axioma principal do *nacionalismo metodológico*, “ou seja, a afirmação que a nação, o Estado e a sociedade são formas sociais e políticas ‘naturais’ do mundo moderno” (Beck, 2003 p. 31). Mas o mundo com as suas profundas mudanças, não pode ser percebido, estudado, entendido, através do *olhar nacional* e dentro do sistema de referência do *nacionalismo metodológico*. Que não permitiria uma visão global, entrelaçada, mas fechada.

O olhar nacional entra em crise a partir do *diálogo sobre a procedência*. Escreve Elisabeth Beck-Grensheim:

Quem se chama Michel Schmid ou Petra Paulhuber e, ainda mais, tem olhos azuis e cabelos loiros ou castanhos será obviamente considerado um autóctone, quando estiver nos lugares públicos, nas lojas, escolas, discotecas alemãs, porque corresponde à imagem do alemão normal. As coisas irão diferentemente para aqueles que, também tendo um passaporte alemão, têm um nome que parece estrangeiro, uma pele escura, traços do rosto diferentes. Dado que se afastam da imagem standard dos alemães, terão regularmente a ver com a pergunta: “de onde você vem?”. Começa então o que Santina Battaglia – justamente uma pesquisadora com nome que tem som estrangeiro – chama de diálogo sobre a procedência.

(...) Por exemplo assim:

“De onde você vem?”

“De Essen”.

“Não, entendo: de onde você provem?”.

“De Essen”.

“Não, quero dizer: de onde você é originário?”.

“Nasci em Essen”.

“Mas os seus pais?”.

“A minha mãe também é de Essen”.

“E seu pai?”.

“Meu pai é italiano”.

“Aha...! É um nome italiano”.

“Sim”.

“De qual parte da Itália você vem, então?”.

“Não venho da Itália”.

“Mas os seus pais?...”.

Mas também se situações de diálogo como esta são previsíveis e repetem-se de forma similar, ao mesmo tempo diferentes são as percepções dos participantes da interação. O “autóctone” (o alemão normal, o norte-americano branco, o inglês branco) vê na sua frente alguém que não corresponde às expectativas do seu olhar mononacionalista, monocultural. A sua reação é de curiosidade, aliás – ele pensa – de abertura e interesse para quem está na sua frente. Contudo, somente este último está tocado desagradavelmente, ou se sente mesmo discriminado. Sente-se, literalmente, colocado para fora. Não é por um acaso que a Battaglia define o diálogo sobre a proveniência uma “discussão sobre as raízes”. Esta necessita de uma explicação: deve-se motivar o próprio pertencimento e esclarecer porque esta, apesar das aparências, pode ser a Alemanha, a Grã Bretanha, os Estados Unidos, etc. Para este objetivo, é necessário indicar pormenores íntimos da própria história familiar, acrescentar sempre com novos, recomeçar cada vez do início. Desta forma, a corrente de perguntas leva o inquirido à uma situação de *double-blind*, que apresenta só alternativas más: se o inquirido põe limites, aquele que o questiona se sente erroneamente recusado. Se porém o questionado aceita todas as perguntas, cia

inevitavelmente uma situação em que fica nú unilateralmente.

(Beck-Gernsheim 2003, p. 158)⁴¹

Quando o autóctone vê, na sua frente alguém, que não corresponde às expectativas do seu *olhar nacional*, monocultural, a sua reação será de curiosidade, pensando de ser aberto e de demonstrar interesse por quem está à sua frente. Quando é uma pessoa que tem aspecto que causa estranheza⁴², a associação de distância e de diversidade, sempre encontram-se submetidas a inquéritos similares, através dos quais precisam justificar-se.

Esta é uma teoria-prisão da identidade (Beck 2003b) por meio da qual cada pessoa tem uma pátria, a própria, e não pode escolhê-la, pertence-lhe desde o nascimento.

Perguntar-se quem sou? De onde venho? Não existe sempre uma única, uma só e idêntica resposta. Temos respostas diferentes, porque temos diferentes pertencer, diferentes níveis de identidades⁴³. Entram condições relacionadas com a situação, sobretudo política e as diferentes fases da própria biografia.

O dualismo estrangeiro-autóctone, típico do olhar nacional, não é mais suficiente para entender a realidade. A vida é cada vez mais transnacional, caracterizada por múltiplos pertencer, além das fronteiras entre países e nacionalidades.

⁴¹ Elisabeth Beck-Gernsheim, *Wir und die Anderen*, citado em Beck (2003b e 2005)

⁴² Para algumas definições de estrangeiro veja-se neste trabalho o capítulo III, par. 1. Conceito, sempre relativo e dependente do contexto. O que significa ter aspecto de estrangeiro? Por exemplo, uma pessoa com o cor da pele escura pode-se achar estrangeiro e diferente na Alemanha, mas não no Brasil, como um branco sendo este um país em que o ser estrangeiro é difícil de categorizar e distinguir claramente.

⁴³ O debate sobre a identidade é muito intenso hoje. Muitos autores trabalham a questão da identidade de diferentes formas. Uma das questões é se podemos falar de identidade ou identidades. Se estas são fixas, dadas ou móveis, múltiplas. Como na época da globalização, das viagens, dos fluxos culturais se coloca a questão a identidade. Em relação ao conceito de fluxos culturais veja-se também Buonanno (2004). Alguns autores que tratam, de diversas forma este tema são: Bauman (2003), Bechelloni (2002, 2003a, 2003b, 2004), Della Porta, Greco e Szakolczai (2000), Giddens (1999a, 1999b e 2001), Hall (2003), Maffesoli (1997), Maldonato (2001 e 2004), Maffesoli (1997), Morin (1998, 2002 e 2003), Pecchinenda (1999).

Adam Smith, Alexis de Tocqueville, John Dewey, mas também os clássicos alemães, Kant, Goethe, Marx, Georg Simmel. Todos eles pensaram no moderno como uma passagem das condições iniciais de comunidades relativamente fechadas à “época universal” (Goethe) das sociedades interdependentes, no qual estas passagens acontece principalmente através da extensão do comércio e dos princípios do republicanismo.

Para Kant, mais ainda do que por Marx e também de outras formas por Adam Smith e Georg Simmel, a dissolução das pequenas comunidades territoriais e a difusão da interdependência social e econômica universal eram o sinal distintivo ou até lei da história mundial. O conhecimento das linhas de desenvolvimento, a longo prazo, levava-os a considerar não-aceitável que o Estado e a sociedade, organizados na base da homogeneidade nacional, encarnassem o máximo e o melhor da história do mundo. (Beck 2003b e 2005).

Esta experiência, de superação dos limites e da interdependência, tornou-se cotidiano criando um cosmopolitismo que Beck chama *banal*, comparável ao *nacionalismo banal* característico da primeira modernidade⁴⁴.

O “restaurante indiano” é – como precisa o sociólogo inglês Zuabaida – uma invenção dos bengaleses que vivem em Londres, assim como o é também o exotismo, das “comidas indianas”, que atualmente são celebradas e consumidas em todo o mundo, como embaixadoras das tradições indianas. No caminho da globalização, o restaurante e o seu particular cardápio afinal foram exportados para a Índia, e isto fez com que na Índia agora as famílias cozinham à indiana, segundo as receitas de Londres. É assim que hoje também na Índia, segundo o mito das origens, pode-se comer indiano.

(Beck 2005, p. 22)

Este *cosmopolitismo banal* mostra-se, concretamente, no cotidiano, misturando como num turbilhão as distinções entre *nós* e os *outros* e entre o nacional e o

⁴⁴ Como por exemplo o abanar das bandeiras nacionais.

internacional⁴⁵. O que é pequeno, familiar, próximo, delimitado, remarcado, ou seja, a própria “concha”, torna-se teatro de experiências universais.

O lugar – seja Manhattan, Masuria, Malmö ou Mônaco – torna-se lugar de encontros, penetrações ou também de coexistências e entrelaçamento sem relações de possibilidades e perigos mundiais, que obrigam a repensar a relação entre o lugar e mundo.

(Beck 2005, p 22)

Estudos e pesquisas dos últimos dez anos, sobre a transnacionalização, sobretudo nos estudos culturais, na etnografia, na etnologia como na geografia, põem em discussão no plano empírico-metódico o nacionalismo metodológico.

O Estado nacional define uma sociedade nacional. Não é esta a escolher o Estado, mas o Estado que pode prometer segurança, estabelece limites, cria administrações e instituições para regulamentar e controlar o Estado nacional. Portanto existem muitas sociedades. Tantas quantas são os Estados nacionais. É uma concepção territorial da sociedade, ligada aos limites e ao controle dos Estados. Este modelo confirma o princípio da determinação recíproca. Este Estado nacional cria e garante os direitos civis individuais. Assim os cidadãos, com a ajuda dos partidos, organizam-se para legitimar as ações do Estado. (Beck 2003b)

Esta concepção encontra-se explicada na teoria da justiça de John Rawls⁴⁶, que se refere ao modelo da sociedade política considerada “como um sistema social completo e fechado”.

Completo, porque suficiente a si mesmo, dando espaço a todos os fins importantes da vida. Fechado, porque nascimento e morte são as únicas formas de ingresso e de

⁴⁵ Nesse ponto o Brasil é um dos países mais interessantes. Um turbilhão de culturas “outras” que tornaram-se “nossas”, as vezes mudadas como num processo de transformação antropofágico. O que é italiano em São Paulo o que já se tornou paulistano. O que é paulistano visto da Itália, o que é italiano visto do Brasil. Está sendo discutida a possibilidade de promulgar uma lei em São Paulo para tornar a *pizza* prato típico paulistano!

⁴⁶ Rawls também citado por Beck 2003b.

saída (...). Antes de mais nada, não consideramos as relações com outras sociedades.

(Rawls 1999)

Martin Shaw propõe para a pesquisa nas ciências sociais – que obedece aos nacionalismo metodológico – a metáfora do colecionador de selos.

Os selos são emitidos por instituições nacionais. Têm um carimbo e são símbolos do Estado. Quem os coleciona é como aquele que recolhe os fatos sociais, ou seja, segue a lógica do olhar nacional. Organizam-se os selos como os fatos sociais na base dos símbolos, das datas, distinguindo entre uma comunicação intranacional e internacional.

Como quem coleciona selos, o pesquisador social pressupõe que os limites sociais coincidem com aqueles estatais e, portanto, também os limites da pesquisa devem coincidir com aqueles do Estado.

Nas pesquisas das ciências sociais, a contraposição nacional/internacional é fundamental. O nacional pressupõe o internacional e vice-versa. Não pode existir uma sociedade nacional. Uma sociedade e um Estado podem ser reconhecidos interna e nacionalmente, mas precisam, para existir, também do reconhecimento externo e internacional.

O nacionalismo metodológico concebe a cultura como circunscrita em limites, portanto a questão da pluralidade leva até uma falsa alternativa: homologação universal ou a impossibilidade de uma comparação entre as perspectivas. Nesta base conceitual, muitos críticos consideram a cultura cosmopolita como a natural consequência, o até produto da cultura pós-moderna. Uma cultura cosmopolita entendida como presumível pluralidade, nivelada e uniformizada às tendências correntes, para mesclar-se num universalismo do uniforme.

Brevemente, uma cultura sem tempo, global, não responde a alguma necessidade vivente e não contém alguma lembrança. Se a memória coletiva é central para a identidade, não podemos, então, exprimir nenhuma

identidade global em formação, nenhum desejo por esta, não podemos produzir nenhuma amnésia coletiva para substituir as culturas profundas existentes com uma cultura cosmopolita “chata”. Esta última permanece um sonho para alguns intelectuais. Para a maioria das pessoas, que são separadas das comunidades habituais de classe, de gênero, de religião e de cultura este não permite deixar sair nenhuma centelha.

(Smith 1996)⁴⁷

Esta é uma caricatura do cosmopolitismo que mantém as premissas e os erros do nacionalismo metodológico. O universalismo da humanidade aumenta a uniformização e elimina as diferenças, as pluralidades, como tendências que acontecem.

Cosmopolitismo, porém, significa o reconhecimento da alteridade do outro, além da territorialidade e da homogeneização. Na base do olhar nacional, a cultura é considerada como uma unidade territorial claramente definida e delimitada. Desta forma, entre as culturas, o que domina é o silêncio (que, na melhor das hipóteses, põe-se em ouvido) da incompatibilidade entre os pontos de vista. Isto, como é fácil prever, leva até o choque entre culturas, entre civilizações. *Modelo contentor* das pluralidades que considera exemplos como o bilingüismo algo que não pode existir porque mistura e, portanto elimina as fronteiras lingüísticas e étnicos entre as culturas.

Nos anos noventa, as ciências sociais abriram-se às transformações e às novas categorias sociais, o “global” tornou-se centro de um discurso autocrítico.

O *nacionalismo metodológico* pensa e estuda a dimensão social, cultural e política através das categorias “ou....ou”. O *cosmopolitismo metodológico*, pelo contrário, pensa e estuda a dimensão social e política, utilizando as categorias “seja....seja”.

⁴⁷ Smith (1996 p. 24), citado por Beck (2003b p. 39).

O olhar nacional exclui aquele cosmopolita. O olhar cosmopolita inclui o olhar nacional, porque o nacional evidencia o erro que está na raiz. A partir do olhar cosmopolita, a mesma realidade nacional parece diferente e revelam-se, pela primeira vez, outras realidades. O olhar cosmopolita inclui a realidade do olhar nacional, e a reinterpreta. (Beck 2003b e 2005).

Segundo Beck, nesta perspectiva, os conceitos de diáspora, hibridação, desnacionalização, transnacionalização pertencem negativamente à perspectiva do nacionalismo metodológico. Se não existisse mais o dualismo nacional/internacional, o que significariam conceitos como desigualdade, justiça, nação nas diferentes regiões da política mundial?

Os estabilizadores da ordem nacional/internacional perdem força e não, existem ainda outros estabilizadores da política mundial além do nacional e do internacional.

O internacionalismo e o cosmopolitismo não são duas formas para dizer a mesma coisa. As relações cosmopolitas necessitam e pressupõem as relações internacionais. O olhar cosmopolita abre-se à mudança da gramática política e social, ou seja, à integração através a globalidade reflexiva. Não mais “dentro e fora”, mas “seja dentro, seja fora”. O olhar cosmopolita determina realidades múltiplas do “seja...seja” espacial, temporal e objetivo, para os quais o olhar internacional é cego.

Neste ponto, a crítica do nacionalismo metodológico considera o Estado nacional como “um óbvio ponto de partida”. Vice-versa, a referência ao Estado nacional mantém-se, mas muda totalmente o horizonte em que está colocado e é analisado.

A virada epistemológica e o cosmopolitismo empírico-analítico seguem duas diretrizes, na discussão levada por Beck: 1) a crítica do que existe, ou seja, o *nacionalismo metodológico*; 2) e a formação do novo, ou seja, o *cosmopolitismo metodológico*.

3. Cidadãos do mundo segundo Giovanni Bechelloni

Sentir-se cidadãos do mundo não significa negar a própria identidade nacional em nome de ideais mais universais como a igualdade, a paz, a fraternidade entre povos. Os dois *pertenceres* não estão em conflito, aliás os italianos, em relação aos outros povos e as outras tradições, são naturalmente⁴⁸ mais complementares.

Complicado é o tema das identidades e das memórias coletivas. Experiências como as viagens de migração, o turismo, o estudo e ou o trabalho no estrangeiro são reveladoras para quem tem a oportunidade de vivenciá-las. Experiências que permitem reconhecer as diferenças e de ativar o *learning process* necessário para estudar as diferenças, premissa indispensável para tornar-se compatível e complementar entre elas.

Bechelloni pergunta-se: o que significa e o que pode significar, tornar-se cidadãos do mundo?

O significado tecnicamente certo é aquele que leva ao Estado, ao direito à cidadania como um conjunto de direitos e de deveres entre eles complementares, que um ser humano adquire por nascimento ou por outros caminhos, através de um ato formal da autoridade do Estado.

Declarar-se “cidadão do mundo”, neste caso, significa ser favorável à construção da interculturalidade.

Tudo isso é importante no debate sobre a terminologia. A necessidade de adotar um léxico compartilhado⁴⁹.

É muito importante entender o que está acontecendo e refletir sobre as transformações para poder intervir nos processos que continuam.

⁴⁸ Bechelloni utiliza a palavra “naturalmente” referindo-se a aqueles processos históricos da longa duração (segundo a acepção de Braudel) que incorporam-se de forma naturalmente profunda na sensibilidade de um povo e de uma cultura tanto que não são percebidos como “culturais” mas como feitos de natureza. Como rochas, quase imodificáveis. Como, se nos italianos fossem naturalmente levados ao diálogo, ao comércio, à abertura ao mundo, aos outros.

⁴⁹ Veremos mais profundamente no próximo capítulo através também do ótimo livro da Fundação Agnelli, organizado por Tirabassi (2005), realizado com as contribuições apresentadas no Congresso de Turim do março 2004 sobre “Emigração italiana: percursos interpretativos entre diáspora, transnacionalismo e gerações”.

A necessidade de alimentar um verdadeiro diálogo e projetos políticos realísticos coerentes com o objetivo de estender os direitos e os deveres, conexos à cidadania, para um número cada vez maior de indivíduos-pessoas (Bechelloni).

Viveram e trabalharam para o bem da comunidade, pequenos grupos de homens e mulheres cosmopolitas. Capaz de viver o sentido de pertencer à própria pátria com conhecimento, abertura mental e a disposição de alma necessária para tentar compreender e compor interesses e culturas distintas: aqueles que todos juntos, em intrincadas relações de interdependência, constituem o mundo humano.

Nestes últimos dois séculos – com o aumento dos contatos comerciais entre o globo todo, com a invenção e a difusão dos meios de transporte e das mídias de comunicação sempre mais rápidos, com o enorme aumento da população, com o fenômeno das migrações de massa... – é que cresceu o número dos cosmopolitas. Criaram-se assim as possibilidades de superação da grande fronteira cultural que por muitos séculos tinha destacado os poucos cosmopolitas com vocação universal dos muitos locais com vocação provinciana. Para homens e mulheres em todo o mundo com a difusão da alfabetização, do cinema, da rádio, da televisão e de *internet*.

Sem pessoas cosmopolitas não seria possível realizar concretamente aquele tipo de democracia (liberal-democrática representativa) que é o único meio de alimentar uma esfera pública mundial.

Como já falei, tornar-se cidadãos do mundo não significa não ser mais cidadãos de uma nação, de um Estado, o de uma federação ou confederação de Estados. Não significa renunciar a todos os outros pertencimentos coletivos que caracterizam o sentimento de *nós* de cada um de nós, como diz também Bauman⁵⁰.

É necessário trabalhar sobre estes assuntos, para conseguir possíveis convivências cooperativas e pacíficas que sejam duradouras no tempo e no espaço. Por

⁵⁰ Muitas das suas obras vão nesta direção (2002a, 2002b) e Tester (2002).

exemplo sobre a construção de uma identidade que cada um de nós precisa ter e que não pode ser única, rígida e imutável.

Nós seres humanos vivemos, e incessantemente operamos, num mundo que muda continuamente e tanto melhor nos conseguimos nos ver, quanto mais nos equipamos para aprender a mudar em sintonia com o mundo.

(Bechelloni, 2003b)

Isto significa que as nossas identidades, individuais e coletivas, podem ser plurais e móveis. Como as muitas histórias e biografias de cosmopolitas que habitaram o mundo nos séculos e que hoje o habitam à nossa volta.

Temos que aprender a habitar o mundo que cada vez mais coloca-se como um “sistema-mundo” do qual depende a nossa sobrevivência. Pensamos em energia, alimentação, da cultura à comunicação.

Mas com certeza não conseguiríamos aprender o que é necessário se permanecermos presos aos muitos prejuízos, nos muitos estereótipos e nas muitas ignorâncias que hoje nos impedem de pensar o mundo como uma “coisa grande”, “bela e delicada”, complexa para conhecer e gerir no espírito de cooperação e paz.

(Bechelloni, 2003b)

A confiança – no sentido mais amplo do acreditar nas próprias expectativas – é uma situação elementar da vida social. Sem dúvida existem muitas situações nas quais o indivíduo deve escolher se dar, ou não, a própria confiança em determinadas circunstâncias. Mas sem confiança ele não poderia nem se levantar da cama cada manhã. Iria ser atacado por um medo indeterminável e por um pânico paralizante. (...) Nenhum indivíduo é

capaz de suportar um confronto assim direto com a extrema complexidade do mundo.

(Luhman 2002 p. 5)

A confiança reduz a complexidade social (...)

Certo a confiança não é o único fundamento do mundo, todavia não tem dúvida que não seria possível fundar uma concepção do mundo altamente complexa mas estruturada sem uma sociedade adequadamente complexa, a qual por sua vez não poderia constituir-se sem confiança.

(*ibidem*, pp. 145-146)

O trabalho do Bechelloni me inspira, sobretudo, no objetivo de promover ações eficazes na direção de permitir a existência de uma sociedade aberta mundial que seja capaz de incluir *todos* os habitantes viventes na Terra para fazê-los se sentir “cidadãos do mundo”. Um objetivo ambicioso, talvez, como o mesmo Bechelloni diz, louco. Pode parecer mais louco neste momento em que salienta-se fundamentalismos com o islâmico, guerrilheiro e perigoso, aquele pacifista⁵¹, aquele americano de matriz puritana⁵².

Mas, se é verdade como dizia Hölderlin, que onde maior é o perigo aí está também a salvação, então pode ser que alguém possa cultivar a esperança necessária para ativar o desejo de colocar-se entre as complicadas “coisas” deste nosso mundo. É necessário investir energias intelectuais e práticas para trabalhar na direção de construir identidades individuais abertas e cosmopolitas. Não sem pouco obstáculos e dificuldades de se entender. Um dos recursos principais é a cultura da comunicação que Trupia (2002) chama de “convocativa”.

⁵¹ Que também acaba sendo um fundamentalismo, eis que para professar a paz quer “matar” o outro, o diverso de nós.

⁵² Este fundamentalismo “corre o risco de transformar a batalha para a sobrevivência da mais importante legado da civilização ocidental – a teoria e a prática da sociedade aberta – em um fundamentalismo democrático incapaz de exercer aquela hegemonia cultural que só poderia assegurar a cooperação necessária para uma convivência duradura e pacífica entre povos e culturas diferentes”. (Bechelloni 2003, p. 23)

Para tornarem-se cosmopolitas, abertos ao mundo, sem utopias é necessário aprender – o que, para natureza humana e para a nossa história cultural, todos os homens sabem aprender – a abrir-se a experiência do mundo. Neste mundo que hoje, mais do que nunca nos permite multiplicar e ter acesso a uma quantidade sempre maior de experiências da realidade do mundo. Possibilidades de mobilidades físicas⁵³, além das experiências simbólicas vivenciadas através das palavras, imagens e sons que os meios de comunicação nos colocam à disposição com enorme acessibilidade.

Tornar-se cosmopolita significa abrir-se ao universal, encontrar os caminhos para conectar as nossas experiências locais e provinciais ao mais amplo mundo. Como diz Bechelloni temos que fazer, hoje com mais facilidade de tempo atrás, aquela “grande volta” através do mundo, de que falam os antropólogos quando explicam-nos o método necessário para aprender a entender o outro e nós mesmos depois de ter incorporado olhar do outro.

Aquilo que nos falta não é, em outras palavras, o sentimento ou o conhecimento, mas pontes suficientemente sólidas para permitir trazer estes elementos à condição humana. E os abismos que aquelas pontes deveriam preencher alargaram-se a cada dia mais. A política nunca foi tanto necessária como neste momento, em que tem vida difícil e perdeu grande parte da sua capacidade de construir pontes.

(Tester: Conversações com Bauman 2002 p. 138)

⁵³ O aumento das viagens e das possibilidades econômicas sempre mais convenientes para ir de um lado ao outro do mundo.

4. Uma cultura da comunicação e a percepção do outro

Num contexto como aquele que começou a delinear-se com o 11 de setembro, as relações inter-humanas mudaram. Bechelloni aponta no conceito de *comunicação perturbada e perturbadora* uma das principais causas deste contexto. As dificuldades comunicativas impedem a descoberta de uma “alavanca” que pode ser ativada para conter os conflitos destrutivos, para ativar círculos virtuosos finalizados à cooperação e para construir as bases daquela esfera pública mundial que pode ser considerada uma premissa indispensável para regular a comunidade internacional baseando-se em significados compartilhados e valores mínimos unificados. Esta “alavanca” só pode basear-se no reconhecimento comum do valor universalizante da pessoa humana, dos seus direitos dos seus deveres que fundam-se na unicidade e na diversidade de cada ser humano.

A cultura da comunicação baseia-se no reconhecimento do singular indivíduo-pessoa como ator principal e responsável do agir comunicativo. O ser humano é também sujeito que conhece, através da comunicação. Sem comunicação não existe consciência, não existe ação.

A comunicação é *perturbada* o *perturbadora* quando não produz relações cooperativas, quando destrói (a si mesmo e aos outros), quando recusa, fecha, etiqueta negativamente, não convoca ao diálogo, à conversação, à aprendizagem. Não pode existir comunicação quando o outro não é convocado como interlocutor. Quando a dúvida ou o ressentimento impedem de se abrir à experiência, de conhecer o outro, de ativar o desejo de uma cooperação construtiva baseada na *confiança* recíproca.

Na época da globalização e da complexidade em que aparentemente sabemos de tudo e de todos, os meios de comunicação tornam possíveis experiências antes impossíveis. Conhecimentos que antes demandaria muitos recursos, agora estão ao alcance de muitos. Os limites geográficos não correspondem aos limites culturais. As identidades não existem só num território, mas além dele. As comunidades culturais e simbólicas tornaram-se tão importantes quanto as origens geográficas, e são cada vez mais importantes. *Comunidades de sentimentos* (Appadurai, 1996). Os fluxos de

conhecimento viajam através do mundo (Clifford, 1997). Fluxos midiaticizados através das histórias televisivas e cinematográficas, através das notícias e dos formatos. Fluxos de bens materiais e simbólicos e os contínuos movimentos, coletivos ou individuais, de seres humanos. Pessoas que viajam, pessoas que migram ou que fogem, que vagam, que se afastam da própria casa (Maffesoli, 1997). Em todos os casos, pessoas que entram em contato com outras pessoas, diferentes, e com outros espaços. Um caos que pode assustar e que não é fácil de gerir, onde não é fácil viver e que torna necessária uma maior consciência de si e dos outros. Daí necessidade de se entender entre diferentes⁵⁴.

A globalização é, na maioria dos casos, criticada por ser percebida, ou feita perceber, só do lado econômico, sem pensá-la nos termos humanos e reflexivos⁵⁵, como a grande oportunidade de abertura ao outro, como oportunidade de conhecimento. A globalização tem origens antigas com o nascimento da História do Ocidente, entre os séculos VII e VIII antes de Cristo. Uma História que, muitas vezes, esquecemos, nasceu do encontro entre civilizações do Oriente com terras e povos do Ocidente (Girard, 2003). Um encontro que sai das tradições, acelera as inovações e permite uma virada “modernizadora” (Bechelloni, 2003).

A Itália antes e o Brasil hoje foram, em si, exemplos deste encontro entre civilizações. Habitadas por povos de origens diferentes em um cadinho de emigrantes e colonos. Na Itália, deu-se a origem à vida nas cidades etruscas e àquelas da Magna Grécia, onde nasce a *comunicação*. A comunicação como meio para permitir o encontro, para conectar procura e diferentes exigências, povos e culturas de antigas tradições. A partir da, e com a comunicação, formam-se e afirmam-se, na praça pública, as figuras sociais e as instituições centrais designadas à promoção e à gestão das novas comunidades. O comerciante no mercado, o filósofo nos pórticos da Academia, o cidadão/político na *αγορά*, mercadores, filósofos, cidadãos na arena do teatro. Os processos comunicativos realizaram-se na troca dos bens materiais e

⁵⁴ Em relação à questão do outro, veja-se, entre outros, Todorov, 1982 e 1989; Maffesoli, 1997; Bechelloni G., 2002, 2003 a e b e 2004.

⁵⁵ Veja-se Giddens, 1992 e 1999; Beck, Giddens e Lasch, 1995.

simbólicos, na reflexividade, na palavra enriquecida para as artes da retórica, do diálogo e da representação e no começo das práticas da escrita a vários níveis.

Com a crescente complexidade da sociedade através do aumento exponencial de indivíduos, de organizações, de grupos que estão povoando o mundo, vieram à tona as questões das identidades e da alteridade. Conseqüentemente são criadas novas linguagens, novas formas de *identidade cultural* (Hall, 1992 e 2003) normas, valores, significados sociais, simbólicos (Canclini, 1989). O aumento das identidades, as suas mudanças, produzem *hibridizações* (Burke, 2003), encontro entre culturas, levantando um antigo problema, aquele da alteridade – do *eu* que descobre o Outro, outro ou outrem em relação a *mim* (Todorov, 1982, Maffesoli, 1997) – do outro e da sua percepção.

Hoje, complexidade da sociedade a partir também da “complexificação” dos indivíduos e vice-versa (Morin). Neste novo contexto, surge mais do que nunca a importância da comunicação como possibilidade de abertura, reconhecimento e compreensão dos outros. A comunicação entendida como *recurso*, mas também como *problema*⁵⁶.

A comunicação tem um papel central na nossa contemporaneidade, que inclui uma pluralidade de linguagens e de tecnologias, de situações e de contextos, que fazem da comunicação a área central da ação humana, que é, antes de mais nada, uma ação comunicativa.

O homem não pode não comunicar – como aprendemos da Escola de Palo Alto⁵⁷. Nós comunicamos em cada ação e em cada momento da nossa vida e em todas as formas possíveis. Podemos não saber muito bem como fazê-lo, o que comunicar e para quem, mas isso não nos impede de comunicar.

⁵⁶ Estes conceitos são trabalhados e explicados por Bechelloni (2002, 2003a, 2003b e 2004).

⁵⁷ Mental Research Institute, California (USA). Entre grupo dos pesquisadores, Gregory Bateson, Don D. Jackson, Paul Watzlawick, Erving Goffman inspirando-se também na terapia da Gestalt de Fritz Perls. Criaram os axiomas para o quais “é impossível não comunicar” e que “a realidade é criada pela comunicação”.

A comunicação pode ser um *recurso estratégico*, se pensarmos o desenvolvimento da comunicação – através o uso das novas linguagens e dos ambientes, das próteses ou tecnologias – como o abatimento das barreiras e a exploração das fronteiras. Isto para alargar a capacidade de inclusão, para construir novos equilíbrios entre inovação e tradição, para tornar partilhada uma concepção da cultura humana como capacidade permanente de aprender. Conseguindo modificar o ambiente, enfrentando a incerteza e promovendo as mudanças. Pensar a comunicação nestes termos significa afastar-se de uma concepção ocidental e, todavia, recusar também uma concepção relativista ou niilista que nivela as diferenças. Apropriando-se, porém, de uma visão evolucionista que valorize a capacidade dos seres humanos de aprender, mudando a si mesmo e ao ambiente.

Pensar a comunicação como ação humana para a inclusão, a recepção, construir e manter uma ordem social partilhada, ampliando sempre a quantidade de significados para incluir. Sem pretender fundar a comunidade necessariamente em torno de valores comuns, mas deixando cada indivíduo e cada grupo livres de cultivar os próprios valores e as próprias verdades. A comunicação, assim entendida e pensada, torna-se *recurso estratégico* para se abrir a ouvir o diferente, o outro.

A comunicação torna-se recurso só partindo da *consciência do problema*. Ou seja a partir da capacidade de entender que é difícil entrar em comunicação *consigo mesmo* (com o outro que está dentro de nós) e *com o outro* (os muitos outros com os quais, na nossa existência cotidiana numa sociedade aberta, entra-se em relação direta ou mediada). A consciência do problema requer a necessidade de conhecer a si mesmo e os outros, fazendo experiência, ativando diálogo e reflexividade. Recusando considerar bons os prejuízos, as teorias gerais preconstituídas, os estereótipos e tudo mais pode colocar-se no meio entre a nossa pessoal capacidade de *experimental*, *direta e mediada*, as coisas e as pessoas, os eventos e as situações, os processos de transformação dos nossos contextos de vida.

O Brasil, hoje, pode tornar-se importante centro para o desenvolvimento desta comunicação, como elemento estratégico para a convivência pacífica das culturas⁵⁸. Um ambiente comunicativo é um ambiente aberto às trocas, aos encontros, à reflexividade e à aceitação do outro. É o ambiente da tolerância, da cidade e da praça, da *αγορά* e do mercado, onde os indivíduos e os grupos, diferentes entre eles, têm interesse em trocar bens materiais e simbólicos para se enriquecer reciprocamente.

Esta concepção inverte a concepção tradicional, enraizada em muitas culturas coletivas em todos os tempos que concebe, idealiza, a comunicação como possível só entre iguais, entre membros de uma mesma comunidade onde sejam compartilhados os mesmos valores. É uma concepção da comunidade, como um conjunto parado e fechado onde o *nós* opõe-se ao *outro*, ao amigo, ao inimigo, ao cidadão estrangeiro e *bárbaro* – na acepção grega de estrangeiro. É o que leva a comunidade fechada das tradições a exercer um pesado controle social e a expulsar ou eliminar o diferente. Comunicar é difícil e pode ser um *problema*. E esta, a comunicação, torna-se um problema cada vez que, nas comunidades humanas, ocorrem mudanças na relação entre a população e os recursos pela sobrevivência. Mas como já disse, não podemos não nós comunicar.

Existem diferentes problemas ligados à dificuldade de comunicar. A percepção ou a desvalorização do destinatário (tem a ver com a identidade coletiva) ou do interlocutor (identidade individual) para quem comunicamos. Há uma tendência à desvalorização das linguagens, da comunicação, que para muitos significa, dizer, falar, usando a linguagem alfabética, talvez mexer-se, mostrar-se. Mas quando se fala que “não podemos não comunicar” (Watzlawick e alii 2004, Bechelloni 2002), entende-se que os seres humanos utilizam uma pluralidade de linguagens da comunicação: aquela do corpo com as suas imagens, posturas, sorrisos, gestos, silêncios, símbolos, imagens interiorizadas. Linguagens pouco estudadas, mas que todos os seres humanos utilizam a cada minuto da própria vida.

Esta incapacidade em valorizar os interlocutores, e até desvalorizá-los, é consequência de posturas autoritárias e fechadas, que têm raízes profundas na história

58 Como surgiu nas conversas com o Cônsul Geral da Itália, o Prof. Leonardo Prota e outros.

das comunidades humanas que têm que explorar, para aprender a conviver com os nossos limites.

Comunicar significa abrir-se à experiência da mudança!

III. AS TEORIAS E A TERMINOLOGIA DAS MIGRAÇÕES

1. Alguns conceitos fundamentais das teorias das migrações

1.1 O estrangeiro

A nação pressupõe um dualismo, de uma certa forma existencial: a nação e o que não é nação, ou seja, o estrangeiro⁵⁹.

(Maravall 1991, p. 598)

A partir desta concepção é necessário analisar o significado, o que entende-se com o termo *estrangeiro* e como pode ser posto em relação aos termos de *imigrado* e de *desenvolvimento*.

O conceito de estrangeiro, do outro em relação a uma existência comunitária, tem as suas raízes mais antigas na origem histórica da cultura europeia. A sua presença é evidente nos livros bíblicos. Na Grécia, a contraposição greco-bárbara é estranha à interdependência homérica da Guerra de Tróia. Em época clássica, estas diferenças tiveram um carácter central e incisivo, em Ésquilo, Eurípides e Aristófanes. Em Platão, Isócrates e Aristóteles o pensamento político torna-se assim: às vezes, o *estrangeiro* será qualquer pessoa que não tem a qualidade de cidadão – nem todos os habitantes das cidades tinham tal qualidade – ou quem pertence a uma outra *polis*, reconhecendo-o com o nome diferente (o espartano) ou quem sobretudo não é grego.

Estes diferentes leques do conceito de estrangeiro estenderam-se na Europa durante a Idade Média e as línguas neolatinas terão esta sobreposição de significados. Estas sobreposições correspondem às transformações do sentimento da comunidade que aparece numa tríplice perspectiva: a cidade, o reino de tradição medieval ou a monarquia moderna. Em cada uma destas ordens mantém-se ou desenvolve-se um forte

⁵⁹ Histórico espanhol José Antonio Maravall (1911-1986) discípulo de Ortega y Gasset.

caráter federativo e em cada um manifesta-se uma consciência de diferenciação que é própria.

(Maravall 1991)

Werner Sombart, ao início do século XX dizia que poderia ser fascinante escrever toda a história da humanidade do ponto de vista do *estrangeiro* e da sua influência sobre os eventos.

De fato, desde o início da história, tanto nas pequenas como nas grandes coisas, são as influências externas que determinam o desenvolvimento característico dos singulares povos. Que sejam sistemas religiosos ou invenções técnicas, formas da vida cotidiana ou modas e costumes, revoluções políticas ou instituições de bolsas, sempre ou pelo menos a maioria das vezes, vemos que o estímulo vem dos *estrangeiros*.

(Sombart 1967 p. 279)

Sombart considera, portanto, os estrangeiros e os migrantes como elementos fundamentais da sua *teoria do desenvolvimento*. Foi, pode-se dizer, um precursor da sociologia das migrações e dos grupos étnicos. Concordo porém com Pecchinenda (1999) quando diz que a hipótese sombartiana, segundo a qual os imigrantes, enquanto *estrangeiros* (e portanto mais desligados das tradições) seriam aqueles que melhor e com mais eficácia poderiam aplicar os cânones do racionalismo econômico e portanto promover o desenvolvimento no sentido ocidental moderno (à maneira dos empreendedores), teria que ser totalmente revista.

De fato outros estudiosos e sucessivas pesquisas sociológicas demonstraram que não é o grau de distância com as tradições, a influenciar um certo tipo de atitudes e comportamentos (de tipo empresarial no sentido sombartiano ou de modernizadores), mas o *tipo de tradição*, ou melhor de *cultura* dos quais os imigrantes são portadores.

Na América Latina foram os imigrantes que menos sentiram-se *estrangeiros* nas novas terras e que conseguiram representar uma verdadeira força motriz no desenvolvimento.

Uma outra clássica definição de *estrangeiro* é aquela de Georg Simmel⁶⁰.

Estrangeiro é aquele que hoje vem e amanhã fica, para assim dizer o viandante potencial que, contanto que não continuou a deslocar-se, não superou completamente a ausência dos laços do ir e vir (...). A sua posição no novo âmbito é determinada essencialmente pelo fato que ele não o pertence desde o início, porque introduz nisso qualidades que não derivam e não podem derivar dele.

(1991, p. 37)

1.2 A migração

Para alguns estudiosos a migração é um dos elementos, do ponto de vista evolucionista, que contribui à diferenciação morfológica entre os seres humanos.

O termo *migração* na definição de Gallino⁶¹, coloca uma infinita variedade de fenômenos, que só têm em comum a mobilidade entre homens. É considerada *migração* cada deslocamento individual de um ponto até o outro. Gallino continua dizendo que mais do que a etnicidade, a direção e a distribuição no espaço dos fluxos migratórios, que já são objeto de estudo de demógrafos e geógrafos, os sociólogos deveriam indagar alguns fatores estruturais e culturais. O estímulo para as emigrações das *áreas de fuga*, os processos de desorganização social provocado pela diminuição numérica da população. De outro lado, indagar os mecanismos de integração dos imigrantes nas *áreas de atração* e os processos de desorganização e reorganização social produzidos pelo inserimento, na população autóctone, de uma grande quantidade de imigrados, que além do impacte numérico no sistema social local é somente um vetor de uma cultura e de uma personalidade de base diferente. O que nos

⁶⁰ Neste caso utilizada para aprofundar a relação entre metrópole e modernidade.

⁶¹ Voz do Dicionário de Sociologia 1983.

interessa mais são aqueles aspectos relativos ao complexo processo de desagregação/integração que os indivíduos e os grupos de indivíduos, portadores de *universos simbólicos* diferentes, experimentam dentro de um determinado território, no qual vêm voluntariamente ou não em contato. (Pecchinenda 1999)

A migração revela a própria natureza só posteriormente. Por exemplo, o caso de grupos de imigrantes temporários – nos países da América Latina – que acabaram para ficar durante gerações, sem tê-lo planejado, como podem ser definidos? Com qual geração muda esta definição? Quando acabam de ser imigrantes e estrangeiros e quando começam a ser considerados e a considerar-se brasileiros, venezuelanos ou argentinos?

Em alguns países, uma vida inteira de um homem, uma geração pode não ser suficiente para definir o fenômeno imigração. Ou seja, pode não ter tido ainda tempo para uma *ressocialização* completa, a mudança de identidade necessária para ser considerado *um deles*. E os filhos nascidos no país hospede como serão? Estrangeiros?

Em algumas colônias, os emigrantes definem-se assim até mais de uma geração, depende de fatores como cultura e a vontade de integração, mas também das atitudes (formais e informais⁶²) dos países hospedantes. Este último é, sem dúvida, um elemento fundamental. Por exemplo, na mesma América Latina, seja do ponto de vista legal, seja de mentalidade, as coisas podem mudar muito. Italianos na Argentina ou no Brasil não terão a mesma integração que no Peru, na Bolívia ou na Colômbia.

De toda a maneira, em cada país, se pode ser estrangeiro em formas diferentes, com integrações sociais e consolidações diferentes.

1.3 As teorias das migrações

Entre os princípios úteis para uma classificação dos processos migratórios, podem-se citar alguns. Por exemplo, aqueles que dividem as migrações temporárias daquelas sazonais e daquelas permanentes. As migrações coletivas daquelas

⁶² Entende-se como atitudes formais as leis que regulam a posição do imigrante e informais no sentido mais cultural e humano da população que recebe.

individuais, as internas das internacionais, as rurais das urbanas. Alguns estudiosos tentaram superar estas indeterminações conceituais referindo-se às “motivações” consideradas mais importantes para a definição do volume e da direção das migrações. Algumas pesquisas atribuem importantes correlações entre fluxos migratórios e fatores objetivos tais quais a distância geográfica, as comunicações, as relações diplomáticas, as diferenças de rendas *per capita* ou entre as taxas de desemprego que existem nos países de partida e aqueles de chegada. Estes critérios foram muitas vezes utilizados para dar conta dos mecanismos motivacionais de expulsão/atração (*Push/Pull*) que podem provocar o movimento dos indivíduos ou grupos de um território para um outro.

Germani critica esta estruturação, *Push/Pull*, porque acha que através dela atribui-se mais importância às motivações de tipo racional ou instrumental, sem considerar possíveis complexidades do processo psicológico que orienta as decisões de migrar ou ficar⁶³.

Pecchinenda propõe um esquema teórico útil para orientar-se dentro das possíveis abordagens à análise das migrações.

I. Fatores determinantes dos processos migratórios

- 1) Estruturais
- 2) Individuais

II. Características das migrações

- 1) Tipos de migrações (rural-urbana, nacional, continental, intercontinental)
- 2) Volume e distância
- 3) Seletividade
- 4) Contexto social das migrações

III. Consequências das migrações

- 1) No lugar de origem
- 2) No lugar de destino

IV. Análise comparativa entre imigrantes e nativos no lugar de destino

⁶³ Germani 1965 citado em Pecchinenda 1999.

- 1) Diferenças sócio-econômicas
- 2) Modalidades sociais
- 3) Marginalidade
- 4) Consequências políticas da imigração

Anthony Richmond⁶⁴, divide as teorias das migrações em duas grandes categorias: aquelas a um nível *macro* e aquelas a um nível *micro*.

Na primeira categoria cabem as teorias que se focalizam nas correntes migratórias, identificando as condições segundo as quais estes grandes movimentos acontecem, descrevendo as características demográficas, econômicas e sociais dos migrantes. O nível *macro* inclui também as teorias dos processos de adaptação dos imigrantes, a integração econômica e social, etc., quando concordam com uma perspectiva estrutural ou cultural geral. O nível *micro* compreende, porém, os estudos sobre os fatores sócio-psicológicos que diferenciam os migrantes dos não-migrantes. Mas também as teorias que têm a ver com as motivações, as decisões, a satisfação e a insatisfação. (Richmond 1988).

Segundo Ravenstein existem verdadeiras “leis” que governam as migrações. Num ensaio do 1885 identificam-se as seguintes “leis”:

1) menor é a distância, maior será a dimensão numérica da migração; 2) cada corrente migratória produz uma contracorrente de volta; 3) existe correlação entre o desenvolvimento tecnológico e das comunicações e o aumento dos movimentos migratórios; 4) os habitantes dos centros urbanos emigram menos daqueles dos centros rurais; 5) os emigrantes que atravessam distâncias muito grandes tendem a se estabelecer em centros muito grandes; 6) as migrações acontecem através de fases. Partindo das áreas rurais, passando por pequenos centros urbanos e chegando destes a cidades sempre maiores, até chegar à metrópole.

⁶⁴ Estudioso britânico, veja-se Richmond 1978 e 1988.

Destas leis algumas sobreviveram às provas da experiência e do tempo, outras mostraram-se falsas.

Mas há uma outra lei que Ravenstein acrescentou em 1889, segundo a qual o que prevalece nas migrações são as motivações econômicas. Esta última é um exemplo da utilização *push factors*, e *pull factors*, isolados e particulares para construir explicações generalizadas e sofisticadas.

E. Lee é um teórico que partindo do modelo clássico de Ravenstein, o supera. Analisa com a sua teoria o processo migratório baseando-se na hipótese de que cada ação migratória compreende uma origem, um destino e um *set* de obstáculos intervenientes. Portanto atribui valores negativos (*push*), neutros e positivos (*pull*) seja aos fatores objetivos dos lugares de origem e de destino, seja conforme as perspectivas dos migrantes. Portanto, a classificação de cada fator variará segundo a inserção dos indivíduos no processo migratório.

Por sua vez, Lee formulou algumas outras hipóteses:

1) o volume da migração será inversamente proporcional à possibilidade de superar os obstáculos; 2) o volume das migrações variará com o variar da população interessada; 3) maior será a disparidade entre os critérios objetivos relevantes (como os níveis de renda ou de desemprego) nas infraestruturas entre as regiões geográficas de partida e de chegada, maior será o volume da migração; 4) os fatores de expulsão são mais importantes do que aqueles de atração; 5) a migração é seletiva. A personalidade de uma amostra de migrantes não será a mesma daquela de uma amostra casual da população dos lugares de origens dos mesmos migrantes (Lee 1966).

Um outro modelo, que já começa a propor o modelo “sistêmico” às teorias migratórias, é aquele proposto por Mabogunje. Este autor tenta aprofundar a questão da interdependência entre as áreas de origens e aquelas de chegada, identificando quatro elementos dos movimentos migratórios quais sejam: econômico, social, tecnológico e ambiental. A migração é portanto descrita como um sistema circular, interdependente, sempre mais complexo e em contínua autotransformação (Richmond 1988, p.10).

Voltando ao debate entre *micro* e *macro* um aprofundamento teórico interessante é aquele de Eisenstad e sobretudo do Germani, em relação aos processos de aculturação e de assimilação.

Sobre a assimilação, entendida num sentido unidirecional, como um processo de transmissão de elementos culturais de um grupo para um outro, não existe. O que pelo contrário acontece é um outro fenômeno⁶⁵, o da *hibridação*, ou seja a influência recíproca que conduz inevitavelmente a complexas mudanças⁶⁶ dentro da sociedade em questão.

⁶⁵ Também nos casos de total hegemonia de uma cultura sobre uma outra.

⁶⁶ Na maioria dos casos tais mudanças nem mesmo são reconhecidas pelos mesmos sujeitos que participem da troca.

2. Diásporas e migrações italianas

As conseqüências, realmente globais, em curto e longo prazo, das migrações de massa do século XIX e XX são amplamente reconhecidas. Este reconhecimento nasce com pesquisas comparativas, transnacionais ou com uma abordagem *village and region-outward*⁶⁷ conduzidas por estudiosos italianos e ingleses, sobre as migrações italianas⁶⁸. Mas é só nos últimos dez anos que alguns pesquisadores, entre os quais Gabaccia, começaram a estudar as migrações da Itália como diásporas. Poucos destes estudos afirmaram-se. Isso porque muitos estudiosos continuam a emoldurar as próprias pesquisas em historiografias nacionais e em terminologias teóricas⁶⁹. O consenso à base dos estudos é quase total. Para Gabaccia esse é um fato que se deve duvidar. Ela diz que nestes casos o consumo pode ser sinal de cansaço, desinteresse, hierarquia. Lembrando aos pesquisadores que estes estudos fazem parte de um projeto científico multidisciplinar⁷⁰.

2.1 Pequena história do termo diáspora⁷¹

Deste século XVII até os anos noventa do século XX, nos estudos anglófonos, o termo diáspora tinha utilização quase exclusiva para os judeus que chegavam de Jerusalém, talvez porque o termo tinha entrado na língua anglófona através da tradução do grego da Bíblia na versão do rei Giacomo (Gabaccia, 2005). Vale a pena evidenciar que as pessoas de língua hebraica preferiram durante muito tempo a palavra hebraica *galut* à palavra diáspora quando referiam-se à própria dispersão.

Associando as descrições bíblicas do exílio judaico à palavra diáspora, a maioria dos estudiosos, ingleses e angloamericanos, entendeu a diáspora judia como produto das migrações forçadas e um sofrimento por parte de um povo sem um Estado. Um exercício da memória das experiências do exílio contribuiu para manter

⁶⁷ Ou seja “da terra e região de origem para o externo”.

⁶⁸ Veja-se algumas pesquisas referidas e citadas em Gabaccia 2003 e 2005.

⁶⁹ Como diáspora, transnacionalismo, raça, etnicidade, geração, etc.

⁷⁰ A autora critica sobretudo os historiadores, sendo ela também historiadora, que tendem a medir sempre com a “escada” da história cada conceito ou teoria que empresta das outras disciplinas.

⁷¹ Análises etimológicas da diáspora são disponíveis por exemplo em Tölöyan 1996 e Cohen 1997.

uma identidade minoritária nos judeus que viviam sob domínio estrangeiro. Pensa-se que as famílias e as comunidades judias elaboraram diversas e eficazes formas de afeição a uma pátria remota e inalcançável para a qual desejavam regressar. Os judeus conseguiram reproduzir este sentimento, este desejo através das gerações, tanto que este desejo da pátria tornou-se o fundamento do movimento sionista, com as reivindicações para a criação de um próprio Estado na Palestina.

Portanto, como vimos, os anglófonos que aplicavam o termo diáspora ao exílio judeu, quase eliminaram totalmente o significado originário, mais amplo, que tinha a sua origem no grego antigo. Muito tempo antes que o historiador Tucídides utilizasse este termo, diáspora, para descrever exiliados, expulsos das próprias casas durante a guerra do Peloponeso (431-404 a.C.), a palavra descrevia a dispersão dos gregos para o Mediterrâneo e na Ásia ocidental. Não se tratava de uma migração de exilados ou refugiados, mas de mercadores e colonizadores com um bom espírito de aventura. A idéia, sugerida pelo termo diáspora em origem, era de sementes. Como sementes, os gregos desembarcavam em territórios estrangeiros criando instalações familiares e explicitamente gregas seguindo as próprias leis. Para os mercadores e os marinheiros que tinham recursos suficientes, o regresso à Grécia era uma hipótese possível, mas não sempre adotada.

Claramente o significado da palavra diáspora mudou no tempo, o que é normal acontecer, apesar de não ser comum. Todavia ultimamente estamos tendo muitas mudanças linguísticas, aliás não é por acaso que fala-se de “virada linguística” dos anos noventa (Gabaccia, 2005, p. 143).

Em geral até 1970, a maioria dos trabalhos sobre a diáspora são sobre a diáspora judia. Apesar de já terem surgido pesquisas sobre as diásporas africanas e a dos negros. Mas sem provocar nenhuma reação particular porque o comércio dos escravos pode ser considerado como uma migração forçada de povos sem Estado⁷². Nos anos setenta começaram algumas publicações em inglês sobre migrantes da Irlanda, China, Ucrânia, República Dominicana e Bélgica como diásporas.

⁷² Diria-se que a primeira aplicação do termo diáspora à dispersão dos africanos estivesse em Beachey 1969 citado em Alpers 2001 (Gabaccia 2005).

Na literatura multidisciplinar sobre as diásporas, os trabalhos sobre os migrantes italianos foram poucos, atrasados e exclusivamente em inglês⁷³. Existem também algumas pesquisas sobre a diáspora italiana (Ostuni 1995 e Trincia 1997)⁷⁴, mas geralmente os estudiosos preferem utilizar expressões como: *italianos no estrangeiro*, *italianos fora da Itália* ou *italianos no mundo*.

Mas as mudanças lingüísticas, como qualquer mudança, são fatos normais da vida. Abrir para a extensão do uso do termo diáspora foi feito nos anos noventa sobretudo por estudiosos de migrações de origem judaica, armênia e africana, geralmente descendentes destes povos, escrevendo sempre em língua inglesa. Porém a aplicação deste termo às migrações da Itália pode não ser muito aceita para os italianos, talvez porque foram os anglófonos a utilizar o termo nesta acepção e porque esta mudança aconteceu num momento de hegemonia lingüística do inglês como língua científica em todo o mundo. Talvez as razões sejam outras, mas o que sugere Gabaccia é que não haja um fechamento, mas que tentem entender as origens da mudança lingüística sem maldizê-la ou ignorá-la.

Parece portanto que estender o termo diáspora para uma ampla gama de populações significa não ter rigor científico. Neste aspecto é importante lembrar que para muitos cientistas sociais *qualquer* fenômeno único⁷⁵ é de utilidade analítica limitada. Porque não considera a possibilidade de comparar e generalizar. Enquanto alguns pesquisadores continuam preferindo acepções mais restritas é importante reconhecer que aqueles que escolheram ampliar o significado do termo diáspora nos anos noventa fizeram-no, segundo os mencionados por Gabaccia, esperando resolver alguns problemas intelectuais bem claros nos estudos das migrações.

⁷³ Veja-se citados em Gabaccia 2005, Pozzetta e Ramirez 1992; Verdicchio 1997; Gabaccia 2000; Strohm 2001.

⁷⁴ Sobre diáspora política na área de Biella, o primeiro, e Igreja e trabalhadores na Suíça e na Alemanha o segundo.

⁷⁵ Como os anglófonos consideraram a diáspora durante um longo tempo como ainda muitos italianos. Mas está acontecendo algo nestes últimos anos e alguns (Bechelloni, Bassetti) estão começando a utilizar o termo nesta acepção abrindo-o a população italiana no trabalho sobre as migrações mais antigas como atuais.

O africanista Harris, já em 1982, apresentou nos seus trabalhos as argumentações para as quais o estudo das diásporas tivesse sido estendido, além do caso da dispersão judia. Os pesquisadores podiam concentrar a própria atenção nos africanos que viviam em todo o mundo, através da palavra diáspora, favorecendo análises de tipo global. Nesta perspectiva, Harris abriu-se a um estudo comparativo entre diferentes origens africanas e as diversas condições sociais em relação aos lugares nos quais os africanos estabeleceram-se. Isto levou outros estudiosos a pesquisar como as populações de origens africanas conservaram relações com a África, porque continuavam a senti-la como a própria pátria e que tipo de atividades políticas e culturais refletiam a possibilidade de um regresso físico ou psicológico através das gerações⁷⁶.

Nos anos noventa, historiadores, bem como estudiosos de ciências sociais e dos *estudos culturais*, abraçaram esta tipologia de estudos comparativos. Em geral a mais ampla e extensa aceção do termo diáspora refletiu a procura de conceitos e metodologias mais globais. Nestes anos os estudiosos adquiriram consciência de viver em um mundo em contínuo movimento.

O comunismo estava caindo, pondo fim à divisão do globo da Guerra Fria em primeiro, segundo e terceiro mundo; o mercado estava se afirmando em escala mundial, com invocações ao livre mercado, num momento em que satélites e computadores estavam transformando também a comunicação e simplificando os fluxos de capitais. Teorias sobre a globalização proliferaram em antropologia, sociologia e economia política entre 1990 e 1995, perto de uma terminologia renovada sobre transnacionalismo como teorizado pelos antropólogos.

(Gabaccia 2005, p. 147, 148)

⁷⁶ Harris 1993, p. 3, citado em Gabaccia 2005.

Utilizar a diáspora como moldura analítico da pesquisa, estimulou os estudiosos a explorar a natureza multidirecional das migrações através de pesquisas *multisituadas*⁷⁷. Assuntos, como *migrações de retorno*, *circulares*, *temporâneas*, *múltiplas*, que apareciam marginais nos estudos nacionais sobre migrações, tornaram-se fundamentais nos estudos das diásporas.

Alguns estudiosos representam as diásporas como nações que já existem e que mobilizaram-se para procurar independência da pátria ancestral⁷⁸. Numa diferente formulação, as diásporas são entendidas como nações já existentes, desterritorializadas com a migração. Sendo parte de Estados nacionais, de política, como governos em mais de um país, as diásporas podem pôr novamente em discussão antigos assuntos sobre a soberania estatal nos próprios territórios nacionais (Basch *et al.* 1994).

As diásporas podem aparecer como lugares de construção nacional e até criadoras de imagens de nações através um nacionalismo da diáspora (Gallner 1997).

Estendendo o significado de diáspora até incluir as migrações voluntárias, também os americanistas que se ocupavam de imigração e etnicidade utilizaram o termo como uma outra oportunidade para não ficar preso na rede da teoria da assimilação, criação da sociologia da Escola de Chicago⁷⁹.

Por fim, uma interpretação mais ampla do termo diáspora contribuiu para resolver interrogações de pesquisa em diferentes disciplinas. Por exemplo, uma linha

⁷⁷ No sentido de pesquisas conduzidas em diferentes áreas do mundo.

⁷⁸ Jacobson 1995 citado em Gabaccia 2005.

⁷⁹ A Escola de Chicago nasceu por volta dos anos vinte e trinta do século XX, com o psicólogo social George Mead. Mas o que nos interessa aqui é que deu uma grande contribuição para a sociologia urbana, com a idéia da cidade como laboratório. “A cidade como laboratório social, com seus signos de desorganização, de marginalidade, de aculturação, de assimilação; a cidade como lugar da mobilidade” (Mattelart e Mattelart 2003). Entre 1915 e 1935 as contribuições mais importantes dos pesquisadores da Escola são consagradas à questão da imigração e da integração dos imigrantes na sociedade Americana. Entre os membros lembra-se, Georg Simmel, Robert Ezra Park, E. W. Burgess, M. Friedman e W. Thomas e F. Znaniecki que estudaram os imigrantes poloneses e o processo de aculturação. Segundo o qual se o imigrante não se acultura, este pode viver uma percepção de privação que pode levá-lo a cumprir atos anti-sociais. Outros autores como, Zorbaugh, Thrasher e Sutherland estudaram os comportamentos dos jovens desviados, em particular dos imigrantes de segunda geração que estão na dificuldade de ter que escolher entre a cultura da família de origem e a cultura do país em que nasceram. Este mal-estar pode levar à formação de grupos juvenis subculturais que, em presença de fatores favoráveis, podem tornar-se quadrilhas marginais. Gabaccia (2005) cita algumas, mais recentes críticas à Escola.

de pesquisa feminista, desenvolveu um interesse para os laços particulares, pessoais e somente domésticos entre a identidade individual e a colocação geográfica, expressa tipicamente como o conceito de “casa”.

Sobretudo alguns estudiosos anglófonos, através de ensaios críticos – nos quais falam do fundamentalismo multi-culturalista e de uma nova política da identidade que enfatiza a condição híbrida, a complexidade e o cosmopolitismo – tornaram a diáspora um quadro analítico atraente para especialistas da mobilidade humana em Antropologia e Geografia (Lavie e Swedenburg 1996)⁸⁰

Em 1986, o cientista político Walker Connor propôs uma definição vasta. William Sfran (1991), descobriu que a diáspora tornou-se uma metáfora para distinguir expatriados, refugiados, estrangeiros, imigrantes e minorias étnicas e raciais. Porém, o antropólogo James Cliffors (1994) lembrou que o debate sobre a diáspora estava substituindo aquele sobre as minorias. Mais recentemente, o antropólogo Steven Vertovec (2000, p. 141) diz que a diáspora é utilizada hoje para descrever qualquer tipo de povo que vive fora dos espaços desenhados como própria pátria cultural.

Haveria mais definições que juntas com estas incomodam muitos porque são controvertidas e sobretudo com diferentes sentidos em relação às definições de outros estudiosos.

2.2. *A diáspora italiana*

Uma segunda possibilidade para a internacionalização da história italiana é a história ‘transnacional’ da mesma diáspora italiana em que a Itália e a vida italiana permanecem ‘nós’ centrais de uma rede de porte mundial. Segundo esta abordagem, a história italiana poderia ser interpretada como sempre convenientemente, e contemporaneamente uma influência importante, em

⁸⁰ Citados em Gabaccia 2005, p. 151.

respeito aos desenvolvimentos das comunidades italianas no mundo.

(Gabaccia, 1997).

Concordando com a visão da Gabaccia – que está na base do meu trabalho, como do conceito de italicidade – que escolheu, como referência, o significado de diáspora que Robin Cohen (1997) explicitou no seu livro *Global Diásporas*. Ele abriu-se para uma dilatação do termo até incluir seja as dispersões traumáticas, seja as migrações em múltiplas direções. Cohen propõe uma tipologia – baseada nas expectativas das migrações – que compreende diásporas sindicais, imperiais, comerciais e de vítimas. Individualiza um tipo conclusivo de diáspora nas idéias mutáveis e nas funções culturais⁸¹, que Clifford (1999) chamou “culturas em viagem”. No mesmo caminho de Safran (1991), Cohen defende uma definição flexível de diáspora, insistindo sobre uma boa quantidade de características comuns.

Cohen fez uma lista das características para definir todas as diásporas e Gabaccia utiliza tal lista para caracterizar as migrações da Itália como uma expansão para “duas ou mais regiões estrangeiras”, “a procura de emprego” (Cohen 1997), as bases para aquela que Cohen chamou de diáspora de força de trabalho (Gabaccia 2005).

As migrações da Itália foram multidirecionais, temporárias e particularmente numerosas, como já sabemos, nos séculos XIX e XX⁸². Cohen diz que “todas as diásporas têm uma relação problemática com as sociedades hóspedes” (1997, p. 186). Tirando as visões de acolhimento, por exemplo, dos Estados Unidos e em geral também do Brasil, reconhece-se que a xenofobia é universal e que muitos migrantes italianos foram recebidos com um certo grau de hostilidade.

Em alguns casos isolados de violência física tornaram-se, sobretudo nos anos logo antes da Primeira Guerra Mundial, uma hostilidade sistemática, institucionalizada

⁸¹ Veja-se Appadurai 2001.

⁸² Em relação ao Brasil alguns dados podem ser encontrados no capítulo IV deste trabalho. Em relação a dados mais gerais veja-se principalmente: AA.VV. 1987, Bevilaqua, De Clementi e Franzina 2002, Franzina 1995, Rosoli 1978 entre outros.

contra os italianos que trabalhavam, por exemplo, na Argentina, na Suíça, nos Estados Unidos, assim como no Brasil.

Em alguns destes lugares os imigrantes que estabeleceram-se permanentemente conseguiram ter acesso rápido à cidadania e aos seus direitos. Em outros, não foi assim.

Como outras diásporas, os migrantes italianos tiveram o que Cohen definiu, “movimento de repatriação” (1997, p. 185). As taxas de repatriações para Itália foram muito altas.

Enfim parece indiscutível que os migrantes da Itália no estrangeiro elaboraram o que Cohen chama uma “memória e um mito coletivo sobre a pátria mãe” e uma “idealização da presumida casa ancestral” (Cohen 1997, pp. 184, 185). Apesar dos mitos serem centrados nos sofrimentos e no drama de uma vida em um ambiente impiedoso, muitas vezes falava-se que, na Itália, as mulheres em casa eram mais parcimoniosas e as crianças mais respeitosas com os mais velhos, que o ar era melhor, que a comida era mais saborosa e que as terras eram de uma beleza única, saudáveis ou particularmente cheia de significados espirituais e familiares⁸³.

Migrações da Itália tiveram-se muito tempo antes que tivesse um povo ou um Estado nacional italiano... Portanto, a pátria que os migrantes mitificaram e glorificaram não foi sempre a pátria nacional... Os migrantes mitificaram uma patri *natia* que era uma específica cidade ou uma pequena área local. Com isto claro na mente, escrevi difundidamente aqui e além ‘migrantes da Itália’ e não ‘migrantes italianos’.

(Gabaccia 2005, p. 155)

⁸³ Este aspecto é algo difícil para explicar em todas as suas formas. De fato, por exemplo, hoje viajando pelo mundo pode-se reparar diferentes formas de se comportar. Talvez isto tenha a ver com o grau de distância (em termo de distância geográfica e de tempo da migração). Há pessoas que ainda têm este mito da pátria distante, não só referido aos italianos; como muitos que saindo da própria pátria tendem, hoje, – isto vale sobretudo com os italianos e reparei muito também com os brasileiros – a falar mal do próprio país. Quase como uma forma maníaca de tomar as distâncias de uma parte da própria identidade mal resolvida, conectada aos estereótipos. Ou para ter, do outro lado, quem fale bem das próprias qualidades.

Entre as pessoas que deixaram a Itália entre o século XIX e o início do século XX, os vínculos sociais mais fortes não eram com a nação de pessoas, italiana, abstratas, mas entre homens que migravam e aquelas mulheres mais sedentárias que ficavam na Itália para criar e reproduzir grupos familiares. Os homens que migravam dependiam destes vínculos, mas também reforçaram aqueles de solidariedade com os *compaesani* – ou seja, aqueles que provinham das mesmas terras e não italianos no sentido próprio – que viviam e trabalhavam no mesmo país-hóspede.

Estes regionalismos e localismos tornaram mais complicada a idealização de uma pátria ancestral para as milhões de pessoas em movimento da Itália. Esta solidariedade regional e para quem chegava da mesma terra levou a uma forma de regionalismo da diáspora. Hoje, como lembra Gabaccia, os cinco milhões de cidadãos italianos residentes fora da Itália parecem compartilhar um senso, do que Cohen chamou de empatia e solidariedade, senso baseado, também, seja na própria nacionalidade italiana, seja no próprio crescente interesse a fazer valer a própria cidadania e o próprio *pertencer*, como italianos, à mais ampla comunidade européia.

Hoje, as identidades de latino-americanos, norte-americanos, australianos e europeus de descendência de migrantes da Itália varia consideravelmente. Identidades compostas – ítalo-americana, ítalo-canadense, ítalo-australiana – tornaram-se relativamente comuns sobretudo nos Estados Unidos, no Canadá e na Austrália. Agora em outros países, boa parte da América Latina e da França, novas identidades e fidelidade nacional parecem ter cancelado os traços de que Cohen e outros chamam de etnicidade. Verdadeiro em termos de vínculos com a pátria, mas não em termos da manutenção de aspectos da cultura italiana que hibridaram-se com a outra local ou, como emblemático o caso do Brasil, diversas outras culturas.

É interessante a expressão, igual em muitos dialetos diferentes da Itália, e a convicção que *tutto il mondo è paese*⁸⁴. O significado lateral do provérbio conectava uma familiaridade cosmopolita com um mundo com o localismo íntimo da terra. Este provérbio pode ser entendido como a descrição de um mundo que era simultaneamente maior de qualquer terra local, mas também gerenciado como uma comunidade em que

⁸⁴ *Todo o mundo é país.*

todo mundo se conhece. Gabaccia diz que esta expressão contém sentimentos cosmopolitas, que não impedem porém o nascimento e o crescimento, entre o século XIX e o século XX, dos Estados nacionais.

3. A Italiacidade

Nove décimos dos modos com os quais o mundo moderno tem consciência de si mesmo, e que serviram à sua grandeza derivam da Itália...

... Tem que ter alguma coisa de prazeroso e de acomodante em uma civilização que sem organização, sem um plano teórico, sem recorrer à força, resiste, difunde-se e atrai... É difícil definir com precisão o que é aquela atmosfera feliz, leve, alegre que forma a vida italiana; uma mistura de cepticismo, de bom humor, de espírito de viver e deixar viver, que não exclui a profundidade do pensamento, um cepticismo audaz, uma certa paixão sensual e também romântica, cheia de compreensão da natureza humana, tolerância dos vícios e das virtudes⁸⁵.

... A fama da Itália é hoje grande no mundo pela sedução do sistema de vida que não é codificado em nenhum livro...

... A Itália universal – aquela que importa mais – continua a ocupar e a preocupar as nossas mentes por atuar sobre os singulares indivíduos italianos, sempre admiráveis no sair do impedimento e em corrigir as situações penosas e gravosas nas quais os capitões os conduzem...

... Do outro lado o enigma da história italiana consiste no fato, aparentemente incrível, que apesar de as forças conjuradas contra a unidade política, o país permanece italiano...

... Daquele que faz maravilha é o triunfo da civilização italiana sobre as desigualdades de interesses, desejos, raças, línguas, culturas e de populações.

(Prezzolini 2003)

⁸⁵ Pode-se refletir como muito do que foi escrito, por Prezzolini, nesta descrição do ser italiano, é igualmente válido para uma certa cultura brasileira.

Aquela itálica é uma grande diáspora transnacional que há muitos séculos atravessa e percorre o mundo e alimenta interconexões e redes.

(Bassetti 2003, p. 16)

A definição de itálicos já vimos no primeiro capítulo, aqui aprofundaremos as raízes históricas e as potencialidades.

As potencialidades do conceito de *italicidade* e das reflexões teóricas que pretendo colocar são relacionadas à pesquisa sobre comunicação intercultural e internacional, para a construção de políticas educativas que podem formar um novo cosmopolitismo responsável e envolvente, para a construção de um olhar mais amplo em termos de guerra e de paz.

3.1. As raízes históricas e as perspectivas do conceito de italicidade

Em 1271, o veneziano Marco Polo, com apenas dezessete anos, começou, junto com o pai e o tio, a célebre viagem pelo extremo Oriente. As suas viagens, longo de toda a Ásia demoraram 24 anos. Regressou a Veneza somente em 1295.

Mercadores e agentes financeiros italianos eram numerosos por todos os lados. Já em 1283, em Londres, Lombard Street conta com 14 bancos italianos; em Paris em 1292, Rue des Lombardes possuía 20 bancos italianos.

Andam pelo mundo não só mercadores e agentes financeiros, mas artistas, professores de universidades, arquitetos, artesãos, homens de Igreja, exilados políticos.

Pela grande mobilidade dos habitantes de Florença, um provérbio popular do século XIII diz: “Passarinhos e florentinos encontram-se em todos os lados do mundo”.

Na área de Filadélfia, nos Estados Unidos, forma-se e consolida-se, uma primeira comunidade italiana já no período entre a véspera da independência americana e os anos setenta do século XIX. Nasce assim a liderança dos comerciantes, dos homens de negócios e empreendedores que são também os primeiros empreendedores “étnicos” entre a comunidade italiana e a sociedade norte-americana.

Nascem, contemporaneamente, as primeiras instituições comunitárias significativas, como a primeira paróquia para os católicos de origem italiana, em 1852.

Cria-se aquela que já chamamos de “diáspora dos localismos”, ou seja, de venezianos, genoveses, florentinos, molisanos, etc., uma diáspora contemporaneamente “global” e cosmopolita que percorre o mundo em nome de alguns valores – como a fé católica, a sede de conhecimento ou o espírito de aventura – e interesses – como financeiros, e de negócios – que tem caráter “universal”.

Atrás da *comunidade imaginada* (Anderson 1996), os itálicos têm séculos de mobilidades transterritorial⁸⁶.

Os itálicos não têm – como outras grandes diásporas transnacionais – uma longa e forte história unitária de Estado nacional, uma identidade exclusiva e, de qualquer forma, “protegida” (politicamente como militarmente). A raiz dele encontra-se em uma história articulada em diferentes e pequenas identidades que mais “recentemente” juntaram-se numa identidade comum. É portanto a partir disso que mantém uma singular e significativa “abertura à diferença”.

A italicidade não é itolocêntrica... Para definí-la da melhor forma possível... é necessário considerá-la um *demos* global (o conjunto das comunidades itálicas a nível global) e contemporaneamente local (as numerosas ramificações ou subconjuntos de itálicos italianos, suíços italianos, oriundos dálmatas, ítalo-estadunidenses, ítalo-argentinos, etcetera, para os quais acrescenta-se também todos aqueles que apreciam a *italic way of life*, um estilo de vida e uma cultura bem típicos e reconhecíveis), presentes em todo o mundo e ligada com vínculos fortes e comuns. Os itálicos identificam-se com a maneira de serem itálicos, com a cultura, a economia, os divertimentos, a moda, a cozinha de origem itálica....

(Bassetti 2005)

⁸⁶ Antes que transnacional, ou seja, antes de existir a “nação” moderna, portanto antes, do 1861.

A *italicidade* tem com certeza a ver com a *italianidade*, não tendo uma conotação nacionalista, mas tendo um fôlego maior e um significado mais universal. A *italicidade* tem a ver com a Europa e com o Ocidente mas não se identifica nem com um nem com o outro. De fato está ligada ao forte impulso que as Repúblicas marinheiras e as cidades, as Repúblicas e as Cortes italianas, entre o ano mil e o século XVII, conseguiram imprimir nos muitos italianos que atravessaram os mares e as fronteiras do mundo, levando, em qualquer lado, “algo” que sim era reconduzível a uma matriz cultural reconhecível, mas não impregnada de desejo de poder. Pelo contrário, a *italicidade* apresenta valores universais ligados à pessoa humana, de derivação romana e católica, transcendendo qualquer conotação étnica ou desejo hegemônico.

Obviamente a *italicidade* tem a ver com a grande migração do século XIX até os anos setenta do século XX. Nenhum outro país europeu alimentou, até agora, na longa duração (Braudel), movimentos tão numerosos (considerando os habitantes originários) de uma população, tanto na entrada quanto na saída, e com os destinos mais diferentes⁸⁷. Estes movimentos deram vida, desde a fundação de Roma⁸⁸, a um povoamento da península pluriétnico, como hoje volta a ser evidente. Neste sentido a *italicidade* provém também das novas migrações em entrada na Itália nas últimas décadas. Assim podemos encontrar itálicos na Itália, que tornaram-se cidadãos italianos como também imigrantes clandestinos ilegais ou semilegais, originários da China ou do Japão, da África ou da Europa oriental. É o mesmo que acontecia durante a Roma republicana e imperial ou nas cidades e nas repúblicas da Itália da Idade Média e do Renascimento.

Calcula-se que o conjunto destes itálicos espalhados pelo mundo, compreendendo os *italofiles* e os *italofonos*⁸⁹ chegam a ser cerca de 350 milhões de pessoas (Bechelloni).

⁸⁷ Apesar da prevalência para destinos europeus e países, chamados “nós” de diásporas, como tipicamente aqueles que são definidos novo mundo: Canadá, Estados Unidos, Brasil, Argentina, Venezuela, Uruguai, Austrália...

⁸⁸ A única, entre as cidades antigas, formadas para uma pluralidade de etnias.

⁸⁹ Que não são cidadãos italianos ou que não são descendentes de italianos migrantes das várias diásporas.

Para fechar este ponto, a *italicidade* brota de uma pluralidade de matrizes e é um típico produto da interação e da comunicação que se constitui através do movimento das populações, das mercadorias e do dinheiro, das idéias e das obras de engenho humano. É do ponto de vista sociológico da comunicação, um “produto” das capacidades e das virtudes comunicativas, dos itálicos e dos seres humanos.

O que mudou no nosso mundo são, obviamente, as tecnologias nos transportes, na comunicação e nas mídias e com estes a possibilidade para as pessoas em movimento de permanecer coligadas a mais de um lugar na Terra. Também dum ponto de vista teórico, porém, estas mudanças tecnológicas, podem favorecer a expansão das nações e a reprodução de consciência nacionais tanto facilmente de quanto podem favorecer a criação de redes sociais transacionais ou formas de consciência diásporica não-nacionais. O problema é de saber se as novas tecnologias surtiram o efeito de reforçar ou enfraquecer os povos e os Estados nacionais através um trabalho teórico. Conheceremos a resposta só quando tiver passado o tempo e quando novas diásporas surgirem – ou não – como alternativa a, ou confirmação de, uma consciência nacional.

(Gabaccia 2005, p. 167).

A paz é o fim da pesquisa filosófica. Na distribuição mais monstruosa quereremos ter certeza que qualquer coisa permanece porque é eterna. Na angústia refletimos sobre a nossa razão. Frente à ameaça da morte desejamos pensar o que é que nos torna incorruptíveis. A filosofia pode procurar ainda hoje o que Parmenide já conhecia quando construiu um altar a Deus para agradecer-lo da paz que a filosofia tinha-lhe dado. Mas hoje somos vítimas de uma falsa paz....

... A fé filosófica é inseparável da disponibilidade incondicional da comunicação...

... A idéia de comunicação é uma fé. Cada um de nós pode perguntar-se se tende e crê que existe para os homens a possibilidade de viver e de falar junto, de encontrar junto o caminho que conduz à verdade, tal para poder chegar, neste caminho, a ser verdadeiramente si mesmo.

(Jaspers 2005, p. 214 e seg.)

Nos últimos anos criaram-se, seja na Europa seja nas Américas, como uma batalha ideológica⁹⁰ que vê em oposição: de um lado um discurso técnico-científico⁹¹ e, do outro, um discurso humanístico de matriz filosófica e religiosa (como “tradicionalista” e “neo-fundamentalista”).

É uma colisão ideológica que pode tornar-se uma guerra de religião ou uma batalha entre civilizações dentro da mesma civilização ocidental. Civilização que parece ter esquecido as próprias raízes e as profundas assonâncias que podem reencontrar-se na civilização oriental. Assonâncias não somente nas comuns raízes humanas, naturais e divinas mas também nas antigas filosofias que no Ocidente e no Oriente vão se preparando entre o século VIII e o século V antes de Cristo, ou na mesma *koiné* helenístico-romana assim cheia de influências orientais. É o que reencontrar-se nas comuns raízes das três grandes religiões monoteístas (judaísmo, cristianismo e islamismo) e das próprias conexões com as religiões asiáticas da Pérsia e da Índia, da China, da Coréia e do Japão⁹².

Como se pode superar esta perigosa oposição? Bechelloni, em seus mais recentes ensaios, sugere a necessidade de superar o empirismo de matriz positivista em que a chamada “sociedade da informação”, criação mascarada da ideologia técnico-científica, acabou nos aprisionando.

⁹⁰ Como diz Bechelloni escondido por um generalizado discurso liberal, hegemônico nas mídias, sobre o “fim da ideologia”.

⁹¹ “Vendido” como “senso comum” ou “bom senso” (Bechelloni).

⁹² Quem dedicou muita atenção a estas conexões, durante a segunda e muito produtiva parte da sua vida, Elémire Zolla, com muitos estudos, por exemplo veja-se 1995 e 2004.

Nesta perspectiva coloca-se bem a citação que fiz de Gabaccia que recusa o determinismo tecnológico no qual estão presos alguns estudiosos e profissionais da comunicação.

De fato é necessário ver se estes conceitos de *itálicos* e *italicidade* têm um referencial empírico na realidade das coisas e um fundamento qualquer na história de longa duração. Para isso, é necessário ir além da superfície e das aparências⁹³.

Voltando à expressão lembrada por Gabaccia, de que falei acima, “todo mundo é país”, esta expressão não pode, como vimos, ser interpretada ao pé da letra, que remete novamente a uma idéia de *pátria* que não coincide com aquela artificial construída depois da unidade política da Itália. Assim como não pode coincidir com a idéia, também artificial, construída⁹⁴ pelos teóricos pós-modernistas que proclamam como um fato já acontecido o fim dos Estados nacionais e o já presente novo cosmopolitismo. Parece mais que a expressão *todo mundo é país* possa entender-se como uma alusão semi-inconsciente às raízes antigas de uma idéia, um tempo difundido em qualquer lado do mundo, sobre a matriz natural e divina da espécie humana. Uma matriz comum que existiu antes e é, por assim dizer, “sobra” (“além” das) das determinações histórico-factuais produzidas pelas guerras e pelas conquistas, da história humana e das historiografias nacionais (mais ou menos ideológicas). Ou, em outras palavras, pelas verdades impostas para os vencedores. (Bechelloni)

Uma outra referência aos vencedores para o qual os conceitos e os termos de *itálicos* e *italicidade* nos pode inspirar tem a ver com questões em conexão com a identidade e a memória. Existem, na realidade do mundo inteiro, identidades e memórias coletivas que são elaboradas dentro uma esfera “particular” (“privada”) e através do uso de palavras, atitudes (posturas) e comportamentos relativamente protegidos e relativamente intraduzíveis fora das famílias e das comunidades nas quais tais identidades e memórias são construídas, vivenciadas e transmitidas através do vínculo e do laço intergeracional. As formas da comunicação nas quais tais

⁹³ Além daquela “visibilidade” de que nos fala Thompson na sua comunicação no Congresso *Globalization, National Identities and the quality of life*, em junho de 2005, em Vilnius (Lituânia).

⁹⁴ Como vimos através de alguns autores, menos integralistas, no capítulo II deste trabalho.

identidades e memórias são construídas, vivenciadas e transmitidas são dificilmente traduzíveis para o externo. Por razões de controle social ou do “politicamente correto”, acabam ficando escondidas à observação e ao ouvido dos pesquisadores. Bechelloni, retomando Bloom, nos lembra do enorme “barulho” produzido pelas *dissonâncias* achadas nas miríades de pesquisas empíricas conduzidas por etnólogos e antropólogos que têm trabalhado com as assim ditas culturas “simples” ou “primitivas”.

Portanto o uso de termos como *itálicos* e *italicidade* podem demandar ao pesquisador ir mais a fundo nas próprias pesquisas para colher, se existem, aquelas *assonâncias* sobre as quais a maioria das vezes teria um “silêncio” que parece, segundo Bechelloni, produto de uma teoria pré-constituída que não o resultado de uma vontade de entender e de de uma imaginação sociológica (Mills 1995) filosoficamente e historicamente percebida.

Por fim, duas últimas considerações: para começar, falar de *itálicos* e *italicidade* pode, portanto, ser útil para conseguir melhorar o foco sobre o que caracteriza a civilização italiana na longa duração. Superando os obstáculos importantes à pesquisa.

O primeiro, que já acenamos no início deste trabalho, mas cabe repetir aqui, é constituído por aquele paradigma, dominante no século XIX, do Estado nacional, que produziu, por razões de significado oposto, sejam os mitos nacionalistas da “Grande Itália” e do Fascismo ao poder⁹⁵, sejam os mitos miseráveis de uma “pequena Itália” sem fôlegos e grandezas que deixava ir à derrota os próprios filhos.

O segundo é constituído pelo novo paradigma multicultural que está tendo sempre mais sucesso, que não considera as especificidades – sejam humanas em geral como aquela histórico-culturais – em um não diferenciado novo cosmopolitismo, criado pela globalização e pela “sociedade da informação”.

Em segundo lugar, falar de *itálicos* e *italicidade* pode ser útil como exemplo de uma diferente abordagem à complexidade contemporânea. Pode ser útil para

⁹⁵ Dos quais amplamente foi falado numa estensa literatura.

evidenciar que cada grande civilização humana⁹⁶ constitui-se e conceitualiza-se através uma complexa rede de relações que tem as próprias raízes na natureza humana e nas múltiplas instituições e configurações sociais que os homens, sem parar, tendem a produzir e a reproduzir, construindo a própria existência histórica. Essa rede é que precisa ser analisada na sua realidade histórica e nas suas raízes profundas.

Isto significa que se queremos contribuir para um mundo melhor e mais pacífico temos que ir além da superfície das coisas. Além do simples multiculturalismo de fachada. Significa que temos que nos perceber da existência e da macroscópica realidade dos Estados nacionais – numerosos e no pé de guerra – das muitas etnias e nacionalidades que continuam se percebendo como exclusivas e que vivem a globalização como uma forma mascarada de neo-colonialismo e não como uma oportunidade. As civilizações, como portanto aquela *itálica*, são e podem ser agregações do meio, comunidades transnacionais, que podem favorecer uma coexistência tolerante e pacífica num mundo que pode ser percebido como multipolar (Bechelloni).

Tudo isto significa, finalmente, que é necessário trabalhar muito sobre os *conteúdos* da comunicação que circulam pelo mundo. É necessário construir uma comunicação internacional e uma comunicação intercultural menos estereotipada, menos ideologizada, menos simplista.

Se assim não for, a comunicação estereotipada e ideologizada, como aquela que as novas e as velhas mídias põem em circulação e o politicamente correto pode sufocar qualquer tentativa para construir e manter uma paz possível.

⁹⁶ “Grande” quer dizer que uma civilização teve e tem as capacidades para instituir traços comuns, *assonâncias*, entre um amplo número de seres humanos no tempo da longa duração e num largo espaço.

IV. CONFIGURAÇÃO DA MIGRAÇÃO ITALIANA NO BRASIL ENTRE O SÉCULO XIX E O SÉCULO XX

1. As itálias e as fases da imigração

A diáspora itálica tem raízes antigas. Muitos grupos regionais (florentinos, venezianos, genoveses, sicilianos, etc.), desde o período medieval saíram e se firmaram em diferentes lados do mundo. Mercadores, financiadores, artistas, artesões, arquitetos, estudiosos, homens da Igreja e exilados políticos que levaram a Itália para fora da Itália. Contribuindo para o nascimento dos outros Estados já antes do nascimento do Estado Nacional italiano (1861). A partir das aventurosas viagens do mercador de especiarias Marco Pólo, com a “descoberta da América” e o nascimento do Novo Mundo abriram-se depois as vias que deram início às grandes migrações de massa do final do século XIX até metade século XX, aumentando constantemente a presença italiana nos hemisférios americanos.

A partir da idéia segundo a qual na Itália existem “muitas Itálias”, Itálias das específicas memórias regionais e locais: siciliana e *salentina*, calabresa e sarda, abruza e molisana, toscana e veneziana, romanhola e lombarda, etc. Todas com diferentes tradições caracterizadas por diferentes sentimentos de *pertencer* fortemente enraizadas nas comunidades, nas línguas e nos dialetos, na família, na religião e nas festas. Junto com estas “Itálias” caracterizadas por etnias, geografia e história, há, aquelas caracterizadas pela cultura do trabalho, com uma extensa configuração: marinheiros, pescadores, meeiro⁹⁷ e assalariados, pastores e camponeses, comerciantes e artesãos. Itálias nascidas através dos projetos e das realizações histórico-concretas: a partir das cidades etruscas, da Magna Grécia à República e ao Império de Roma, dos feudos à expansão da Igreja Católica, das Repúblicas marítimas às comuns e às *signorie*, e assim por adiante⁹⁸.

Como as duas histórias da Itália de Incisa de Camerana (2003): aquela dos italianos na Itália e aquela dos italianos fora da Itália. Histórias igualmente ricas e importantes para

⁹⁷ Em italiano *mezzadro*.

⁹⁸ Veja-se Bechelloni 2003, 2004.

a contrução de identidades individuais e coletivas itálicas e cosmopolitas. Os *oriundi* no Brasil estão perfeitamente integrados. Distribuídos sobretudo entre as classes média e alta, escalaram já há muito tempo as posições dos vértices econômicos, políticos e culturais da sociedade. Uma boa parte do desenvolvimento econômico é parte importante da história deles.

A configuração geográfica da península italiana contribuiu para este fenômeno. De fato os italianos sempre foram grandes viajantes e alguns, entre marinheiros, religiosos, aventureiros, artistas, militares, e exilados do *Risorgimento* – como Garibaldi, Zambecari, Cuneo, Rossetti, que muito empenharam-se nas lutas internas ocorridas na primeira metade do século XIX no Brasil – já tinham passado nas terras brasileiras desde o século XVI.

A partir de 1875, e por mais de um século⁹⁹, mais de um milhão e meio de italianos¹⁰⁰ chegaram aos portos brasileiros. Estes contribuíram com outras importantes mudanças: expansão da fronteira agrícola, consolidação de uma economia de exportação e início da industrialização. Ajudando a passagem da monarquia à república e à tomada de poder por parte da oligarquia do café. Converge a imigração, na sua quase totalidade, para as áreas de produção do café. Os fluxos migratórios foram preponderantemente de tipo familiar. Aparecem nas fazendas como núcleos de trabalho no seu conjunto¹⁰¹.

Em 1871, com a Lei do Ventre Livre¹⁰² e a partir da iniciativa dos fazendeiros, foram facilitados os fluxos migratórios para o Brasil. Concedia-se auxílio de dinheiro para compra de passagens pelos imigrantes e para sua instalação inicial no país.

⁹⁹ Até 1988. Como referido por muitos historiadores, como Trento (2002), Franzina (1995), Incisa di Camerana (2003), De Boni e Costa (1987), Barchetta e Cagiano de Azevedo entre outros.

¹⁰⁰ Quase a metade do total das entradas totais até a Primeira Guerra Mundial.

¹⁰¹ Homens, mulheres e crianças trabalhavam. Cada família cuidava de um número determinado de pés de café, recebendo por cada mil pés uma certa quantia de dinheiro (Gomes de Castro, “Imigrantes italianos: entre a italianità e a brasilidade”: In *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000)

¹⁰² Lei n. 2040 de 28.09.1871 estabelecia que os filhos da mulher escrava, que nascerem no Império desde a data desta lei, iriam ser considerados de condição livre. Os ditos filhos menores ficariam em poder e sob a autoridade dos senhores de suas mães, os quais teriam a obrigação de criá-los e tratá-los até a idade de oito anos completos.

Dois fatores principais levaram as classes dirigentes do Brasil a criar uma política de atração da mão de obra européia: 1) a necessidade de povoar as enormes áreas muito pouco ou nada habitadas (em alguns casos também para *branquear* a raça considerada “demasiado” escura); 2) para dar continuidade ao modelo de crescimento, que desde o século XIX levou à exportação do café para o exterior.

Po outro lado, na Itália, os interesses das classes dirigentes viraram-se em direção ao Brasil considerado, sobretudo no fim do século XIX, como “terra onde obter terra”. Os imigrantes chegavam geralmente com toda a família com a intenção de conseguir uma terra para trabalhar. Nas áreas do café isto era mais difícil. Tinham que poupar muito e na maioria dos casos não conseguiam. O governo do Rio estimulou a chegada dos núcleos familiares, pagando os custos da viagem de toda a família. Estas formas de participação foram, ao longo do tempo, passando da iniciativa particular de empresas e agentes¹⁰³, cada vez mais aos governos, às províncias e ao Império, até 1889. Posteriormente para os governos estaduais e federais.

A chegada desta massa de imigrantes permitiu aos fazendeiros manter o modelo de gestão e de trabalho que tinham com os escravos, ou muito próximo, seja nos sistemas produtivos, seja nas relações sociais. Esta foi uma das razões que levaram muitos imigrantes a sair das fazendas e aventurar-se nos centros urbanos. É aqui que conseguiram dar uma grande contribuição para a modernização e o nascimento da sociedade de massa. Através também do modelo – tipicamente italiano – da pequena e média empresa familiar, que em alguns casos tornou-se grande empresa como Matarazzo, ainda hoje Bauducco, Papaiz.

Uma grande concentração de fluxos de imigração foi entre 1887 e 1902. Nestes quinze anos entraram quase 900 mil pessoas, ou seja, 60% dos estrangeiros que entravam no Brasil eram italianos¹⁰⁴. O Brasil tornou-se em breve sinônimo de terra prometida no “novo” continente, sinônimo de América (Franzina 1995, p.259).

¹⁰³ Verdadeiras “figuras profissionais”, geralmente mediadores entre os imigrantes e os fazendeiros.

¹⁰⁴ Como diz Angelo Trento (2002) esta dimensão massiva fundamentará o sonho de uma outra “Itália maior” na América Latina e fornecerá bons assuntos para a defesa da expansão pacífica da influência italiana, através dos números, contra as conquistas coloniais.

Entre de 1902 e 1920 entraram apenas 306 mil italianos. Esta forte diminuição dos fluxos foi consequência de dois aspectos: de um lado o governo italiano proibiu a emigração assistida depois de algumas denúncias, a respeito das condições de trabalho dos italianos, em alguns casos, equiparados a “escravos brancos”, nas fazendas. De outro lado, a diminuição dos fluxos também ocorreu por causa de uma crise da superprodução de café.

Entre as duas guerras diminuíram ainda mais¹⁰⁵ o número de imigrantes italianos no Brasil, registrando uma leve recuperação depois do 1946¹⁰⁶.

Mais da metade desta imigração foi de tipo assistida, na base do primeiro tratado de emigração assinado entre Itália e Brasil, em 1950. Teve portanto um bom número de imigrantes que não pagou os custos da viagem, que se tornou paga, a partir do 1952 pelo *Comitato Intergovernativo para as Migrações Europeias*¹⁰⁷, que garantiu a viagem assistida apenas para os trabalhadores qualificados, que tinham as características indicadas pelas autoridades brasileiras¹⁰⁸.

Depois dos anos sessenta, de fato, a imigração se reduziu à transferência de pessoal de empresas italianas para investir no Brasil, ou curiosidade intelectual.

Ao longo destes fluxos as características sócio-demográficas dos imigrantes mudou. Inicialmente tinham em prevalência mão-de-obra não alfabetizada. Depois, nos anos vinte começou a diminuir a imigração familiar, ou seja diminuíram as mulheres e aumentaram os artesãos, os serventes dos pedreiros, e os operários de fábrica. Esta caracterização profissional tornou-se mais marcada depois da Segunda Guerra, quando chegaram técnicos e operários especializados, crescendo assim o nível de instrução.

¹⁰⁵ Entre 1921 e 1940, 88 mil italianos em entrada.

¹⁰⁶ Até 1960 111 mil.

¹⁰⁷ Comitato Intergovernativo per le Migrazioni Europee (CIME). Acordo di emigrazione tra Itália e Brasil do 9 de dezembro 1960.

¹⁰⁸ O governo brasileiro enviava periodicamente para o CIME listas das qualificações profissionais que o país queria receber.

As proveniências regionais foram equivalentes entre norte e sul (na volta do 46% os do norte e do 43% os do sul). Muito menos da Itália central – principalmente da Toscana. O Vêneto teve uma percentagem do 30% (incluindo os do Friuli e do Trentino), chegados sobretudo até 1895, na primeira fase da imigração. Em que também vieram da Lombardia, que durante todo o século teve 8,5% dos imigrantes. Fluxos do sul como da Campania (13,5%), Calábria (11%) e Abruzzo (7%), começaram a partir do fim do século XIX.

O primeiro censo atendível sobre os números de residentes é de 1920.

Alguns dados:

Ano	nº residentes
1920	558.405
1940	285.024
1950	197.659
1960	187.377

Fonte: Angelo Trento 2002

Para dados antecedentes temos as estimativas de Giorgio Mortara – escapado às leis raciais do fascismo e refugiado no Brasil: em 1880, 50 mil; 1890, 230 mil; 1902, 600 mil o 52% dos estrangeiros¹⁰⁹.

Voltando aos fluxos, estes foram principalmente para o sul do país. No Rio Grande do Sul em 1920 chegaram 50 mil italianos. No Espírito Santo, no mesmo ano, 12 mil. Rio de Janeiro, 30 mil, entre o início do século XX e 1920. Mas sobretudo São Paulo, o maior estado produtor de café junto com Minas Gerais (1920, 43 mil).

São Paulo absorveu mais do 70% dos imigrantes italianos a partir do início do século XX.

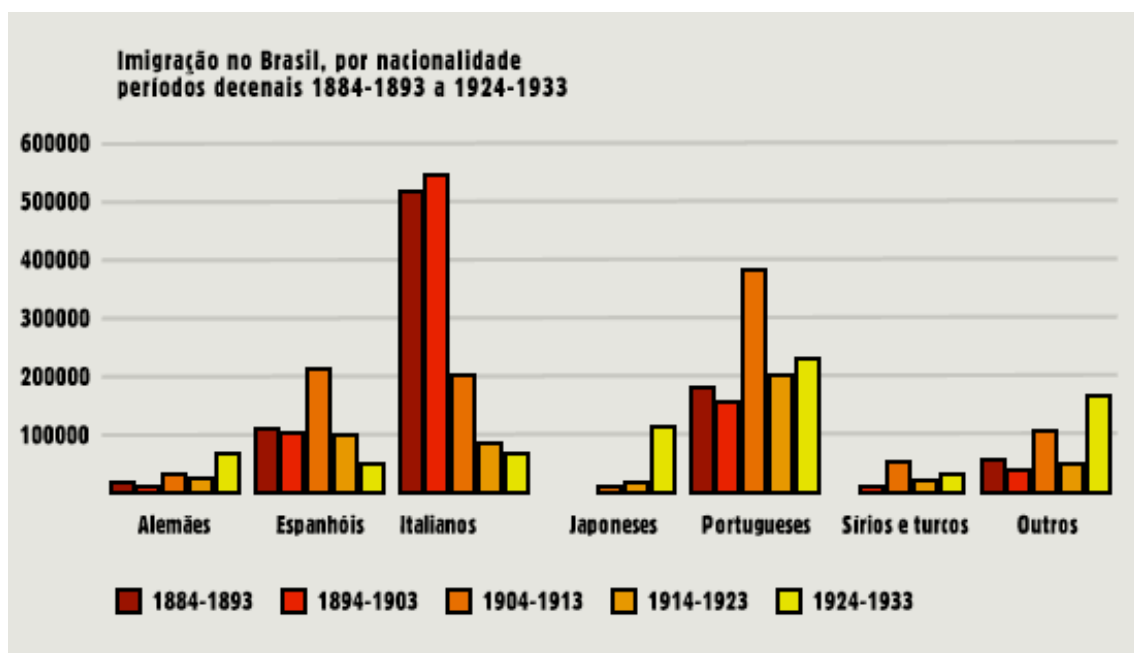
¹⁰⁹ Mortara (1950) citado in Trento (2002) p. 6.

É interessante olhar para os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para ter uma idéia mais clara da quantidade de italianos que entraram no Brasil¹¹⁰ em relação às outras nacionalidades e aos outros grupos étnicos entre o fim do século XIX até metade do século XX. Conforme os ingressos dos italianos diminuíram, os de outras nacionalidades aumentaram. Porque o Brasil continua tendo aquela característica de abertura. Até uma cultura fechada como a japonesa misturou-se e tornou-se parte importante da sociedade brasileira, particularmente paulistana.

¹¹⁰ Entre 1884 e 1933 entraram 1.401.335 italianos. Depois da Segunda Guerra Mundial, entre 1945 e 1959, foram 106.360 segundo o Instituto. Nestas estatísticas não são considerados aqueles imigrantes italianos que entraram no Brasil em segunda opção, ou seja, depois de terem entrado em outros países da América Latina, por exemplo, a Argentina.

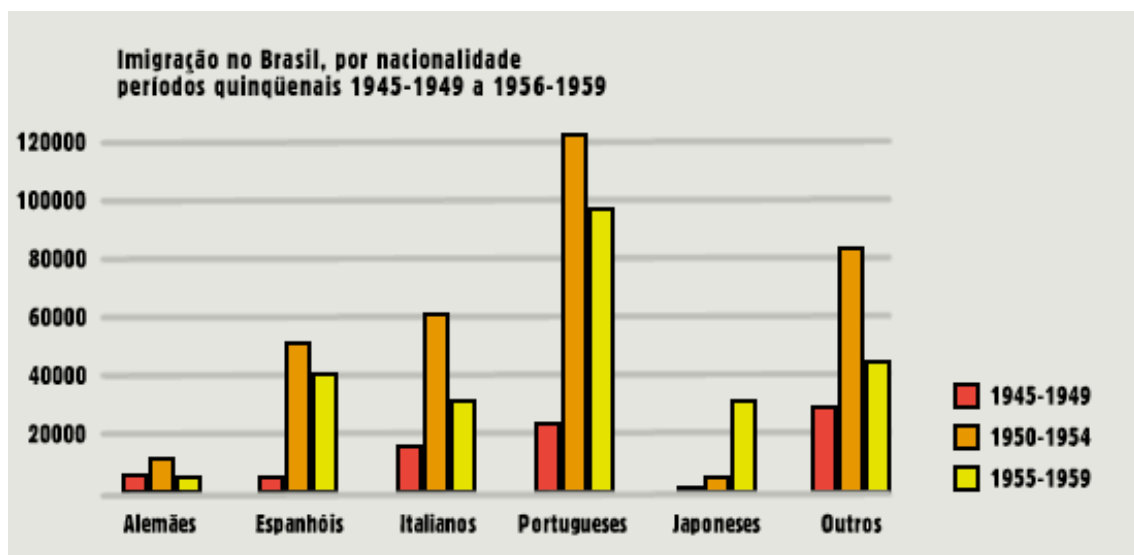
Nacionalidade	1884-1893	1894-1903	1904-1913	1914-1923	1924-1933
Italianos	510.533	537.784	196.521	86.320	70.177
Alemães	22.778	6.698	33.859	29.339	61.723
Espanhóis	113.116	102.142	224.672	94.779	52.405
Japoneses	-	-	11.868	20.398	110.191
Portugueses	170.621	155.542	384.672	201.252	233.650
Sírios e turcos	96	7.124	45.803	20.400	20.400
Outros	66.524	42.820	109.222	51.493	164.586
Total	883.668	852.110	1.006.617	503.981	717.223

Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro : IBGE, 2000. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento. p. 226



Nacionalidade	1945-1949	1950-1954	1955-1959
Italianos	15.312	59.785	31.263
Alemães	5.188	12.204	4.633
Espanhóis	4.092	53.357	38.819
Portugueses	26.268	123.082	96.811
Japoneses	12	5.447	28.819
Outros	29.552	84.851	47.599

Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro : IBGE, 2000. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento. p. 226



2. As políticas brasileiras de colonização

A idéia de colonizar o Brasil com povos europeus nasceu com os portugueses, através do Conselho Ultramarino¹¹¹, antes do 1750, quando apercebeu-se que a população de Portugal era demasiado pouca para poder enfrentar as exigências de povoar uma terra tão grande como o Brasil¹¹².

Quando, em 1808, a Corte Portuguesa chegou no Brasil foi criada uma legislação específica nesse sentido. Esta consentiu aos colonos que entravam verbas do governo¹¹³ para trabalhar na lavoura. Muitas destas tentativas fracassaram porque não tinham uma perspicácia administrativa nem uma boa organização. Mas estas tentativas foram importantes porque foram os primeiros passos para a colonização.

Na metade do século XIX, a economia brasileira teve uma mudança significativa: o café foi substituindo definitivamente a cana-de-açúcar como produção principal. São Paulo estava se tornando centro desta nova economia. O trabalho nas plantações aumentava e a mão de obra diminuía. O trabalho dos escravos não era suficiente. Era necessário trabalho europeu. Queria-se imigrantes para trabalhar com salários para a grande monocultura paulista. E não colonos como quando procurava-se povoar áreas não-habitadas.

Foi o senador do Império e fazendeiro, Nicolau Vergueiro, nos anos quarenta do século XIX, que desenvolveu um sistema de colonização com um contrato de parceria agrícola assinado pelos países¹¹⁴ de origem, de fato deixando o imigrante à mercê dos fazendeiros. Estes trabalhavam ao lado dos escravos, que ainda existiam, e acabavam por ter o mesmo tratamento. Foi assim que os países europeus de origem

¹¹¹ A administração portuguesa para as colônias e conquistas iniciou-se com a Mesa de Fazenda, onde se reuniam os vedores, existindo para a área ultramarina o vedor da Índia, Brasil e Guiné. Este órgão foi posteriormente chamado de Conselho da Fazenda, extinto em 1604. Foi criado o Conselho da Índia nesse ano e extinto em 1614. O Conselho Ultramarino foi organizado em 1642, quando recebeu seu Regimento. A nomeação dos seus ministros foi estabelecida pelo Decreto de 14 de julho de 1643, e sua instalação ocorreu em 2 de dezembro de 1643. Competiam-lhe todas as matérias e negócios da Índia, Brasil, Guiné, São Tomé, Cabo Verde e África. O Conselho Ultramarino foi extinto em 30 de agosto de 1833. Suas funções foram transferidas para a Secretaria de Estado de Marinha e Ultramar.

¹¹² Na resolução do 22 de julho de 1729, o Conselho achou conveniente deixar instalar nas vilas da Colônia e em outras, casais açorianos, e se não tivesse sido suficiente, poderiam-se ter casais de estrangeiros, alemães, italianos e de outras nacionalidades, só que não fossem castelhanos, ingleses, holandeses e franceses. (De Boni e Costa In AA.VV. 1987).

¹¹³ Como já explicado no primeiro parágrafo deste capítulo.

¹¹⁴ Geralmente alemães, suíços e portugueses.

receberam as queixas dos imigrantes, proibindo a emigração para o Brasil. Como a Inglaterra (1875), a França (1876), a Itália proibiu a emigração no Espírito Santo (1895) e em São Paulo (1902).

Contemporaneamente o poder público tomou novas atitudes para reativar os canais da imigração. Foram feitas novas leis para estimular. Mas a Europa ainda tinha receio de enviar emigrantes ao Brasil.

Entre 1819 e o 1850 entraram 25.590 imigrantes¹¹⁵. Os europeus tinham mais atração pela Argentina e os Estados Unidos. Estes últimos de fato facilitavam o acesso à propriedade e proibiam relações de escravidão e servidão dos imigrantes a partir do 1864. Logo recebiam, entre 1840 e 1880, cerca de dez milhões de imigrantes.

A partir do 1867 a política brasileira foi de abertura para prometer vantagem de tipo econômico e de assistência. Mas não conseguiram convencer os alemães como os ingleses a desbloquear as migrações para o Brasil.

Em 1885, quando estava claro que a escravidão estava acabando, o governo retomou uma política da colonização. Reorganizando os lotes de terra e retomando a propaganda para a Europa. O ápice da crise econômica na Itália coincidiu com esta nova procura brasileira. Até 1884 os italianos que entram no Brasil nunca superaram os 15 mil em um ano.

Em particular existiam duas sociedades de subvenção: a *Sociedade Central de Imigração*, surgida em 1883 no Rio de Janeiro; e em 1886, uma associação para incentivar a vinda de famílias européias para o Estado de São Paulo – *Sociedade Promotora da Imigração*. A primeira estava em oposição a um fluxo de massa de europeus, querendo aquela imigração mais seletiva para garantir a formação de uma pequena e média propriedade agrícola que conseguisse erradicar o sistema latifundiário, considerado como um obstáculo para o desenvolvimento do país. A segunda expressão, mais os interesses dos fazendeiros paulistas do café, que queriam o contrário, garantir um fluxo contínuo e consistente de braços para trabalhar nos

¹¹⁵ A metade do número anual de escravos trazidos da África.

cafezais. Foi esta segunda que prevaleceu, depois da Proclamação da República, em 1889. A *Sociedade Central de Imigração* foi fechada em 1891.

Depois do 1894, com a transferência dos serviços de imigração do governo federal aos Estados, acaba definitivamente a colonização agrícola no Sul do Brasil. Só as regiões ricas tinham condições para sustentar a mão-de-obra estrangeira, portanto, como já falei, só o Estado de São Paulo. O governo central retomará conta dos serviços, em 1907, mas nesta época a imigração italiana já começava a diminuir, apesar de, como já vimos, até o fim da Segunda Guerra Mundial, continuarem a existir fluxos peninsulares.

3. A colonização agrícola

Nos últimos quarenta anos do século XIX, cresceram muito os núcleos coloniais, os quais tiveram maior sucesso, no Espírito Santo mas, sobretudo, no Sul do Brasil (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) onde as condições climáticas e culturais são mais similares àsquelas da Europa (Trento 2002). Esta macroárea, até 1894, quando os serviços da imigração foram transferidos do governo central aos Estados com o efeito de levar todos os fluxos da Itália diretamente para São Paulo, atraiu um bom numero de italianos, sobretudo do norte da península.

Para uma importante minoria destes imigrantes, conseguir adquirir a própria terra não foi fácil. Eram transportados, gratuitamente, do lugar de chegada até os núcleos que, administrados pelo governo ou empresas privadas, eram divididos em porções de 25 até 60 hectares, disponíveis só para famílias. A partir do segundo ano, ou seja, depois da primeira colheita, começavam a pagar as prestações. Os colonos recebiam uma casa provisória, alimentos, equipamentos agrícolas e sementes, tudo para ser reembolsado depois. Para garantir as primeiras necessidades os homens eram chamados para trabalhar em obras públicas, como construção de estradas, com custos, para o governo, mais altos do necessário, assumindo assim um caráter assistencial. Tendo também uma certa flexibilidade e tolerância no recebimento das prestações, como as hipóteses do Angelo Trento (2002), “talvez para compensar desserviços, incompetências, arbítrios até desonestidade do pessoal técnico e administrativo dos núcleos”.

O isolamento dos núcleos deixou-os com problemas de assistência sanitária, com poucas escolas, grandes distâncias e estradas ruins, longe das feiras nas quais poderiam vender os produtos¹¹⁶.

De outro lado, este isolamento e as mesmas proveniências permitiram a manutenção das tradições, usos e costumes das regiões de origem. Em alguns casos estes núcleos pareciam pedaços de Itália, sobretudo do Vêneto, tranferidos ao Brasil. A família era, junto com o clero italiano um dos elementos fundamentais da

¹¹⁶ Também citado por Trento (2002), Franzina no seu livro de 1979 propõe uma descrição de primeira mão das condições de vida dos colonos através das próprias letras.

imigração. Inicialmente os padres migravam junto com as famílias da comunidade¹¹⁷. Uma forte endogamia e a persistência do dialeto deram origem a muitas publicações baseadas essencialmente na memória¹¹⁸.

A partir da primeira década do século XX o desenvolvimento das estradas de ferro e a possibilidade de chegar até pontos comerciais mais longínquos ajudaram na formação de centros urbanos mais autônomos. A este ponto a colonização agrícola já estava esgotada. Só depois da Segunda Guerra, entre 1948 e a metade dos anos cinquenta, algumas cooperativas italianas, sobretudo do Abruzzo, tiveram facilidades para instalar-se em áreas menos frequentadas pela imigração italiana. Como Goiás, Mato Grosso, Bahia e o Estado do Rio de Janeiro. Mas estas experiências acabaram quase todas com o abandono pela falta de uma séria organização seja das autoridades brasileiras, seja das cooperativas italianas que pouco conheciam a realidade local, além de algumas condições essenciais para a subsistência.

Teve maior sucesso a *Campanha Brasileira de Colonização e Imigração Italiana* totalmente financiada pelo governo italiano e instituída com base no acordo de 1949 em que o Brasil devolvia à Roma os bens confiscados durante a guerra depois de 1942. A colônia agrícola fundada em São Paulo tinha 3.500 hectares e, apesar de ter tido revoltas e abandonos, conseguiu sobreviver.

¹¹⁷ Os religiosos italianos tinham um papel assistencial na imigração, mas também empenhavam-se para manter vivos e às vezes fazer nascer, sentimentos de italianidade. Para aprofundar veja-se Azzi (1987-88), Francesconi (1973), Rosoli (1982) e Beozzo (1987).

¹¹⁸ Para uma idéia desta produção as vezes ingênua veja-se, entre os outros, as exposições de Costa-Marcon (1988) e De Boni (1996).

4. As fazendas do café no Estado de São Paulo

Todos os fluxos imigratórios para o Estado de São Paulo foram, como vimos antes, conseqüências da procura de mão de obra dos fazendeiros do café, tendo o importante papel de demonstrar a possibilidade de trabalhar livremente criando o típico sistema de trabalho com salários chamado também de colonato. Tudo isto foi possível não sem poucas dificuldades para os imigrantes, que durante muito tempo ainda tinham o mesmo tratamento dos escravos ou muito parecido. Depois da falência do sistema do Vergueiro¹¹⁹, as fazendas do café tiveram diferentes tipos de contratos até depois do 1870 consolidar-se o regime chamado de “assalariado”.

Existe um debate sobre a definição da tipologia de colono que tinha especificadamente no Estado de São Paulo, nas fazendas de café. Um bom grupo de estudiosos pensa que as oportunidades de ascensão social foram limitadas e que, apesar da presença de um grande latifundiário como Geremia Lunardelli, o acesso à propriedade da terra pelos italianos foi, percentualmente, muito pouco¹²⁰.

Neste sistema de trabalho assalariado, que demorou até o Estatuto da Terra de 1964, a renda do trabalhador era composta de uma soma de dinheiro que deviam-lhe para cultivo de mil plantas de café, geralmente com quatro diservaturas e sachaduras por ano e de uma cota, determinada na base dos alqueires colhidos, que mudava em relação ao preço do café no mercado das exportações. O colono da fazenda de café era “*sui generis*” porque uma parte do “salário” era representado por habitação que recebia, a possibilidade de cultivar cereais e legumes num lote de terra da fazenda reservado por este escopo. Tais legumes geralmente eram destinados para o consumo familiar, mas os que sobravam podia ser vendidos aproveitando a renda¹²¹. Inicialmente os fazendeiros queriam que os colonos dividissem estas rendas com eles, mas com o tempo entenderam que esta atividade era necessária também para o espírito

¹¹⁹ Veja-se neste capítulo o paragrafo 2. *As políticas brasileiras de colonização*.

¹²⁰ Angelo Trento (1984 e 2002) refere deste debate e sugere para um aprofundamento em relação aos pessimistas Stolcke (1986) e aos otimistas Fausto (1991).

¹²¹ Segundo Petrone M.T. (1987) testemunhos da época revelam a importância que esta possibilidade de cultivar gêneros de subsistência e poder vender os demais tinha para os colonos.

do colono, além de ser um incentivo econômico que não tinha custos para o fazendeiro.

Para os imigrantes estas culturas tornaram-se fundamentais para a sobrevivência e procuraram, dentro do possível, fazendas que as permitiam. Mas teve fazendeiros que queriam reduzir muito estas culturas criando contrastes que foram a causa da greve de 1913 em Ribeirão Preto¹²². As indicações apontam mais de 10 mil colonos de “braços¹²³ cruzados”.

Em geral a expansão do café e a maciça chegada dos imigrantes são ligados à expansão e à afirmação do capitalismo. É importante lembrar a organização das ruas e das cidades do “Império do Café” e a acumulação de capital que as atividades ligadas ao café favoreciam.

Alguns dados:

Ano	Plantas prontas
1880	69.540.000
1900	220.000.000
1910	696.701.000
1930	1.188.000.000

Em 1890-91 foram colhidos 3.000.000 de sacos de café, em 1904-05 tornaram-se 7.200.000, para chegar ao 1929-30 com 19.484.000.

Lentamente o imigrante italiano conseguiu tornar totalmente livre e assalariado o trabalho nas plantações, passando de uma condição de escravidão e da convicção dos fazendeiros que esta condição era mais produtiva, à demonstração que trabalhando livremente e ganhando o que mereciam, a produção era até maior e a organização do trabalho muito mais funcional.

¹²² Os fazendeiros proibiram o cultivo de cereais, mas tinham também problemas nos pagamentos e a carestia.

¹²³ Muito importante, mas que levaria um outro trabalho, que alguns fizeram e fazem, é a importância que os italianos tiveram na criação dos sindicatos e das atividades sindicalistas.

Durante o Império entram no Estado de São Paulo cerca de 157 mil italianos, ou seja, cerca de três quartos do total registrado na Província. Só em 1888 chegaram 88.747, quase a metade dos italianos entrados no mesmo período em todo o Brasil. Entre o 1890 e o 1929 no Estado, entraram mais de 2.000.000 de imigrantes cerca do 57% do total que entrou no país. Um terço dos imigrantes em São Paulo eram italianos (694.489).

Para a percepção da importância da imigração italiana, é necessário também lembrar alguns outros fluxos migratórios. Os espanhóis tinham a segunda posição em termos de números de imigrantes 374.658; seguidos pelos portugueses, com 363.156. Na primeira década do 1900 os italianos constituíam 47% (cerca de 75.000) do total, nas décadas seguintes ao ano de 1910, passaram ao 23% (cerca de 187.000) e após o ano de 1920 só 15%. Representavam mais da metade da população adulta masculina em 1920 em que a população da cidade estava chegando aos 600.000 habitantes¹²⁴.

¹²⁴ Para os dados de Petrone M.T. In AA.VV. (1987), p. 336 e seg.; Trento A. in Bevilacqua, De Clementi e Franzina (2002) p. 9-12

5. São Paulo: a cidade e as profissões

No começo dos anos setenta do século XIX a cidade de São Paulo não tinha mais de 30 mil habitantes. No fim de 1886, já 13% eram italianos, 5.717 sobre 44.030. Contrariamente com as dimensões ainda exíguas da comunidade inicial, neste período “a influência italiana no aspecto material dos fabricados começava a manifestar-se (...) nas vilas e nas casas (...) que se afastavam dos modelos portugueses”¹²⁵.

A cidade estava pronta para a decolagem, através do gosto pela arquitetura italiana¹²⁶ e graças ao empenho direto dos empreendedores e dos mestres chegados da Itália.

São Paulo crescia tornando-se mais bonita também através de um aumento demográfico e de habitações dos quais os italianos foram os principais protagonistas.

Muitos refugiados das fazendas procuraram uma outra vida na cidade. Os fluxos de massa ficaram entre 31 e 37% da população total (representando ao 5% em 1940) tendo até a metade da população adulta masculina em 1920. Portanto, já na metade dos anos noventa, a cidade de São Paulo tinha uma imagem de “cidade italiana” e esta italianidade fazia parte da vida cotidiana¹²⁷, sobretudo em alguns bairros como Brás, Bom Retiro e Bixiga¹²⁸, que tinham, às vezes, características de monoregionalidade (campanos, da Puglia no primeiro, venetos no segundo e calabreses no terceiro)¹²⁹.

Em São Paulo os italianos preencheram espaços profissionais ainda vazios e criaram-ne novos. Muitos improvisaram-se pedreiros e chefes de pedreiro. Isto em razão do grande e rápido crescimento da cidade em consequência destes fluxos. Com a mesma lógica dos fluxos que alimentavam as necessidades mas também as

¹²⁵ De Foresta A. *Attraverso l'Atlantico* p. 278, citado por Franzina (1995), p. 454.

¹²⁶ Veja-se para aprofundar os aspectos a influência da arquitetura italiana em São Paulo: Debenedetti A. e Salmoni A. (1953). *Architettura italiana a San Paolo*.

¹²⁷ É até interessante um livro, citado por Trento (2002), Ferreira dos Santos (1998) que diz “não tudo era italiano” para resgatar a pouca visibilidade dos nativos pobres, sobretudo negros.

¹²⁸ Tinham também no Barra Funda, Belenzinho.

¹²⁹ As festas como no Bixiga a da Nossa Senhora da Achiropita venerada em Rossano, na Calábria, na província de Cosenza. No Brás a festa do São Vito Mártir, venerado pelos originários de Polignano a Mare. Veja-se também o livro de contos de Alcântara Machado, *Brás, Bixiga e Barra Funda*, que apresenta retratos e flagrantes da vida dos imigrantes italianos no período de 1900 a 1920. Trento 2002 e Oliveira 2002.

oportunidades, cresciam os exercícios comerciais (pousadas, hotéis, cafés, cantinas, barbeiros e sapateiros) e artesanais, como produção de massas, móveis, chapéu e assim por diante, que tinham principalmente como compradores os contrerrâneos.

Algumas atividades durante muito tempo foram exclusivamente dos italianos, como: engraxates, berrador de jornais e amolador. Um verdadeiro monopólio foi aquele do comércio ambulante e a retalho¹³⁰. Poucos imigrantes eram apenas profissionais liberais alguns eram médicos (Lacaz 1989 e Salles Rosfsen 1997) e artistas.

Muitos, pelo contrário, trabalhavam nos serviços e a maioria vivia nos *cortiços*, grandes como um enorme quartel divididos em pequenos apartamentos onde moravam entre 8 e 10 pessoas. Mas não levaram muito tempo para os italianos começarem a construir, nas horas livres, as próprias casas com a ajuda dos próprios contrerrâneos mais especialistas em edificação. Estas construções reproduziam os modelos arquitetônicos italianos, aos quais estavam acostumados e que conheciam; assim que a paisagem também começou a ter, em algumas áreas, um ar de italianidade.

Também a classe dos empreendedores chegou nos fluxos migratórios que vinham da Itália, que preferiam trabalhadores que chegassem da própria terra de origem. Até 1915 foi utilizada a mão-de-obra que escapava das fazendas. Nos anos vinte e trinta chegaram mais operários até, depois da segunda guerra mundial, chegarem operários especializados, mecânicos, eletricitas e outras categorias deste tipo eram solicitados pelo governo do Rio através das listas do Cime.

Frequentemente, os imigrantes, passavam do artesanado à indústria, pequena, média e grande. A importância que os imigrantes tiveram na área empresarial até 1930 dependia também da pouca propensão das oligarquias locais em investir.

Entre o fim do século XIX e a Primeira Guerra Mundial salientaram-se fortunas maiores em volta das indústrias e alguns caso no mundo rural, nas construções civis e no mercado financeiro. As estrelas mais visíveis foram Scarpa, Prada, o socialista Tamenzoni, Puglisi Carbone, Pinotti Gamba, Siciliano e sobretudo Crespi e Matarazzo.

¹³⁰ Em 1894, em São Paulo, 8.700 exercícios em 14.000 eram de italianos. (Trento 2002). Mas veja-se também Franzina (1995).

V. PERCURSO METODOLÓGICO E INSTRUMENTO DE PESQUISA

“Sair do *caminho da escravidão* das pretensões totalizantes do conhecimento torna-se possível somente por meio de uma paixão desmedida pelo conhecimento, mediante o gesto que a acompanha até o ponto em que desaparece”.

(Maldonato, M. *A subversão do ser*).

1. Introdução: um olhar para trás e rumo para a frente

Depois de ter chegado até aqui sinto ainda a necessidade de explicar cientificamente e autobiograficamente o caminho. *Um olhar para trás* quer dizer a necessidade de re-percorrer o caminho e *para frente* porque através deste percurso quero deixar a abertura para a continuação deste trabalho. Colocarei aqui parte do projeto e do trabalho que apresentei no exame de qualificação que faz fortemente parte deste percurso, na sua estruturação científica e na sua razão de ser, ainda mais depois da base teórica que até aqui apresentei.

2. O pesquisador objeto: uma perspectiva de auto-análise ou a experiência humana como experiência de pesquisa na pesquisa

O que leva as pessoas a andarem nos trilhos da vida são as escolhas. Estas mesmas tornaram-se fundamentais nos percursos da pesquisa. No momento em que escrevo sou levada a explicar as escolhas de pesquisa. Coloco-me na perspectiva epistemológica que valoriza a importância do sujeito pesquisado, tanto quanto do sujeito pesquisador; que valoriza a relação sujeito/sujeito e que favorecem uma pesquisa de tipo etnográfica. Linhas antropológicas, sociológicas e psicológicas que

trabalham nesta direção, valorizando a relação numa perspectiva dialógica e evolutiva.¹³¹

Também em função disto sinto a exigência de explicar, pelo menos em linhas gerais, o meu percurso científico e pessoal até aqui, para permitir ao leitor melhor colocar a pesquisa e o pesquisador. Entender melhor as opções feitas ao longo do percurso e querendo me colocar numa perspectiva metodológica autobiográfica. Para trabalhar com a biografia dos outros é necessário trabalhar com a própria. Entender a si mesmo para entender os outros¹³².

O que me trouxe até aqui? Escolhas e o encontro com o outro.

Em 2001, uma destas escolhas levaram-me a Portugal onde começou a minha aventura no mundo lusófono e, mais claramente, no mundo do outro, ou aquele que eu achava ser outro diferente de mim. Aprendi português, estudei a História e a comunicação daquele país. As relações entre os processos de modernização da comunicação, do sistema das mídias e da longa duração (Braudel, 1990) da história portuguesa na formação da sua identidade. Aproximei-me da cultura portuguesa abrindo-me aos estudos das identidades individuais e coletivas e das hibridizações culturais¹³³.

Descobri Portugal, Lisboa e os portugueses com grande curiosidade e muita abertura¹³⁴. A convivência com as pessoas e com os lugares foi muito importante para a minha vida pessoal e para o meu caminho de pesquisadora. Uma intensa convivência

¹³¹ Olivera (2000), Maldonato (2001), Valverde (2000). Durante as aulas da disciplina da Prof. Cremilda Medina, foram colocadas as perspectivas da pesquisa experiência e da pesquisa alteridade. Considerando o pesquisador olhando o outro e transformando-se através do outro. A atuação e a produção da própria transformação através de um processo criativo que surge na pesquisa e através da pesquisa.

¹³² Na perspectiva autobiográfica veja-se entre outros, Macioti (1985), Demetrio (1996 e 1999), Cipriani (1995), Bianchi (2002).

¹³³ Todas as experiências de vida trazem algo que acrescenta ao próprio ser. Embora nem sempre consigamos ver ou elaborar aquilo que nos pode acrescentar. Provavelmente a minha experiência de análise possibilitou-me vislumbrar e aproveitar todos os elementos que a vivência portuguesa, as descobertas pessoais e científicas me trouxeram.

¹³⁴ Um país que, apesar de participar da União Européia não é tão conhecido – tanto que muitos colegas, amigos e conhecidos, antes de viajar e também depois, me perguntaram se eu sabia falar espanhol! Talvez nos últimos dois ou três anos Portugal passou a ser um pouco mais comentado na Itália, devido a questões de política internacional que o envolveram e para ser incluído nos destinos preferidos de férias e fim de semana prolongados, de muitos italianos.

com um cadinho de nacionalidades – portugueses, suecos, australianos, franceses, japoneses, italianos, moçambicanos, angolanos e enfim brasileiros¹³⁵. Todos falando o mesmo idioma, português, ou pelo menos tentando¹³⁶. Alguns mais, outros menos. Esta prática de vivência proporcionou, ao longo do tempo, uma reflexão sobre as minhas origens, ainda mais hoje que estou trabalhando sobre as culturas e as hibridizações, que estão ficando para mim cada vez mais claras.

Com a minha experiência de vida e de pesquisa no “campo” da pesquisa – que é sempre um campo longe, aparentemente, do meu “campo” da vida – consegui experimentar em mim mesma e numa forma mais clara, a questão do outro, do diverso de mim, do estrangeiro. Eu como estrangeira num outro país, ou simplesmente em uma outra região, ou só em uma outra família, “eles” – os brasileiros, os portugueses, os *campani*, os *eoliani*... – os outros como *alter* de mim.

O que significa ser estrangeiro? Um passaporte?

Quantos brasileiros têm passaporte italiano, ou alemão, ou outro sem somente nem falar a língua e talvez nunca ter conhecido o país de origem?

Eu também tenho dois passaportes, um italiano e um francês. Falo francês, mas não posso dizer-me francesa. A minha mãe é francesa. O meu pai é italiano, mas de mãe canadense de origens escocesa e indígena. Nasci em Roma, mas já vivi – pelo menos durante um ano – em Salerno na região da Campania, perto de Nápoles; em uma ilha perto da Sicília – arquipélago das *Eolie* –, Lipari; em Lisboa, mais de dois anos em São Paulo. Quando estou na Itália, trabalho entre Roma e Florença. Meu irmão vive em Florença e casou-se com uma calabresa e já uma parte dele identifica-se com o outro mundo, do Sul da Itália.

¹³⁵ Durante a minha estada, mudei duas vezes de apartamento. O primeiro era mais ou menos aquele que no Brasil se chamaria uma república. Cerca de vinte pessoas moravam – um pouco mais, um pouco menos – durante seis meses.

¹³⁶ Mas todos com o mesmo desejo de aprendê-lo.

Como posso me definir? Italiana, francesa, norte-americana, sul-americana, européia, cidadã do mundo? Será que temos que encaixar a própria identidade em algo definido? Às vezes sim, mas talvez não.

Em todos os lugares nos quais morei, sempre continuei a ser estrangeira, mesmo quando aprendi a falar bem a língua ou o dialeto, continuei sendo-a. Mas acontece que, se na Sicília ou na Campania eu era a *romana* – portanto a estrangeira –, em Portugal o no Brasil era e sou a italiana, quando estou em “casa” – considerando “casa” não só o lugar físico, mas também os elementos simbólicos que fazem parte: família, amigos, paisagens familiares... – já foi a *siciliana*, a *salernitana* ou *napoletana*, a portuguesa. Agora estou de volta à Itália e já sou para muitos a brasileira. Devido às mudanças de acento português, somente no Brasil, sou também a portuguesa e para os meus amigos portugueses, agora, sou a brasileira. A minha identidade se multiplicou em muitas identidades. Um pouco de todas estas culturas participa da minha de origem e me sinto pertencer um pouco a todas elas. Não só, mas espero ter outras oportunidades de vida para me sentir ainda uma outra coisa!

Foi a partir desta viagem através das identidades¹³⁷ e das histórias sociais da comunicação¹³⁸ e da cultura junto à análise das origens e da história minha e da minha família, que surgiu o interesse pela italianidade e *italicidade*, pelos italianos no mundo. A conexão com o Brasil foi automática.

Geralmente algumas experiências levam consigo outras oportunidades e outras escolhas. Foi por este caminho que cheguei aqui na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo e concorri a uma bolsa da Universidade “La Sapienza” de Roma, que ganhei no começo do mestrado. Considero fundamental para o meu percurso deixar clara a condição de estrangeiro¹³⁹ e de estranheza (estranhamento) ao mundo ao qual estava me aproximando e que ia ser desafiador descobrir.

¹³⁷ Veja-se capítulo II, nota 18.

¹³⁸ A partir de autores como Innis (2001), Ong (1997), Eisestein (1995), Burke e Briggs (2004).

¹³⁹ Em relação a condição de estrangeiro e a questão da sua mobilidade veja-se Maldonato (2004), Maffesoli (2000), Ferrarotti (1999). Veja-se neste trabalho também capítulo III, par. 1.1.

Vim para São Paulo e para o Brasil pesquisar, estudar os italianos e seus descendentes, como se integraram, o que trouxeram para o Brasil e para os brasileiros. Como a italianidade, as híbridas origens culturais se misturaram, se adaptaram e se “crioulizaram”¹⁴⁰. Um país, o Brasil, de indivíduos híbridos, nascidos de mães e pais originários de culturas diferentes, onde a troca e a negociação cultural tornaram-se fundamentais e constitutivos para a formação do povo brasileiro. Para fazer isso tentei e tento ainda – esses tipos de estudos nunca podem ter um fim definitivo – entender o povo brasileiro no seu todo com as suas diversidades (Freyre, 2003a e b, Ribeiro, 2004 e DaMatta, 1997a e b 2001), através da sua História e da sua memória (Le Goff, 2003). Para conseguir alcançar uma melhor formulação e clareza nos objetivos sobre os quais a minha pesquisa queria trabalhar, tornou-se fundamental um percurso de pesquisa bibliográfica. Procurando ler alguns “clássicos” e contemporâneos da literatura brasileira, clássicos da sociologia brasileira em relação à miscigenação (Freyre, 2003a), à identidade e a colonização e descolonização. Junto com isso a vivência intensa e cotidiana com as pessoas e os ambientes, a vivência do e no campo. Ao longo dos meses, portanto, a pesquisa tornou-se a vida do dia-a-dia, o cotidiano. Adquiriu cada vez mais relevância o processo de abertura, adaptação e integração que vivi e ainda estou vivendo. Sem dúvida, ter um bom conhecimento do português¹⁴¹ me ajudou muito.

Quando cheguei ao Brasil, em São Paulo, tinha na minha bagagem de conhecimento, aquilo que os meus amigos brasileiros em Portugal tinham-me contado – cada um a partir do próprio ponto de vista, da própria formação e das próprias origens – as informações que tinha lido ou estudado ao longo da minha vida e algo mais em relação à presença italiana. Tinha ainda na cabeça muitas “coisas”¹⁴² ouvidas

¹⁴⁰ Burke fala de “crioulização do mundo” pensando no surgimento de uma nova ordem, da formação de novos ecótipos, da reconfiguração das culturas. Surgimento de novas formas híbridas que não são consideradas um estágio no caminho para uma cultura global homogênea. (2003, p. 114-116).

¹⁴¹ Adquirido em Portugal e sucessivamente modificado me aproximando sempre mais do sotaque brasileiro, profundamente diferente do português. Foi interessante descobrir durante uma longa viagem de mais de um mês, pelo nordeste brasileiro, que conseguia me mimetizar sendo percebida como brasileira e nunca como estrangeira – coisa que acontece também em São Paulo, onde a variedade de raças e origens é ainda mais evidente.

¹⁴² Como, por exemplo, a idéia que no Brasil a violência impedia até de andar nas ruas, que só existiam meninos de ruas, e assim por diante.

e lidas que só depois de ter chegado aqui, ter aberto os olhos e os ouvidos, descobri tratar-se de estereótipos e preconceitos construídos ao longo dos séculos.

Mergulhando na realidade brasileira e sobretudo paulistana, tentei colocar-me na pesquisa a partir da minha experiência pessoal. Pai, mãe, irmão, todos somos sujeitos híbridos de uma forma evidente até mesmo aos olhos de quem geralmente não faz estes tipo de reflexões. Minha mãe é francesa, meu pai é filho de uma canadense de origem escocesa e indígena. Eu nasci em Roma; meu pai sempre morou e trabalhou em diversas cidades italianas e viajou sempre a trabalho e nós sempre atrás dele. Meu irmão mora em Florença e se casou com uma calabresa. Eu, como falei, já morei em outras cidades da Itália e fora da Itália. Todos nós, em família, falamos correntemente, além do italiano, o francês – somos todos mais ou menos bilíngües – sem considerar o inglês e, no meu caso, também o português. Tudo isso faz de nós uma família claramente híbrida. Mas esta experiência de mobilidade, flexibilidade e abertura à hibridização da minha família, é muito mais típica dos italianos do que geralmente se pensa. Os italianos são já, desde as origens, cadinho de culturas e por isso têm uma propensão ao outro e ao se abrir. Aquilo que descobri ou que comecei a entender melhor foi, a partir da análise do meu ser híbrido, a da condição também híbrida do imigrante italiano¹⁴³. Um elemento importante, que a longa e intensa História da Península Itálica constituiu em todos os italianos, é uma memória articulada e rica de relações entre as classes e as populações, as culturas e as etnias. Não existe um tipo italiano “puro”¹⁴⁴.

Tudo isso tem a ver com a minha experiência de vida e de pesquisa, para o que quero chamar atenção. A importância da abertura em direção ao outro. O encontro com o outro diverso de mim, tanto em Portugal, quanto no Brasil. A convivência com a língua, a cultura que me permitiu descobrir os muitos pontos de contato, os muitos laços que nos unem. Que unem os portugueses aos italianos, aos povos mediterrâneos, latinos e católicos. Culturas diferentemente misturadas e enraizadas com culturas

¹⁴³ Que, com outras culturas, contribuíram para a formação do, também híbrido, povo brasileiro.

¹⁴⁴ Bechelloni G. explica claramente este conceito, principalmente em *Diventare italiani – Coltivare e comunicare la memoria collettiva* e *Il silenzio e il rumore – Destino e fortuna degli italiani nel mondo*.

africanas e asiáticas, com presenças judaicas influenciando a cultura da troca. Tudo isso faz parte da globalizada – já no século XIV – identidade brasileira.

No contínuo trabalho etnográfico e na contínua observação participante, vivencial como metodologia de vida e de pesquisa –, aprendi a importância de pensar o outro para podê-lo perceber, convocar¹⁴⁵ e viabilizar um diálogo possível¹⁴⁶. Isso é necessário em todas as culturas, entre diferentes e na mesma cultura. A maioria das vezes não refletimos sobre quem é o outro, não pensamos o outro com quem queremos nos relacionar, ou às vezes não queremos, mas temos que nos relacionar.

É na importância que o *outro* deveria assumir – e do outro em relação ao *eu* – que sinto necessidade de evidenciar a importância da relação face a face entre as pessoas, da pesquisa etnográfica e da observação participante, para entrar em contato direto com as tradições, os hábitos, as coisas, os conhecimentos dos outros¹⁴⁷. Não é possível estudar os homens e as relações entre eles sem mergulhar nos seus mundos, sem se relacionar com eles. Há quem diga que não se pode pesquisar envolvendo-se muito com o próprio objeto. Mas isso não considera que os homens são mais do que objetos de estudos, são sujeitos, indivíduos. Um bom pesquisador não pode não ter consciência. Primeiro, dele também ser um indivíduo e, segundo – somente mantendo a própria consciência de pesquisador, com tudo que isso significa em termos de conhecimento e de práticas – não pode porém não entrar no mundo, no contexto, na sociedade em que o homem está.

Para concluir o esclarecimento da minha trajetória, quero colocar o acento nesta abordagem das temáticas e das metodologias de pesquisa que consideram importantes três elementos que se juntam no meu percurso de pesquisa: a percepção de ser, eu mesma, um sujeito híbrido, a consciência de uma reflexividade psicanalítica e o

¹⁴⁵ Segundo a expressão utilizada para o estudos italiano Piero Trupia no seu livro *Potere di convocazione* (2002). Conceitualizando a necessidade de uma comunicação que produza um confronto, um diálogo. É abrindo-se ao outro que se há o poder de convocação.

¹⁴⁶ Segundo a expressão utilizada por Cremilda Medina (2002) em relação a um possível diálogo entre entrevistado e entrevistador.

¹⁴⁷ Sem também nunca esquecer os próprios.

conhecimento teórico adquirido através dos meus estudos e da minha experiência de pesquisa. É a partir disso que me coloco em relação à pesquisa.

No momento em que escrevo estou na Itália, onde a vida e as escolhas me levaram de volta. Escrever aqui, a esta distância espacial como temporal é de um lado mais difícil, mas por outro lado talvez me ajudou a ter uma maior clareza.

Como esclarecido na introdução este trabalho mudou, não na sua essência, mas na sua realização final como dissertação de mestrado, em direção de uma base teórica para o sucessivo desenvolvimento empírico.

Escolhi algumas das pessoas das quais quero colher as histórias de vida e no momento em que entregarei a dissertação estarei trabalhando no campo.

Quero colocar aqui o percurso e a estratégia metodológica – conforme o que aprendi através dos livros e da disciplina da minha orientadora a Prof.a Maria Immacolata Vassallo de Lopes – que irei utilizar e que já foi apresentada, em parte, no exame de qualificação e que representa uma parte importante do trabalho teórico de preparação que fiz durante este percurso de mestrado.

2. A estratégia metodológica¹⁴⁸

Na observação, as técnicas utilizadas serão a observação participante e a pesquisa etnográfica (Clifford, 2002). A observação será principalmente indireta e mediada pelo informante, utilizando técnicas de coleta de tipo qualitativo em particular entrevistas abertas¹⁴⁹ não estruturadas ou semi-estruturadas histórias de vida.¹⁵⁰ Mas também com observação direta através de diários de observação e fotografias¹⁵¹.

A amostra é qualitativa, de doze pessoas¹⁵², podendo ser chamada também de amostra social. Para testar a plausibilidade da hipótese central vou utilizar três tipologias de indagação empíricas. Entrevistas semi-estruturadas ou abertas com cerca de doze pessoas consideradas estratégicas¹⁵³ – por ocuparem posições profissionais através das quais entram em contato com amplos segmentos da estrutura social, como em particular empresários, jornalistas, professores (destes principalmente sociólogos e antropólogos) brasileiros de origem italiana. Coleta de histórias de vida, cerca de oito/dez¹⁵⁴, de pessoas escolhidas entre habitantes da cidade de São Paulo, de preferência moradores ou trabalhadores de bairros considerados de origem ou colonização italiana (Bixiga/Bela Vista, Móoca), como donos de pequenas lojas, restaurantes, cantinas, pizzarias, padarias. Mas também empresários, homens políticos que fizeram algo de importante ou de qualquer forma contribuíram fortemente à construção da sociedade e das identidades brasileira. Uma terceira técnica que pretendo utilizar é do *focus group*. Organizarei dois ou três deles, realizados através do uso da língua italiana. Cerca de doze pessoas de diferentes gerações e gêneros que saibam falar italiano. Toda a pesquisa está sendo desenvolvida na área metropolitana da

¹⁴⁸ (Lopes 2001).

¹⁴⁹ Utilizando a idéia da *entrevista de compreensão*, ou seja a condição da busca do aprofundamento com o propósito de compreender e de humanizar. (Lima 2004).

¹⁵⁰ Em relação às entrevistas e às histórias de vida veja-se Thompson (2002), também na questão da história oral, Mediana (2002 e 2003) sobre o forma da entrevista ser um diálogo e como narrar o cotidiano, Cipriani (1988 e 1995) na questão das história de vida como técnica metodológica que adquiriu credibilidade e substância; Becker (1999) e Lima (2004).

¹⁵¹ Algumas destas tecnica já foram utilizadas até aqui. A observação participante e as entrevistas abertas, como depoimentos informais. Estas últimas como reportado também na introdução foram utilizadas para a exploração e um primeiro mapeamento do campo que consentiu a realização deste trabalho.

¹⁵² Estarei aberta numa perspectiva de doutorado em alargar a amostra.

¹⁵³ Como já colocado na explicitação dos objetivos.

¹⁵⁴ Aqui também estarei aberta em alargar a amostra.

cidade de São Paulo. As três técnicas de investigação pretendem alcançar diferentes tipologias de itálicos.

A escolha de São Paulo deve-se ao fato dela ser um lugar privilegiado pela profunda representatividade histórico-social que os italianos tiveram na construção e no desenvolvimento desta gigantesca metrópole. Com os seus dezoito milhões de habitantes ou se considerarmos a chamada Grande São Paulo – que compreende aquela parte da cidade que veio se expandir a partir das periferias e que ampliou muito os reais confins da cidade – sua população salta para mais de vinte milhões de pessoas. São Paulo representa uma realidade privilegiada porque quase a metade de seus moradores é de origem italiana – 15% da população do Brasil – descendentes por pai ou mãe de primeira, segunda, terceira ou quarta geração. A maioria chegou entre o fim do século XIX (1870) e os anos 50 do século XX (1955). A presença italiana pode-se respirar cotidianamente a partir dos símbolos, já nas estradas.¹⁵⁵

Na primeira fase de exploração utilizei a técnica das entrevistas abertas de tipo informal e sem gravador. No caso da coleta de dados através das três tipologias, vai ser utilizado o gravador.

Através destas histórias de vida, pretendo reconstruir como estas pessoas reconhecem a própria identidade e percebem aquela itálica, procurando as raízes de uma relação centenária entre itálicos e brasileiros. As histórias de vida são sobretudo um “livre fluir do discurso – na relação interpessoal entre entrevistador e entrevistado – que dá lugar à emergência dos fatores cruciais de uma vivência pessoal, que não é jamais somente individual mas profundamente inserida no corpo social. Não se trata portanto de psicologia intimista mas de escavação no microcosmo para nele entrever o macrocosmo” (Cipriani, 1988: 122).

¹⁵⁵ Ao longo do tempo e da convivência, percebi as pessoas com o “jogo dos olhares”, aqueles sorrisos abertos e acolhedores típicos dos brasileiros assim como dos italianos (Bechelloni, 2004), a comida explicitamente italiana, como as seis mil pizzarias e as centenas de restaurantes de comida italiana, ou no estilo, só em São Paulo. Os nomes das pessoas claramente italianos ou já hibridizados, lendo os jornais, vendo a tv, ou simplesmente vivendo e conhecendo pessoas no dia-a-dia, tanto nas universidades quanto nas esquinas.

Através das histórias de vida pretendo resgatar o cotidiano através da narração, procurar as diferentes jornadas¹⁵⁶ de cada um, em relação as próprias origens, ao ser brasileiro e itálico.

Pretendo conduzir uma análise secundária das pesquisas sobre a imigração italiana no mundo e especificamente na América Latina e no Brasil. Também se a maior parte desta literatura – como mais vezes referi neste trabalho – analisa a questão da imigração em termos tradicionais, ou seja como histórias de desespero, fuga, de miseráveis¹⁵⁷.

Mapear os estudos feitos e produzir uma bibliografia raciocinada. Além de um “elenco raciocinado” das associações italianas em São Paulo. Ou seja, produzir uma ficha de explicação – origem, atividade, tipos de associados – e, na medida do que for possível colher pelo menos uma entrevista com um testemunho privilegiado¹⁵⁸ de cada associação. Para melhor entender as oportunidades de tornar-se mais úteis para o maior objetivo proposto neste trabalho, ou pelo menos conhecer mais o que precisaria mudar para estas ter um papel mais eficaz.

¹⁵⁶ Se considera a bibliografia referente a Jornada do Herói como recurso metodológico de análise das histórias. Campbell (2003).

¹⁵⁷ Um dos exemplos mais negativos desta literatura é um recente *best seller* do jornalista italiano Gian Antonio Stella, *L'orga – Quando gli Albanesi eravamo noi* (segunda edição atualizada em 2003, Milano: Rizzoli). Um livro que teve muito sucesso propondo uma síntese dos piores estereótipos negativos difundidos sobretudo na imprensa norte-americana nos primeiros anos do século XX.

¹⁵⁸ Veja-se definição na introdução deste trabalho.

3.1. O recurso fotográfico

Por maior que seja o esforço de isenção dos historiados em busca da “verdade histórica”, haverá sempre subjacentes na sua interpretação múltiplos componentes que o farão compreender o passado e o presente segundo seus próprios preconceitos, sua ideologia, sua situação econômica e social, sua postura como intelectual diante da vida e da ciência. As reconstruções históricas sempre foram e serão objeto de diferentes versões. A história, assim como a verdade, tem múltiplas facetas e infinitas imagens.

Boris Kossoy, *Fotografia & História*, p. 147.

Pretendo introduzir na pesquisa também o recurso fotográfico em diferentes formas. Em relação às pessoas que serão entrevistadas para a história de vida, farão parte as fotos do seu passado, da sua vida, da sua família, dos amigos, desde que para eles ou para mim sejam significativas. Com as fotos almejo “registrar” e depois “interpretar” as leituras que estas fotos, provocaram nos entrevistados. Como despertaram a memória de eventos, acontecimentos, pessoas, sentimentos, emoções e quanto mais uma foto pode despertar, ou, se conseguir, como contribuíram à construção da própria memória, também com alguns amigos ou parentes próximos. As fotos serão analisadas seguindo a metodologia da leitura fotográfica¹⁵⁹. Análise iconográfica e iconológica nas suas especificidades hermenêuticas, tentando estabelecer uma heurística das imagens.

Um outro tipo de fotografia é a que permite o “registro” da pesquisa, feita durante as entrevistas, antes e depois. Tirá-las no “contexto” onde a entrevista, o diálogo, está se atuando; se for em casa e no trabalho.¹⁶⁰

Sucessivamente obter fotografias de “signos”, de ícones claramente italianos ou híbridos que se encontram nas ruas de São Paulo. A partir das lojas com nomes italianos, restaurantes, outras escritas ou símbolos de outro tipo. Não podendo alcançar a cidade toda, a proposta é de focalizar o levantamento das fotos, em alguns bairros de

¹⁵⁹ Especificamente a proposta nos dois livros de Boris Kossoy, *Fotografia & História* e *Realidade e Ficção na Trama Fotográfica*.

¹⁶⁰ Procurarei ter os encontros em lugares marcantes vividos, para fotografar os ambientes, objetos e tudo mais que, a partir da entrevista podem ter significado no processo de análise da história de vida.

clara tradição italiana como Bela Vista/Bixiga, Móoca, como em outros não assim caracterizados. A escolha pode ser também em relação a sugestões dos entrevistados, para ir fotografar algo que eles acham típico ou característico da itálicidade.

Outra hipótese podia ser aquela de relacionar algumas fotografias antigas, algumas imagens de São Paulo em relação aos imigrantes, talvez mesmo a partir das fotos que alguns dos entrevistados me mostrarão e procurar a evolução, a mudança dos símbolos e também dos significados coligados. Por exemplo, seria interessante ver como mudaram as imagens ao longo das décadas. Como eram percebidos os imigrantes, como eles se percebiam – através das imagens – e como eles contribuíram às imagens da cidade e dos brasileiros... Quais são, também, as imagens testemunhas desta identidade itálica, no imaginário coletivo dos brasileiros, em particular dos paulistas e dos paulistanos. Como o imigrante de ontem e de hoje se representam na reconstrução da própria memória?

VI. CONCLUSÕES

Como colocado no primeiro capítulo, o principal objetivo – aprofundar os aspectos teóricos e conceituais que estão à base de uma necessária convivência e interculturalidade entre povos e culturas diferentes – foi o que fiz, explicando o meu caminho intelectual através um claro percurso científico explicitado na primeira parte deste trabalho, ou seja nos primeiros três capítulos.

Na segunda parte, senti a necessidade de uma explicação histórica que permitisse o ingresso no específico contexto brasileiro e dos fluxos de italianos que aqui chegaram, assim como para também abrir o caminho à estruturação de uma mais aprofundada pesquisa de campo que se encontra no capítulo cinco sobre o percurso metodológico e instrumentos de pesquisa.

Vasta é a literatura e as pesquisas de vários tipos – históricas, sociológicas, antropológicas – sobre as diferentes correntes imigratórias no Brasil e, mais em geral, dos italianos no mundo. Sejam estudos italianos, sejam brasileiros – a maioria porém são análises específicas ou descrições de fenômenos focalizados e locais¹⁶¹. Poucos são os estudos recentes entre aqueles que encontrei.

O patrimônio que os italianos trouxeram para o Brasil – como para os outros países nos quais a integração foi diferente por ter características sociais e culturais diversas – é constituído, sobretudo, por dois tipos de capital: social e familiar. O primeiro é constituído pelos conhecimentos típicos de uma sociedade complexa, como já era a italiana no final do século XIX, porém ainda parcialmente modernizada. E o segundo, o capital familiar, constituído pelo culto da *pietas*, dos valores legados aos vínculos intergeracionais e aos vínculos com os *penati*. O conjunto destes dois capitais permitiu que os italianos se pensassem, desde o início, como família-empresa¹⁶².

Estes são apenas alguns dos elementos que ajudaram os italianos a se misturar, a se integrar, mantendo um dos signos distintivos da própria identidade, o mais importante na construção das bases desta pesquisa: a coexistência das diversidades e a

¹⁶¹ Exemplos como: *Médicos Italianos em São Paulo* (Lacaz Da Silva 1989), *Italianos no Mundo Rural Paulista* (Pereira Borges, 2002), um estudo, da comunidade italiana de Pedrinhas. *Do Veneto para o Brasil* (Puppin, 1981) etc. Enfoques específicos sobre as comunidades regionais italianas (toscanos, calabreses, venezianos etc.) e sobre as particulares realidades que se criaram no Brasil.

¹⁶² Veja-se Bechelloni (2003 e 2004), Sapelli (2000), Franzina (1995) e Trento (2002).

pluralidade das culturas. Característica amplificada no contexto brasileiro que, por outras razões históricas, teve uma grande afluência de culturas e identidades que conseguiram hibridizar-se, miscigenar-se, como nos explica Gilberto Freyre nos seus estudos.

Decidi, neste percurso, não coletar histórias de vidas, como programado no começo, mas basear-me primeiramente no meu percurso de vivência no Brasil. Em dois anos tive oportunidade de entrevistar, conversar, obter depoimentos de muitas pessoas, *itálicas* ou não.

Através da observação participante consegui mergulhar profundamente, conhecer e observar a presença italiana no Brasil nos diferentes níveis de integração que produziram a hibridação da cultura italiana – e das muitas outras presentes no Brasil e que contribuíram para a formação dos Brasis¹⁶³ – a partir dos símbolos e de alguns traços da identidade brasileira. Traços que poderiam ser considerados “tipicamente italianos”, como também poderiam ser considerados “tipicamente brasileiros”¹⁶⁴. De fato são alguns elementos que tornam estas culturas e identidades mais abertas, com uma maior capacidade de conseguir estar na vida, no mundo. A capacidade de “encontrar sempre uma maneira para conseguir sobreviver” ou conseguir resolver problemas. A criatividade que outros países e outras culturas tanto gostariam de cultivar mas não conseguem. A capacidade de amar a vida e as coisas belas.

Os imigrantes foram elementos fundamentais da construção das identidades brasileiras, mas, sobretudo, introduziram na cultura brasileira alguns traços e comportamentos relevantes. Um desses traços tem a ver com o superamento da barreira contra o trabalho braçal/manual, herança de quase quatrocentos anos de escravidão. Os imigrantes que chegaram como mão-de-obra assalariada contribuíram para o desenvolvimento de uma força de trabalho inserida no mercado. A capacidade e

¹⁶³ Lembrando também o importante trabalho de análise do Darcy Ribeiro com o seu livro sobre as diversas identidades brasileiras e também o documentário que traz o mesmo título da obra, *O povo brasileiro*.

¹⁶⁴ É interessante, como já lembrei neste texto, saber que na cidade de São Paulo está sendo discutida uma proposta de Lei para tornar a pizza prato típico paulistano!

a força do trabalho do imigrante, assim como o seu sucesso, foram causas do reforço da idéia da “índole preguiçosa” dos brasileiros¹⁶⁵.

Segundo também o que diz Oliveira (2002), uma outra contribuição dos imigrantes foi permitir uma maior abertura das barreiras contra as atividades comerciais¹⁶⁶. Para muitos imigrantes oriundos dos povos do Mediterrâneo, comerciantes como os judeus, os sírios, os libaneses, mas sobretudo, os italianos¹⁶⁷ o “mascatear” foi uma das atividades principais. Uma vez que foi vencido o preconceito contra esta atividade, os imigrantes contribuíram para a implementação e o desenvolvimento do capitalismo comercial no Brasil, como demonstra, por exemplo, a rápida mobilidade social dos italianos no Brasil, bem como na Argentina. O que não houve nos Estados Unidos, onde os imigrantes se depararam com um outro momento econômico.

Para quem quer conhecer o Brasil, sugiro ir a São Paulo pelo menos uma vez. Dar uma volta de carro, de ônibus e a pé. Três diferentes formas de vê-la e conhecê-la. São Paulo é uma cidade para ser vivida e não só olhada. Infelizmente na Europa e, sobretudo, na Itália é comum identificar o Brasil só com a cidade do Rio de Janeiro – aliás, Rio – como um ícone do sexo, da transgressão, das mulheres, da praia, do sol e dos meninos de rua. Algumas pessoas nem conhecem a existência dessa megalópole que é São Paulo, a terceira maior cidade do mundo. Quando cheguei a São Paulo não acreditava na quantidade de ícones que via e que me lembravam a Itália. Vi letreiros em lojas, em restaurantes com nomes italianos, bandeiras, que na Itália raramente se vêem. É só entrar em um táxi, começar a falar com o motorista para descobrir que o sobrenome dele é italiano e sua origem familiar é fruto do encontro de diferentes culturas e povos. Durante o mestrado viajei por outras cidades e até em “cantinhos” do Brasil. Aí também encontrei – vi com os meus olhos – signos, símbolos de italianidade, ou melhor, de contaminação de italianidade.

¹⁶⁵ Que de uma certa forma ainda hoje sobrevive nos estereótipos de um Brasil onde só a gente se diverte e faz festa.

¹⁶⁶ O comércio visto como atividade “sanguessuga”.

¹⁶⁷ Com as Republicas marinheiras.

Um dia, através de um colega de faculdade, fui visitar no seu sobrado em um bairro na periferia da cidade de São Paulo um velho italiano. Ele me ofereceu vinho *lambrusco* – típico da região de Emília Romanha de onde ele veio – feito por ele. Para incrementar a sua aposentadoria, mas também porque gosta, ele faz e vende lasanha caseira para os habitantes do bairro. Todo mundo o conhece. Ele me contou alguns episódios da sua vida. Comemos bolo e falamos muitas horas sobre a sua vida, a sua experiência migratória. Ele foi primeiro para Argentina, depois para o Uruguai e só no fim veio para o Brasil. Uma vida fascinante de quem conheceu e viu muitos lugares, muitas realidades, que conseguiu levar a vida com uma grande capacidade de se adaptar a qualquer situação.

Um dia estávamos, eu e um professor italiano, indo comer na famosa pizzeria Speranza na rua Treze de Maio, no bairro do Bixiga. Estava conversando com ele sobre a minha idéia de começar um curso de teatro, quando, pouco antes de chegar ao restaurante, na mesma calçada, virei a cabeça e vi um anúncio que dizia: “cursos de teatro, inscreve-se já”. Era o Teatro do Quarteto, assim chamado com o nome da companhia que atuava¹⁶⁸ lá. Uma antiga igreja transformada em teatro, com a fachada amarela. Pedi informações e alguns dias depois me inscrevi. Esta foi uma boa oportunidade para frequentar mais o bairro.

Todas as semanas passava muitas horas no teatro e depois das aulas aproveitava, às vezes sozinha, às vezes com os colegas, para passear, andar pelas ruas do bairro, falar com donos de lojas e restaurantes. Tive muitas conversas interessantes com pessoas que me contavam das próprias origens, sobretudo, nos aspectos tipicamente mais regionais. Encontrei pessoas que não sabiam falar italiano mas sempre demonstravam uma grande vontade de aprendê-lo. Encontrei também outras pessoas que falavam um pouco de italiano. A maioria falava palavras que já foram abraçadeiras.

Existe um ditado que diz que “em São Paulo fala-se italiano”. Obviamente não é assim, mas a língua italiana encontra-se disseminada na cultura da cidade. Sem dúvida, encontrei sempre um grande interesse e entusiasmo pela Itália e sempre fui bem recebida. As pessoas queriam saber de mim mais sobre a Itália de hoje. Quase

¹⁶⁸ “Atuava”, porque agora já não estão mais aí. Tiveram que sair.

todos tinham alguma informação através do canal de televisão *Rai International*, que infelizmente não ajuda a transmitir uma correta imagem da Itália, uma vez que contribui para reforçar alguns estereótipos.

Nesta vivência, consegui participar da inauguração da famosa festa paulistana da *Achiropita*. Uma festa considerada tipicamente italiana que nasceu a partir da comunidade italiana de calabreses. Uma italiana como eu, que nunca tinha visto nada de parecido, fiquei impressionada com a quantidade de bandeiras e elementos da cultura italiana. Comida típica, em alguns casos “revisitada”, modificada. Signos da hibridação.

Para concluir, estas foram algumas sugestões da minha observação participante, do que vi, vivi e senti durante este caminho, que sinto ainda em desenvolvimento, e que pretendo continuar na real esperança e no real desejo de conseguir acrescentar algo mais – seja no campo dos estudos de comunicação, bem como de ciências sociais e na construção de uma memória individual e coletiva dos *italicos* no mundo. Espero que esta pesquisa possa também ajudar a encontrar instrumentos úteis para uma melhor convivência entre os seres humanos em qualquer parte do mundo, sem perder as próprias e específicas individualidades, mas sem ter medo do encontro com o outro, no respeito das próprias semelhanças e diferenças!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alguns livros devem ser pidiscados, outros devorados, e
alguns, raros, mastigados e digeridos.
(Fancis Bacon)

1. Bibliografia citada no trabalho

- AA.VV. (1987). *Euroamericani – La popolazione di origine italiana in Brasile*. vol. 3.
Torino: Fondazione Giovanni Agnelli.
- ALPERS, E.A. (2001). “Defining the African Diaspora”, comunicação apresentada al
workshop do Center for Comparative Social Analysis, University of California,
Los Angeles (www.sscnet.ucla.edu/soc/groups/ccsa/alpers.pdf)
- ANDERSON, B. (1996) [1991]. *Comunità immaginate – Origini e fortuna dei
nazionalismi*. Roma: Manifestolibri.
- APPADURAI, A. (2001) [1996]. *Modernità in Polvere*. Roma: Meltemi.
- BASCH, L. *et al.* (1994). *Nations unbound – Transnational projects, postcolonial
projects, post colonial predicaments, and deterritorialized nation-states*.
Langhorne: Gordon and Breach.
- BASSETTI P. (2001). *Globali e locali! Timori e speranze della seconda modernità*.
Milano: Giampiero Casagrande Editore.
- _____ (2002). *Italicità – Global and social*. Seminar on Italian and Italia
American Cultures, Washington, 8-9-10 abril 2002.
- _____ (2005). “Italici: chi e perchè”, in *NIP – News Italia Press*, nº 175, XII, 9
setembro.
- _____ (2003). “Italicità: Globale e locale”, in *The essence of italian culture and
the challenge of A global age*. Milano: Staff Edizioni.
- BASSETTI, P. e JANNI, P. (org.) (2005). *Italy identity in pluralistic context*.
Washington: The Council in Values and Philosophy, C.U. A.
- BAUMAN, Z. (2002). *La società individualizzata – Come cambia la nostra esperienza*.
Bologna: il Mulino.
- _____ (2002a). *La libertà*. Troina: Città aperta Edizioni.

- _____ (2002b). *Modernità liquida*. Roma-Bari: Laterza.
- BEACHEY, R.W. (1969). *The african diaspora and East Africa – An inaugural lecture delivered a makere university college (University of East Africa), Kampala, Uganda on 31 July, 1967*. Nairobi: Oxford University Press.
- BECELLONI G. (2002). *Svolta comunicativa – Sette lezioni*. Napoli: Ipermedium Libri.
- _____ (2003a). *Diventare italiani*. Coltivare e comunicare la memoria collettiva. Napoli: Ipermedium libri.
- _____ (2003b). *Diventare cittadini del mondo – Comunicazione e cosmopolitismo responsabile*. Roma-Firenze: Mediascape Edizioni.
- _____ (2004). *Il silenzio e il rumore – Destino e fortuna degli italici nel mondo*. Roma-Firenze: Mediascape Edizioni.
- BECK, U., GIDDENS, A. e LASH, S. (1995). *Modernização reflexiva – Política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: UNSEP.
- BECK, U. (1999). *Che cos'è la globalizzazione – Rischi e prospettive della società planetaria*. Roma: Carocci.
- _____ (2000a). *Il manifesto cosmopolitico*. Trieste: Asterios.
- _____ (2000b). *La società del rischio – Verso una seconda modernità*. Roma: Carocci.
- _____ (2000c). *I rischi della libertà – l'individuo nell'epoca della globalizzazione*. Bologna: il Mulino.
- _____ (2001). *La società globale del rischio*. Trieste: Asterios.
- _____ (2003a). *Un mondo a rischio*. Torino: Einaudi.
- _____ (2003b). *La società cosmopolita – Prospettive dell'epoca postnazionale*. Bologna: il Mulino.
- _____ (2005). *Lo sguardo cosmopolita*. Roma: Carocci.
- BECKER, H.S. (1999) [1992]. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Editora Hucitec, (4ª ed.).
- BEVILACQUA, P. DE CLEMENTI, A. e FRANZINA E. (org.), (2002). Comitato nazionale Italia nel mondo, *Storia dell'emigrazione italiana – Arrivi*. Roma: Donzelli Editore.
- _____ (2002). Comitato nazionale Italia nel mondo, *Storia dell'emigrazione italiana – Partenze*. Roma: Donzelli Editore.

- BRAUDEL, F. (1990) *História e ciências sociais*. Lisboa: Editorial Presença. (6ª ed.).
- _____. (1990) [1949]. *La méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*. Tome 1 e 2. Paris: Armand Colin.
- BURKE, P. (2003). *Hibridismo cultural*. São Leopoldo RS: Editora Unisinos.
- BURKE, P. e BRIGGS, A. (2004) [2002]. *Uma história social da mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- BUONANNO, M. (2004). “Além da proximidade cultural: não contra a identidade, mas a favor da alteridade. Para uma nova teoria crítica dos fluxos televisivos internacionais”, in LOPES, M.I.V, *Telenovela – Interacionalização e interculturalidade*. São Paulo:Edições Loyola, 2004.
- CANCLINI, N.G. (2003) [1989]. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP.
- CAVALLARO, R. (1999). *Storia senza storia – Indagine sull'emigrazione clabrese in Gran Bretagna*. Roma: CSER.
- CIPRIANI, R. (1988). “Biografia e cultura – da religião à política”, in SIMSON VON DE MORAIS, O. (1988). *Experimentos com Histórias de Vida – (Itália-Brail)*. Enciclopédia aberta de Ciências Sociais. São Paulo: Vertice.
- CLIFFORD, J. (1994). “Diasporas”, in *Current Anthropology*, vol. 9, nº 3, pp. 302-38.
- _____. (2002) [1994]. *A Experiência etnográfica – antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- _____. (1999) [1997]. *Strade*. Torino: Bollati Boringhieri.
- COHEN, R. (1997). *Global diasporas – An introduction*. Seattle: University of Washington Press.
- COMBPELL, J. (2003) [1949]. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento.
- CONNOR, W. (1986). “The Impact of Homelands upon Diasporas”, in SHEFFER, G. (org.). *Modern Diasporas and International Politics*. New York: St. Martin's Press, pp. 16-46.
- CRIFÒ, G. (2005). *Civis – La cittadinanza tra antico e moderno*. Bari-Roma: Laterza.
- DELLA PORTA, D., GRECO, M. e SZAKOLCZAI, A. (2000). *Identità, riconoscimento, scambio*. Roma-Bari: Laterza.
- DAMATTA, R. (2001). *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco.
- _____. (1997). *A casa & a rua – Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco (5ª ed.)

- _____. (1997). *Carnavais, malandros e heróis – Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco (6ª ed.)
- DEMETRIO, D. (2003). *Autoanalisi per non pazienti – Inquietudine e scrittura di sé*. Milnao: Raffaello Cortina.
- _____. (1999). *Il gioco della vita – Il kit autobiografico*. Milano: Guerini e Associati.
- _____. (1996). *Raccontarsi – L'autobiografia come cura di sé*. Milano: Raffaello Cortina.
- EISESTEIN, E. (1995) [1983]. *La rivoluzione del libro*. Bologna: il Mulino.
- FERRAROTTI, F. (1999). *Partire, tornare – Viaggiatori e pellegrini alla fine del millennio*. Milano: Donzelli.
- FERREIRA DOS SANTOS, C.J. (1998). *Nem tudo era italiano – São Paulo e pobreza (1890-1915)*. São Paulo: Annablume.
- FLICHY, P. (1994). *Storia della comunicazione moderna*. Bologna: Baskerville.
- FRANZINA, E. (1995). *Gli italiani al nuovo mondo*. Milano: Mondadori.
- FRANZINA, E. (1979). *Marcia! Marcia! Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei contadini veneti in America Latina, 1876-1902*. Milano: Feltrinelli.
- FREYRE, G. (2003) [1933] *Casa grande e senzala – Formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, (47ª ed.).
- _____. (2003) [1936]. *Sobrados e mucambos – Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*. São Paulo: Global, (14ª ed.).
- _____. (2003) [1959]. *Ordem e progresso – Processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre: aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre; e da monarquia para a república*. São Paulo: Global, (6ª ed.).
- _____. (2001) [1947]. *Interpretação do Brasil – Aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas*. São Paulo: Companhia Das Letras.
- GABACCIA, D.R. (2003). *Emigranti – Le diascore degli italiani dal Medioevo a oggi*. Torino: Einaudi.
- _____. (2005). “Diascore, discipline e migrazioni di massa in Italia”, in TIRABASSI, M. (org.). *Itinera – Paradigmi delle migrazioni italiane*. Torino: Edizioni Fondazione Giovanni Agnelli.

- _____ (2000). *Italy's many diasporas – Elites, exiles and workers of the world*. London: University College of London Press.
- GELLNER, E. (1997) [1983]. *Nazioni e nazionalismi*. Roma: Editori Riuniti.
- GERMANI, G. (1965) “Assimilación de inmigrantes en el medio urbano. Notas metodológicas”, in *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales*, vol, I, nº 2. Buenos Aires.
- _____ (1991). *Saggi Sociologici*. CAVICCHIA SCALAMONTI, A. e GERMANI, L.S. (org.) Napoli: Edizioni libreria l'Ateneo.
- GIDDENS, A. (1999a) [1991]. *La trasformazione dell'intimità*. Bologna: il Mulino.
- _____ (1999b) [1991]. *Identità e società moderna*. Napoli: Ipermedium.
- _____ (2001) [1999]. *Il mondo che cambia – Come la globalizzazione ridisegna le nostre vite*. Bologna: il Mulino.
- GIRARD R. (2003). *Origine della cultura e fine della storia*. Dialoghi con Pierpaolo Antonello e João Cezar de Castro Rocha, Milano: Raffaello Cortina.
- GOMES DE CASTRO, A. (2000). “Imigrantes italianos: entre a italianità e a brasilidade”, in *Brasil: 550 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE.
- HALL, S. (2003), *Da diáspora – Identidades e mediações culturais*, Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil.
- HERRIS, J. E. (1993). *Global dimensions of the african diaspora*. Washington: Howard University Press. (2ª ed.).
- _____ (1997) [1992]. *Identidade e cultura na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- HOLANDA, S. BUARQUE (2004) [1936]. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- INCISA DI CAMERANA, L. (2003). *Il grande esodo – Storia delle migrazioni italiane nel mondo*. Milano: Corbaccio.
- INDICE INTERNAZIONALE (2003). *Italiani – Le lettere dall'Italia dei corrispondenti stranieri*. Roma: Internazionale.
- INNIS, H.A. (2001). *Impero e comunicazione*. Roma: Meltemi.
- JANNI, P. e McLEAN, G. (org.) (2003). *The essence of italian culture and the challenge of A global age*. Milano: Staff Edizioni.
- JASPERS, K. (2005). *La fede filosofica*. Milano: Raffaello Cortina.

- KOSSOY, B.(2002). *Realidades e ficção na trama fotográfica*. Cotia – SP: Ateliê Editorial (3ª ed.).
- _____ (2001). *Fotografia & história*. Cotia – SP: Ateliê Editorial (2ª ed. rev.).
- LACAZ DA SILVA, C. (1989). *Médicos italianos em São Paulo – Trajetória em busca de uma nova pátria*. São Paulo: Gráfica Editora Aquarela S.A.
- LAVIE, S. e SWEDENBURG, T. (1996). *Displacement, diaspora, and geographies of identity*. Durham: Duke University Press.
- LE GOFF, J. (2003). *História e memória*. Campinas: UNICAMP (1ª ed. 1924).
- LEE, E. (1966). “A theory of migrations”, in *Demography*, nº 3.
- LIMA, E. P. (2004) [1993]. *Páginas ampliadas – O livro-reportagem como estensão do jornalismo e da literatura*. Barueri: Manole (3ª ed.).
- _____ (1998). “Da escrita total à consciência planetária”, in *Creatividade e novas metodologias*. São Paulo: Editora Fundação Petrópolis.
- LOPES, M. I. V. (2001) [1990]. *Pesquisa em comunicação*. São Paulo: Loyola, (6ª ed.).
- LOPES, M.I.V, (org.). *Telenovela – Interacionalização e interculturalidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- LUHMAN, N. (2002). *La fiducia*. Bologna: il Mulino.
- MACIOTI, M. I. (org.) (1985). *Biografia, storia e società – L’uso delle storie di vita nelle scienze sociali*. Napoli: Liguori.
- MAFFESOLI, M. (2000) [1997]. *Del nomadismo – Per una sociologia dell’erranza*. Milano: Franco Angeli.
- MAGLI, J. (2005). *Omaggio agli italiani – Una storia per tradimenti*. Milano: Rizzoli.
- MALDONATO, M. (2001). *A subversão do ser – Identidade, mundo, tempo, espaço: fenomenologia de uma mutação*. Petrópolis: Editora Fundação Petrópolis.
- _____ (2004). *Raízes errantes*. São Paulo: SESC SP e Editora 34.
- MARAVALL, J.A. (1991) [1972]. *Stato moderno e mentalità sociale*. vol. 1. Bologna: il Mulino.
- MATTELART, A. e MATTELART, M. (2003). *Histórias das teorias da comunicação*. São Paulo: Edições Loyola.
- MEDINA, C. (2002). *Entrevista – O diálogo possível*. São Paulo: Editora Ática (4ª ed.).
- _____ (2003). *A arte de tecer o presente – Narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus Editorial.
- MILLS, C.W. (1995) [1959]. *L’immaginazione sociologica*, Milano: Il Saggiatore.

- MORIN, M. (2003) [1982]. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- _____ (2002) [2001]. *Il metodo 5 – L'identità umana*. Milano: Raffaello Cortina Editore.
- _____ (1998). *Sociologia – A sociologia do microsocio ao macroplanetario*. Portugal: Publicações Europa-América.
- OHMAE, K. (2001). *The invisible continent – Four strategies imperatives of the new economy*. New York: Harper Collins.
- _____ (1995) *The end of the nation state*. Free Press.
- OLIVEIRA LIPPI, L. (2002). *O Brasil dos imigrantes*. Rio de Janeiro: Jorge Zaverucha Editor. (1ª ed. 2001)
- OLIVEIRA, R. CARDOSO (1998). *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: UNESP (2ª ed.).
- ONG, W. (1997) [1967]. *La presenza della parola*. Bologna: il Mulino.
- OSTUNI, M.R. (1995). *La diaspora politica del Biellese*. Milano: Electa.
- PECCHINENDA G. (1994). *Identidades Híbridas*. Valencia: Galárate.
- _____ (1997). *Emigrazione e narrazione*. Napoli: Ipermedium libri.
- _____ (1999). *Dell'identità*. Napoli: Ipermedium libri.
- _____ (2002). *Culture erranti – Sviluppo e processi migratori in America Latina*. Napoli: Ipermedium libri.
- PEREIRA BORGES, J. B. (2002) *Italianos no mundo rural paulista*. São Paulo: EDUSP.
- POZZETTA, G. e RAMIREZ, B. (org.) (1992). *The italian diaspora – Migrations across the globe*. Toronto: Multicultural History Society of Ontario.
- PRADO, P. (2001). *Retrato do Brasil*. São Paulo: Companhia Das Letras.
- PREZZOLINI, G. (2003). *L'Italia finisce, ecco quel che resta*. Milano: Rizzoli.
- PUPPIN, D. (1981). *Do Veneto para o Brasil*. Espírito Santo.
- RAWLS, J. (1999). *Liberalismo politico*. Torino: Einaudi.
- REPPETTO, T. (2004). *American mafia – A history of its rise to power*. New York: Henry Holt and Company.
- REVENSTEIN, E.G. (1885). "The laws of migration", in *Journal of the Royal Statistical Society*, nº 52.
- RIBEIRO, D. (2004) [1995]. *O povo brasileiro – A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

- RICHMOND, A. (1978). "Migration, ethnicity and race relations", in *Ethnic and racial studies*, vol. 1 n° 1. Routledge.
- _____ (1988). "Sociologica theories of internacional migration – The case of refugees", in *Current Sociology*, vol 36, n° 2. London: Sage.
- ROSOLI, G. (org.) (1978). *Un secolo di emigrazione italiana 1876-1976*, Roma: Centro Studi Emigrazione.
- SAFRAN, W. (1991). "Diasporas in modern societies – Myths of homeland and return", in *Diaspora*, n° 1, pp.83-99. London: Sage.
- SALLES, M. do R. ROLFSEN (1997). *Médicos italianos em São Paulo (1890-1930)*. São Paulo: Idesp.
- SAPELLI, G. (org.) (2000). *Tra identità culturale e sviluppo di reti – Storia delle Camere di commercio italiane all'estero*. Soveria Mannelli (Catanzaro): Rubbettino Editore.
- SIMMEL, G. (1991). *Sociologia*. Milano: Edizioni di Comunità.
- SOMBART, W. (1967) [1916]. *Il capitalismo moderno*. Torino: Utet.
- STELLA, G.A., (2003). *L'orda – Quando gli albanesi eravamo noi*. Milano: Rizzoli. (2ª ed.).
- STROHM, R. (org.) (2001). *The eighteenth-century diaspora of italian music and musicians*. Turnhout: Brepols.
- TESTER, K. (2002). *Società, etica, politica*. Conversazione con Zingmunt Bauman. Milano: Raffaello Cortina.
- THE ECONOMIST (2003). *Il mondo in cifre 2003*. Roma: Internazionale.
- THE ECONOMIST (2004). *Il mondo in cifre 2004*. Roma: Internazionale.
- THE ECONOMIST (2005). *Il mondo in cifre 2005*. Roma: Internazionale.
- THE ECONOMIST (2006). *Il mondo in cifre 2006*. Roma: Internazionale.
- TODOROV, T. (1982). *La conquête de l'Amérique – La question de l'autre*. Paris: Éditions du Seuil. (*A conquista da América – A questão do outro*. São Paulo: Mertins Fontes, 2003)
- _____ (1989). *Nous et les autres – La réflexion française sue la diversité humaine*. Paris: Éditions du Seuil. (*Noi e gli altri – La riflessione francese sulla diversità umana*. Torino: Einaudi, 1991).

- THOMPSON, P. (2002) [1978]. *A voz do passado – história oral*. São Paulo: Paz e Terra, (3ª ed.).
- TIRABASSI, M. (org.). *Itinera – Paradigmi delle migrazioni italiane*. Torino: Edizioni Fondazione Giovanni Agnelli.
- TRENTO, A. (2002) “In Brasile”, in: BEVILACQUA, P. DE CLEMENTI, A. e FRANZINA E. (org.), Comitato nazionale Italia nel mondo, *Storia dell’emigrazione italiana – Arrivi*. Roma, Donzelli Editore.
- TRINICIA, L. (1997). *Emigrazione e diaspora – Chiesa e lavoratori in Svizzera e in Germania*. Roma: Edizioni Studium.
- TRUPIA, P. (2002). *Potere di convocazione – Manuale per una comunicazione efficace*. Napoli: Liguori Editore.
- TRUPIA, P. e STEFANI, B.S. (2003). *L’impresa conviviale*. Milano: Egea.
- VALVERDE, M. (2000). “Recepção e Sensibilidade”, in: *Mídia e Recepção/2000*. São Leopoldo: UNISINOS.
- VERDECCHIO, P. (1997). *Bound by distance – Rethinking nationalism through the italian diaspora*. Madison (NJ): Fairleigh Dickinson University Press.
- VERTOVEC, R. (2000). *The hindu diaspora – Comparative patterns*. London/New York: Routledge.
- VILAS BOAS, S. (2002). *Biografias & biógrafos – Jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summus Editorial.
- _____ (2003). *Perfis – Como escrevê-los*. São Paulo: Summus Editorial.
- WATZLAWICK, P., BEAVIN HELMICK, J. e JACKSON, D.D. (2004) [1967]. *Pragmática da comunicação humana – um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. São Paulo: Editora Cultrix.
- ZOLLA, E. (1995). *Aure*. Venezia: Marsilio.
- _____ (2004). *Verità segrete esposte in evidenza*. Venezia: Marsilio.

2. Bibliografia complementar consultada

2.1 Sobre imigração

AA.VV (s.i.d). *Imigração Italiana – Brasil Italia '95 A presença italiana no Brasil*.

Consolato generale d'Italia.

AA.VV (s.i.d). *Itala Gente in Brasile*, volume I, Milano: Edizioni "Itala Gente".

AA.VV (1999). *Italiani del Molise – Italianos do Brasil*, A contribuição dessa pequena região da Itália para a história de São Paulo.

AA.VV. (2003) *I Garibaldi*. A.N.V.R.G. Istituto Italiano di Cultura di São Paulo (Brasile) e Montevideo (Uruguay).

AA.VV. (2003). *Ditte di oriundi italiani nel Rio Grande do Sul – Brasil*. Consiglio Regionale del Veneto e Camera di Commercio Italiana Rio Grande do Sul – Brasil.

AMBASCIATA D'ITALIA (s.i.d.). *Presenza italiana in Brasile*. Cenni sulle collettività. Istituto Italiano di Cultura di São Paulo e I.C.I.B. – Istituto di Cultura Italo-Brasiliano.

Consistenza ed evoluzione del sistema di piccola e media impresa in emigrazione Brasile e Uruguay, in *Emigrazione* n°9/12, Anno XXXIII settembre/dicembre 2001, patrocinio e sostegno del Ministero degli Affari Esteri.

ALVIM, Zuleika M. F. (1986). *Brava Gente*. São Paulo: Editora Brasiliense.

AZZI, R. (1987-88). *A Igreja e os imigrantes*. 2ª vol. São Paulo: Paulinas.

BACCHETTA P. e CAGIANO DE AZEVEDO R. (1990). *Le comunità italiane all'estero*. Torino: Giappichelli.

BACCINI M. e DIAGONALE A. (2002). Libro bianco. Immagine e identità degli italiani, *Come ci vedono gli stranieri* – I dati degli Istituti Italiani di Cultura, Roma: Centro Studi Stampa Romana Francesco De Sanctis.

BEOZZO, J.O. (1987). "Il clero in Brasile" in *Euroamericani – La popolazione di origine italiana in Brasile*. vol. 3. Torino: Fondazione Giovanni Agnelli.

BONFIGLIO, G. (1999). *Gli italiani nella società peruviana – Una visione storica*. Milano: Fondazione Giovanni Agnelli.

CALENDARIO ATLANTE DE AGOSTINI (2001), XX Secolo, *100 anni di dati e confronti*. Novara: Istituto geografico De Agostini.

- CASTLES, S., ALCORSO, C., RANDO, G. e VASTA, E. (1992). *Italo-australiani – La popolazione di origine italiana in Australia*. Milano: Fondazione Giovanni Agnelli.
- CENNI, F. (sd.) *Italianos no Brasil – Ansiamo in ‘Marcia*. São Paulo: Livraria Martins Editora.
- CERVO, A.L. (1991). *Le relazioni diplomatiche fra Italia e Brasile dal 1861 ad oggi*. Milano: Fondazione Giovanni Agnelli.
- CONSULADO GERAL DA ITÁLIA, ISTITUTO ITALIANO DE CULTURA E INSTITUTO CULTURAL ITALO-BRASILEIRO. (s.i.d.). *Artisti Italo-Brasileiani in São Paulo*, Galeria de Arte SESI, Exposição.
- COSTA, R. E DE BONI, L. A. (1996). *La presenza italiana nella storia e nella cultura del Brasile*. Milano: Fondazione Giovanni Agnelli.
- DE AMICIS, E. (1928). *Sull’oceano*, Milano: Fratelli Treves Editori.
- DE BONI, L. A. (org.) (1987). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli.
- DE CARVALHO, M. H. (org.) (2002), *Frammenti di Presenza Italiana in Brasile 100 Anni* São Paulo: Câmara Ítalo-Brasileira de Comércio e Indústria.
- DE STAUBER CAPRARA, L. e MORDENTE, O. A. (org.), (2000), *Brasil e Itália – Viajando entre duas culturas*. São Paulo: Lemos Editorial.
- DEVOTO, F.J., CAMOU M.M., PELLEGRINO, A. e alii. (1993). *L’emigrazione italiana e la formazione dell’Uruguay moderno*. Milano: Fondazione Giovanni Agnelli.
- FAUSTO B. (1991). *Historiografia da imigração para São Paulo*. São Paulo: Sumaré-Idesp.
- _____ (2002). *História concisa do Brasil*. São Paulo: EDUSP.
- FAVARO, L., STABILI, M.R., MEZA, R.S. e alii. (1993). *Il contributo italiano allo sviluppo del Cile*. Milano: Fondazione Giovanni Agnelli.
- FRANCESCONI, M. (1973). *Storia della congregazione scalabrina – Le prime missioni in Brasile*. III, Roma: Cser.
- FRANZINA E. (1995). “L’Italia paulista e l’immigrazione in Brasile”, in FRANZINA E. *Gli italiani al nuovo mondo – L’emigrazione italiana in America 1492-1942*. Milano: Mondadori.

- FRANZINA, E. (1996). *Dall’Arcadia in America – Attività letteraria ed emigrazione transoceanica in Italia (1850-1940)*. Milano: Fondazione Giovanni Agnelli.
- GANOCOTTI, V. (org.). (1992). *La bibliografia della letteratura italiana in America Latina*, Milano: Fondazione Giovanni Agnelli.
- GIOVANNETTI, B. P. (2000), *Racconti dal Brasile*. Roma: Lemos Editorial e Antica Libreria Croce.
- GORDINHO, M. C. (2001). *João Ometto: uma trajetória de vida*. São Paulo: Editora Marca d’Água.
- GRAU CUNILL, P. (1996). *La presenza italiana in Venezuela*. Milano: Fondazione Giovanni Agnelli.
- IANNI C. (1972), *Homens sem paz – os conflitos e os bastidores da emigração italiana*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.
- MACIOTI, M.I. e PUGLIESE, E. (2004). “Narrazioni, comunicazioni e migrazioni”, in MACIOTI, M.I. e PUGLIESE, E. *L’esperienza migratoria*. Roma-Bari: Laterza.
- MARCHAND, J.J. (org.) (1991). *La letteratura dell'emigrazione. Gli scrittori di lingua italiana nel mondo*. Milano: Fondazione Giovanni Agnelli.
- MARTINS, J. de Souza. (2003). *O imaginario na imigração italiana*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-memória de São Caetano do Sul.
- MARTINOLI, S. e PERROTTI, E. (1999). *Architettura coloniale italiana nel Dodecaneso 1912-1943*. Milano: Fondazione Giovanni Agnelli.
- MARZOLA, N. (1979). *Bela Vista – História dos Bairros de São Paulo*. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo.
- MEDINA, C. (org.) (1992). *Tchau Itália ciao Brasil*. São Paulo de Perfil – 12, São Paulo, CJE/ECA/USP.
- MEIHY BOM SEBE, J.C. (2004). *Brasil fora de si – Experiências de brasileiros em Nova York*. São Paulo: Parábola.
- MORTARA G. (1950). “A imigração italiana no Brasil e algumas características do grupo italiano em São Paulo”, in *Revista Brasileira de Estatísticas*. nº 42.
- ORIUNDI Revista ítalo-brasileira de informação e migração (diretor Vezio Nardini).
- POZZI, E. (1999). “Il mondo in italiano”, in *Impresa & Stato*. quaderno della Camera di Commercio di Milano.
- ROSOLI, G. (1982). “Chiesa ed emigranti italiani in Brasile”, in *Studi Emigrazione*. nº 66.

- SANTOS M. e SILVERIRA M. L. (2001). *O Brasil – Território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro – São Paulo: Editora Record.
- SBOLCI, A. (2001). *Amore di terra lontana*. Firenze: Le Lettere.
- SORIA, R. (1997). *Fratelli lontani*. Napoli: Liguori.
- SECCHI, E. (1998). *Diario di Enrico Secchi – I miei 56 anni in Brasile*, Un sogno: la Merica, introduzione di Emilio Franzina. Modena: Editore Baraldini.
- SPINI, S. (1983). *Bixiga – Avio de uma pesquisa urbana*. São Paulo: Instituto Italiano di Cultura.
- STOLCKE V. (1986). *Cafecultura: homens, mulheres e capital (1850-1980)*. São Paulo: Brasiliense.
- TORRES MENDES, M. C. T. (1981) *O bairro do Brás – História dos bairros de São Paulo*. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo.
- TRENTO, A. (1989). *Do outro lado do Atlântico – Um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Editora Nobel.
- _____ (2000). *Os Italianos no Brasil – Gli italiani in Brasile*. São Paulo: Instituto Italiano di Cultura.
- UNGER R. M. (2001). *A segunda via. Presente e futuro do Brasil*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- WOOD, G. S., FERGUSON, R.A., MEYER, R. et alii, (1995) *La virtù e la libertà – Ideali e civiltà italiana nella formazione degli Stati Uniti*. Milano: Fondazione Giovanni Agnelli.

3. Teóricas e metodológicas

- ABDALA, B. J. (2003). *De Vãos e Ilhas – Literatura e comunitarismos*. Cotia: Ateliê Editorial.
- BARTHES, R. (1984). *A Câmera Clara. Nota sobre a Fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (7ª impr.).
- BECHELLONI, B. (2002). *Identità portoghese e comunicazione*, Vol. 1. Tesi di laurea della Facoltà di Scienze della comunicazione dell'Università "La Sapienza" di Roma.
- _____ (2001-2002). *Verso una società della comunicazione?*, Vol. 2. Tesi di laurea della Facoltà di Scienze della comunicazione dell'Università "La Sapienza" di Roma.
- BECHELLONI G. e NATALE A.L. (2003). *Narrazioni mediali dopo l'undici settembre – Dialoghi e conflitti interculturali*. Firenze: Mediascape Edizioni.
- BECHELLONI G. e LOPES, M.I.V. (2002). *Dal controllo alla condivisione – Studi brasiliani e italiani sulla comunicazione*. Roma-Firenze: Mediascape Edizioni.
- BICHI, R. (2002). *L'intervista biografica – Una proposta metodologica*. Milano: Vita e Pensiero.
- BUONANNO, M. e LOPES, M.I.V. (2000). *Comunicação no plural – Estudos de comunicação no Brasil e na Itália*. EDUC/INTERCOM, São Paulo.
- BLOCH, M. (2002). *Apologia da história. Ou o ofício de historiador*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (1ª ed. 1993).
- CANCLINI, N. G. (2004). *Diferentes, desiguales y desconectados – Mapas de la interculturalidad*. Barcelona: Gedisa Editorial.
- CAVALLARO, R. (2004). *Orizzonti della memoria, orizzonti del gruppo*. Roma: Edizioni Cierre.
- _____ (org.) (2005). *Partire, tornare, raccontare... – L'emigrazione nella prospettiva della sociologia qualitativa*. Roma: Edizioni Cierre.
- CANEVACCI, M. (1993). *La città polifonica*, Roma: Edizioni Seam.
- CREMA, R. (1989). *Introdução à visão holística – Breve relato de viagem do velho ao novo paradigma*. São Paulo: Summus Editorial.
- FERRAROTTI, F. (2003). *La convivenza delle culture – Un'alternativa alla logica degli opposti fondamentalismi*. Bari: Dedalo.

- FRANCASTEL, P. (1993). *A Realidade figurativa*. São Paulo: Prespectiva (2ª ed.).
- FREUND G. (2004), *La fotografia como documento social*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA. (1ª ed. em francês 1974).
- LOPES, M.I.V. (2001). *Por um paradigma transdisciplinar do campo da comunicação*. In: Dowbor, Ladislau et al (orgs.). *Desafios da comunicação*. Petrópolis: Vozes.
- LOPES, M.I.V. (Org.) (2003), *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Edições Loyola.
- MARRADI, A. (1992). *Concetti e metodo per la ricerca sociale*. Firenze: La Giuntina.
- MARTINS, M. H. (Org.) (2002). *Fronteiras Culturais – Brasil, Uruguay, Argentina*. Cotia: Ateliê Editorial.
- MATTELART, André e Neveu Érik (2004). *Introdução aos estudos culturais*. São Paulo: Parábola.
- MELUCCI, A. (2000). *Culture in gioco – Differenze per convivere*. Milano: il Saggiatore.
- MORIN E. (2003). *Éduquer pour l'ère planétaire*. Paris: Balland.
- _____ (2002), *Educare gli educatori*. Roma: EDUP.
- PERUZZO KROHLING, C. M. e PINHO, B. J. (Org.) (2001). *Comunicação e multiculturalismo*. São Paulo/Manaus: INTERCOM.
- RUDIO, F. V. (1999) [1978]. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. Petrópolis: Editora Vozes.
- SANTAELLA, L. (2002) [2001]. *Comunicação e pesquisa – Projetos para mestrado e doutorado*. São Paulo, Hacker Editores.
- SANTOS, B. DE SOUSA (2003) [1995]. *Pela mão de alice – O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez Editora, (9ª ed.).
- _____ (2000)) [1989]. *Introdução a uma ciência pós moderna*. Rio de Janeiro: Graal (3ª ed.).
- SONTAG, S. (1981). *Ensaio sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Arbor.
- TOMLINSON, J. (1999). *Sentirsi a casa nel mondo – la cultura come bene globale*. Milano: Feltrinelli.

e) Webgrafia

<http://www.mediaecomunicatoriitalici.net>
<http://www.italiani.hpg.ig.com.br>
<http://www.e-italici.org>
<http://www.memorialdoimigrante.sp.goc.br/saopulo/gente/ital.htm>
<http://www.saopaulo.sp.gov.br>
<http://www.prodam.sp.gov.br/dph/historia/>
http://www.geocitis.com/imigrantes_br
<http://www.prefeitura.sp.gov.br/milpovos/comunidades/italianos/italianos.asp>
<http://www.unicamp.br/suarp/cmu/arqhist>
<http://www.italici.net/italici2.htm>
http://www.brasileitalia.net/forum/portal_content.asp
<http://www.worldsicily.it/>
<http://www.comunitaitaliana.com.br/>
<http://www.italianinelmondo.it/>
<http://www.embitalia.org.br/>
<http://www.lorenzato.org.br/principal.asp>
<http://www.conexaoitalia.com.br/>
<http://www.cuoretriveneto.it/pt/notizie.php?c=1513>
http://www.ecco.com.br/vita_mia/oriundi_granfi.asp
<http://www.italica.tur.br/>
<http://www.italica.tur.br/>
<http://www.imigrantesitalianos.com.br/>
<http://aoriani.vilabol.uol.com.br/index.htm>
<http://www.educacional.com.br/reportagens/italia/default.asp>
<http://www.lagosnet.com.br/italia/asscom2.htm>
http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/junho2003/ju215pg06.html
www.itaianossa.com.br
<http://www.cantinaroperto.com.br/imigracao.htm>
<http://www.iila.org/>
<http://www.lucchesi-nel-mondo.org/>
<http://www.rete.toscana.it/toscanamondo/Asso.htm>
http://www.vivalitalia.com.br/sp_programa.htm

<http://www.newsitaliapress.it>

<http://www.fecibesp.org.br/>

<http://www.fondazione-agnelli.it/altreitalie>

<http://www.migranews.it/links.php>

<http://www.migranews.it/links.php>

<http://www.cronologia.it/emitot.htm>

<http://www.filef.it/>

<http://www.fiei.it/>

<http://www.fecibesp.org.br/>